

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O DISCURSO NA ESCRITA/ ESCRITURA DAS RUAS NA/PELA MÍDIA:  
INTERPRETAÇÃO E COERÇÃO**

**Amanda Beatriz Gomes de Souza**

**GUARAPUAVA  
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O DISCURSO NA ESCRITA/ESCRITURA DAS RUAS NA/PELA MÍDIA:  
INTERPRETAÇÃO E COERÇÃO**

Dissertação apresentada por AMANDA BEATRIZ GOMES DE SOUZA ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-oeste UNICENTRO, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.  
Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Cleci Venturini.

**GUARAPUAVA  
2015**

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

Souza, Amanda Beatriz Gomes de

S729d O discurso na escrita/escritura das ruas na/pela mídia: interpretação e coerção / Amanda Beatriz Gomes de Souza.– Guarapuava: Unicentro, 2015.

xiii, 102 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras; área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini;

Banca examinadora: Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann, Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes, Profa. Dra Lucelene Terezinha Franceschini.

Bibliografia

1. Discurso. 2. Escrita/Escritura. 3. Enunciado-Imagem. 4. Ideologia. 5. Mídia. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 401.41

## TERMO DE APROVAÇÃO

AMANDA BEATRIZ GOMES DE SOUZA

### O DISCURSO NA ESCRITA/ESCRITURA DAS RUAS NA/PELA MÍDIA:INTERPRETAÇÃO E COERÇÃO

Dissertação aprovada em 14/12/2015 como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Cleci Venturini – Presidente/Orientadora  
(UNICENTRO)



Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann - Membro Titular  
(UNIVÁS)



Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes – Membro Titular  
(UNICENTRO)

Profa. Dra. Lucelene Teresinha Franceschini - Membro Suplente  
(UNICENTRO)

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus pais, Elza e José Aparecido, pelo amor incondicional.**

**Aos meus irmãos, Manoel e Isabel, pelos incentivos.**

**Aos meus sobrinhos, Ana Caroline e Davi, por alegrarem meus dias.**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, por me dar o suporte, através da fé e da oração, para que chegasse até aqui.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cleci Venturini, pelos ensinamentos, pela paciência, pelo exemplo de profissional e de mulher, pela amizade e pelos incentivos. Obrigada por ter acreditado na realização deste trabalho, sou grata a Deus por ter colocado na minha vida acadêmica uma pessoa tão simples e verdadeira.

À minha família, meus pais, meus irmãos, meus sobrinhos, que torcem pela realização dos meus objetivos, por compreenderem minhas ausências, por permanecerem, mesmo pela distância física, presentes em minha vida.

À minha avó, Dona Maria, que mesmo na sua simplicidade e humildade, sem entender o significado da caminhada acadêmica, torce e intercede a Deus por mim, pois sabe que cada passo é de grande importância na minha vida.

À minha ex-chefe e, para sempre, amiga, Viviane Mendes, por ter me dado a oportunidade de cursar as disciplinas do Mestrado e adequar meus horários de trabalho. Nunca vou me esquecer desse gesto compreensivo e amigo.

Aos meus amigos, sobretudo, Débora Maia, por me ensinar muito sobre a vida, por ser uma grande amiga e me auxiliar com as demandas do Mestrado, Denise Cunha, por ser tão companheira e prestativa, e Nátali Pazinato, pela tradução do resumo. A todos os amigos que estiverem ao meu lado, incentivando-me, muito obrigada.

Aos colegas do programa do Mestrado em Letras, sobretudo, Adilson, Emanuelle Priscilla, Marilda e Josiete, por compartilharem comigo dos sentimentos proporcionados por este árduo trabalho que é dissertar.

Aos membros da banca, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Massmann e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Célia Bassuma Fernandes. Obrigada pela leitura tão minuciosa do meu trabalho e pelas importantes considerações.

Aos professores do programa de Mestrado em Letras, pelos ensinamentos e pelas contribuições. Este trabalho só foi possível devido à aprendizagem proporcionada em cada disciplina cursada no programa.

Ao meu namorado, Silvonei Marcon, por, mesmo que no final do processo, ter me apoiado e transmitido paciência e respeito, compreendendo minhas ausências e meus momentos de ansiedade.

À CAPES e à Fundação Araucária, por possibilitarem condições financeiras para o desenvolvimento de parte de minha pesquisa.

Enfim, a todos que, de forma direta ou indireta, estiveram ao meu lado, auxiliando-me na realização desta importante etapa da vida acadêmica.

*Basta você falar português e eu também e o que eu estou dizendo fica absolutamente inteligível. Já compreender um discurso é conseguir explicitar a maneira como ele está produzindo sentido. E para chegar à compreensão, o analista não pode ficar só no que é inteligível, e nem mesmo no interpretável. Ele precisa entender como a interpretação está funcionando em você, em mim, pois, de uma certa maneira, eu posso, inclusive, estar produzindo sentidos que vão em uma outra direção, que você nem percebeu, não conseguiu interpretar, dadas as condições em que estão sendo produzidos (ENI ORLANDI).*



## Resumo:

O indivíduo, que se constitui em sujeito pela ideologia, constitui-se pelo desejo/urgência de comunicar-se e esse desejo, historicamente, ocorreu, em primeiro momento pela oralidade, que, no imaginário social, é efêmera e alcança uma parcela pequena de sujeitos. Necessidades inerentes ao indivíduo que se constitui em sujeito pela ligação com o histórico e o social o que o conduziu à escrita, que foi se transformando, estruturando-se, permanecendo e mudando, movimentando-se. Nesse trabalho, pensamos não somente na escrita, mas na escritura que recobre movimentos de sujeitos, de ideologias, enfim da formação social e das demandas pelas quais clama. Nosso objeto é a rua como espaço político, mais especificamente os movimentos de rua ocorridos em 2013, 2014 e 2015, destacando a impossibilidade de trabalhar a totalidade, o que resolvemos recortando imagens e selecionando um *corpus* analítico, que se constitui de textos-imagem em torno de manifestações de rua, retirados do *site* de imagens [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens) e de capas da *Revista IstoÉ* e da *Revista Veja* que circularam na *internet*, sendo que a *internet* foi, também, importante para mostrar o movimento da escrita/escritura. A questão de pesquisa, fio condutor e elemento de coesão e coerência no movimento pendular entre a teoria e o objeto da análise e do objeto à teoria, foi: Que materialidades e quais funcionamentos sustentam a escrita/escritura do discurso das ruas na/pela mídia? Para responder a essa questão mapeamos os objetivos, do geral aos específicos, os quais constituem a corporalidade da dissertação. Assim, em nosso objetivo geral, buscamos retomar a história da escrita/escritura com vistas a verificar e analisar as transformações e as repetições que estruturam/estruturaram esse discurso, na perspectiva discursiva, e mapear os seus movimentos. Para alcançar esse objetivo, foi necessário: 1) sublinhar os processos discursivos que romperam com a repetição em torno do discurso de escrita/escritura da rua como objeto discursivo, em diferentes materialidades; 2) teorizar em torno do discurso urbano e das distintas materialidades constitutivas da escrita/escritura das ruas; 3) traçar o percurso sócio-histórico dos movimentos de rua com vistas a destacar as transformações e repetições constitutivas da escrita/escritura desse discurso na/pela mídia; 4) verificar como se constituem os discursos *dos* manifestantes e *dos* veículos midiáticos *sobre* as manifestações de rua, contrapondo esse funcionamento de memória aos discursos *de*, como memória que sustentam e ancoram o discurso *sobre*, enquanto atualidade. Na perspectiva teórica, a partir da qual realizamos o nosso gesto analítico, a escrita encaminha-se para a escritura, que estrutura essa prática e significa na e pela história, produzindo sentidos pelas posições dos sujeitos em uma determinada formação discursiva. O *corpus* analítico determina as noções a serem mobilizadas a partir do gesto pelo qual o *corpus* se constituiu. Foi preciso, então, buscar as relações entre as manifestações da atualidade e aquelas que se realizaram em outros tempos e lugares, o que possibilita mostrar/discursivizar a repetição que acontece nos movimentos de rua de 2013, 2014 e 2015, sem esquecer que, no intradiscorso, a linearidade ocorre em consonância com a linha editorial de cada revista, sinalizando para sujeitos e para filiação ideológica deles, lembrando que o trabalho da ideologia instaura efeitos de evidência. Analisamos textos-imagem pela noção de enunciado-imagem, pela qual o não verbal significa pelo funcionamento da memória, constituindo-se como espaço interdiscursivo. Disso, podemos dizer que os textos-imagens significam pela memória, que comporta/reproduz ideologias. A *Revista IstoÉ* tem como centro a pátria brasileira, materializada pela bandeira e suas cores, que o sujeito leva na ‘cara’. Já na *Revista Veja*, o foco está nos *Black Blocs*, em que se realiza o jogo entre ‘tapado’, como o sujeito que nada vê, nada entende e ‘tapado’ como aquele que se mascara, se tapa, se esconde. Trata-se da tensão entre o verbal (dito) e o não-verbal (não-dito, mas visto), do deslizamento de sentidos e do equívoco presente na língua. Em relação à escrita/escritura e às materialidades que estruturam esse discurso, vale destacar as cores, os desenhos e o funcionamento da memória em torno da pátria, na qual os sujeitos se inscrevem e buscam, pelo funcionamento do

imaginário, instaurar a adesão. Essas memórias ressoam pela bandeira do Brasil, pintada no rosto dos manifestantes, na retomada de partes do Hino Nacional Brasileiro, que chama à luta, e na *internet* em que a escrita/escritura destaca-se por meio de mobilizações em *sites* de relacionamentos, de agendamento de locais e horários de realizações das manifestações e de informações referentes aos acontecimentos durante as reivindicações.

**Palavras-chave:** discurso, escrita/ escritura, enunciado-imagem, ideologia.

## **Abstract:**

The individual, who constitutes citizen by ideology, is by the desire / urgency to communicate and this desire has historically occurred by orality, which is ephemeral and reaches a small proportion of citizens. Inherent needs in the individual who is the subject in historical and social connection led to the writing, which was transforming, structuring up, remaining and changing, moving. In this work, we think not only in writing but in the scripture that covers the individual's movements, ideologies, finally the social formation and the demands for which cries. Our object is the street as a political force, specifically the street movements in 2013, 2014 and 2015, highlighting the inability to work overall, which was resolved by cutting images, and selecting an analytical corpus, which consists of image-texts around street demonstrations, taken from the website [google.com.br/images](http://google.com.br/images) and from covers magazine: "Isto É and Veja" that circulated on the internet, the internet was also important to show the movement of the writing /scripture. The research matter, thread and an element of cohesion and coherence in the oscillatory movement between the theory and the object of analysis and from object to theory was: What materiality and which working methods support the writing/scripture from the street speech in/by the media? To answer this question we map the goals, from general to specific, which constitute the meaning of dissertation. So, in our overall goal we seek to resume the history of writing /scripture in order to verify and analyze the changes and repetitions that structure/ structured this discourse, in the discursive perspective, and map their movements. To achieve this goal it was necessary to: 1) highlight the discursive processes that broke/change the repeated street written/scripture speech as a discursive object in different materiality; 2) theorizing around the urban discourse and the different constitutive materiality of street's writing/scripture; 3) trace the trajectory's socio-historical of street movements in order to highlight the changes and constitutive repetitions of this speech's writing/scripture in / by the media; 4) check how the speeches of protesters and media vehicles on street are constituted about street's manifesting , opposing this functioning of memory to speeches, such as memory that sustain and anchor the discourse, nowadays. In the theoretical perspective, from which we carry out our analytical method, writing leads for the scripture, what practice structure means in history, producing senses by the individual's position in a given discursive formation. The analytical corpus determines the notions to be mobilized from the gesture by which the corpus was constituted. Then, It was necessary, seek the relations between nowadays manifestations and those held in other times and places, which allows showing / discoursing the repetition that happens in 2013, 2014 and 2015 street's movements, without forgetting that the actual discourse what is linearity due to the editorial policy of each magazine, signaling to subject and their ideological affiliation, without forgetting the work of ideology in order to establish the purpose of evidence. It was analyzed text-image by cover page-image notion, in which the non-verbal means for the functioning of memory, becoming as interdiscursive space. About that we can say the images-texts means by the memory that sustain/multiplies its ideologies. The "Isto É" magazine has its centered into the Brazilian nation, materialized by the flag and its colors, that the individual show it painted on face. However in "Veja" magazine, the focus is on "Black Blocs", where they play 'covered' as the guy who sees nothing, understands nothing like the one that masquerades, hides. It is the tension between the verbal (spoken) and nonverbal (unspoken but seen), the sliding directions and the mistake in the language. Regarding the writing /scripture and the materiality that structure this speech, it is worth highlighting the colors, the designs and functioning of the memory around the country, in which the individuals are part and seek the imaginary functioning establish the adherence. These memories are present in Brazil's flag painted on protester's face, in recovery of Brazilian National Anthem parts, who calls the fight and the Internet in which writing /scripture stands

out through mobilizations in social networking sites, scheduling the realization of the manifestations and information regarding events during the claims.

**Key words:** discourse, writing/scripture, cover page-image, ideology.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Texto-imagem 01: Manifestantes contra a mídia.....	43
Texto-imagem 02: Manifestações que abalaram o Brasil.....	48
Texto-imagem 03: Contra o Panelaço.....	49
Texto-imagem 04: “Marcha da Família com Deus pela liberdade”.....	51
Texto-imagem 05: Marcha da Família em 2014.....	52
Texto-imagem 06: Jovens de 1968 e 2013.....	53
Textos-imagens 07: Modernização dos jovens 2013.....	54
Textos-imagens 08: Os "caras pintadas" de 1992.....	56
Textos-imagens 09: Os <i>Black Blocs</i> .....	57
Textos-imagens 10: aumento da tarifa de ônibus.....	60
Texto-imagem 11: por uma vida sem catracas.....	61
Textos-imagens 12: aumento da tarifa de ônibus e SUS.....	63
Textos-imagens 13: Padrão Fifa.....	64
Textos-imagens 14: Investimentos na Copa do Mundo.....	65
Textos-imagens 15: Críticas ao governo.....	66
Textos-imagens 16: "Cura Gay".....	68
Textos-imagens 17: "Cura Gay", Fome e Racismo.....	71
Texto-imagem 18: <i>Impeachment</i> .....	69
Textos-imagens 19: contra a repressão.....	73
Textos-imagens 20: A garra dos manifestantes.....	74
Texto-imagem 21: intervenção militar e ditadura.....	75
Texto-imagem 22: Contra o comunismo.....	76
Texto-imagem 23: Favorável ao comunismo.....	77
Texto-imagem 24: O bando de caras tapadas.....	79
Texto-imagem 25: O manifestante.....	81
Texto-imagem 26: Hoje você é quem manda.....	84
Texto-imagem 27: O rugido das ruas.....	86
Texto-imagem 28: A revolta dos jovens.....	88
Texto-imagem 29: Os sete dias que mudaram o Brasil.....	90
Texto-imagem 30: A volta da repressão.....	91

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	144
CAPITULO I .....	188
A HISTÓRIA DA ESCRITA/ESCRITURA E A RUA COMO OBJETO DISCURSIVO .....	188
1.1 A escrita/escritura: sentidos históricos e discursivos .....	199
1.2 A escrita/escritura da rua entre a paráfrase/polissemia .....	29
1.3 O discurso <i>de</i> e o discurso <i>sobre</i> : práticas discursivas de constituição das manifestações de rua .....	34
1.4 A rua como materialidade discursiva: recortando práticas .....	36
1.5 Mídia: interpretação e coerção .....	41
CAPITULO II .....	44
HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS DE RUA .....	44
2.1 Contexto sócio-histórico dos movimentos de rua de 2013 a 2015 .....	44
2.2 Percurso sócio-histórico dos principais movimentos populares no Brasil: permanência e deslocamento de sentidos .....	47
CAPITULO III .....	59
OS DISCURSOS <i>DOS</i> MANIFESTANTES E <i>DOS</i> VEÍCULOS MIDIÁTICOS <i>SOBRE</i> AS MANIFESTAÇÕES DE RUA DE 2013 A 2015 .....	59
3.1 Análise dos discursos <i>das</i> manifestações de rua .....	59
3.2 Análise dos discursos <i>sobre</i> as manifestações de rua retratadas pela mídia ...	79
EFEITOS DE FECHAMENTO .....	94
REFERÊNCIAS .....	98

## INTRODUÇÃO

**A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais foram, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e das condições. (RANCIÈRE,1995, p. 8)**

O interesse pelo estudo da língua(gem) enquanto heterogênea deu-se ainda quando estava concluindo a graduação em Letras, através da escrita/escritura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Pelo fato de já ser graduada em Secretariado Executivo e sempre ter atuado na área, percebi a ilusão que os profissionais têm ao tenderem escrever textos objetivos e claros, conforme as regras da Redação Oficial da República Federal.

Para a escrita/escritura dos documentos, é preciso seguir um manual, que determina as formas de tratamento das autoridades e os padrões específicos de cada documento, que, por sua vez, devem conter o assunto de que se trata e a informação a ser passada de forma concisa e direta. Esse documento deve ser assinado pelo responsável pelo setor, que, na maioria das vezes, não é o mesmo que o redigiu.

Diante disso, quando iniciei meus estudos em Análise do Discurso, percebi que, enquanto profissional em Secretariado Executivo, também era tomada pela ilusão de objetividade da língua e pela homogeneidade dos sentidos. Assim, desenvolvi meu TCC em Letras em torno das correspondências secretariais. O foco eram as relações de poder estabelecidas pelos documentos, na forma como a linguagem é abordada para constituir-se da pretensa clareza da língua, nas posições-sujeitos dos que escrevem os documentos, daqueles que os assinam e, daqueles que os recebem, além das formações ideológicas das instituições representadas por esses sujeitos.

Inicialmente, no programa de Mestrado em Letras, propusemos continuar a pesquisa em torno das correspondências secretariais. No entanto, analisamos que o estudo sobre o discurso *da* escrita/escritura das ruas divulgado na/pela mídia e as formações ideológicas dos veículos midiáticos enquanto discurso coercivo, também seria interessante. Por meio dele, continuaríamos abordando a linguagem enquanto heterogênea e os sentidos constituídos por sujeitos interpelados pelas formações ideológicas e pelas posições que ocupam em uma dada formação discursiva.

Assim, selecionamos o *corpus* a ser analisado e iniciamos nossas análises a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, estudados no decorrer do programa de Mestrado, e estabelecendo interfaces com outras disciplinas, como é a proposta do programa:

interfaces entre Língua e Literatura, além da teoria da AD ser abordada como uma disciplina de entremeio com outras teorias.

O desenvolvimento da pesquisa tornou-se desafiador para mim, enquanto mestranda, pelo fato de inicialmente entender a língua enquanto homogênea, devido à minha formação acadêmica como Secretária Executiva, tendo que repensar conceitos que, através da ilusão de objetividade da língua(gem), encontravam-se aparentemente concretizados. Ao mesmo tempo, foi muito prazeroso, uma vez que me possibilitou pensar a linguagem, os sujeitos, os sentidos, enfim, o mundo de forma diferente e, partindo do gesto analítico que estabelecemos para a realização deste estudo, interpretá-los, tendo em vista as posições-sujeitos a que nos filiamos.

Quando se pensa em escrita, o que ressoa e faz sentido, como memória que sustenta a prática, é a letra em sua objetividade e o seu funcionamento como sistema. Na Análise de Discurso (doravante AD), teoria a que nos filiamos, essa escrita funciona pelo simbólico atravessado pelo político, constituindo-se como prática discursiva. A escrita centrada no sistema deixava de lado o sujeito e, com ele, tudo o que não envolvesse o verbal. O mesmo se repetiu, inicialmente na AD, apesar dela ter sido fundada como disciplina de entremeio, como defendeu Pêcheux e os que, juntamente com ele, estabeleceram os pressupostos teóricos desse campo.

O foco inicial foi o discurso político, desconsiderando outras materialidades<sup>1</sup> verbais e não-verbais (as imagens, as cores, os sons e o corpo), que constituem o discurso na escrita/escritura da rua, nas materialidades midiáticas, como sinaliza a nossa investigação. Esse funcionamento decorre da prática discursiva, pela qual os efeitos de sentidos instauram-se a partir de sujeitos e das condições de produção e de circulação das materialidades.

De qualquer forma, o político permeia os discursos, tendo em vista que a sua escrita/escritura o tem como componente pela inscrição dos sujeitos em formações discursivas. Os sujeitos inscrevem-se em formações discursivas a partir de interpelações ideológicas e de atravessamentos do inconsciente, conforme sublinha Orlandi (2011a), em análise de documentários, da estátua (idem, 2010a) e de outras materialidades, dentre elas, os acontecimentos de rua.

Nesta investigação, o que nos move, são as transformações dessa escrita/escritura, que redundaram em materialidades que se constituem não só pelo verbal, mas também por imagens, sons, cores e, sempre por posturas diante do político, do social e do histórico. Para

---

<sup>1</sup> Tomamos um texto (outdoor, placa, texto-imagem, etc) como materialidade, porque não o estamos analisando como um material, mas como objeto discursivo, que se constitui por uma rede significante. Por exemplo, nos texto-imagem recostados neste estudo, analisamos as relações dos sujeitos com as máscaras, pinturas, cores, roupas, expressões instaurando redes parafrásticas.



pensar nessas transformações elegemos as ruas como espaço do político e centramo-nos em movimentos iniciados em 2013, cuja motivação inicial foi o aumento das tarifas do transporte urbano.

O discurso constitui-se, nessa perspectiva, a partir de uma base linguística e de processos discursivos, movimentando outros discursos, sustentando-se em memórias e discursos que retornam pelo interdiscurso, como o sempre-já aí da interpelação, conforme Pêcheux (2009). Devido a essa filiação, dizemos que o discurso na escrita/escritura das ruas deve abarcar não só o ano de 2013, mas também o ano de 2014 e 2015, pois um acontecimento ‘puxa’ outro, instaurando redes parafrásticas.

Diante dessas delimitações, a questão a ser respondida é: Que materialidades e quais funcionamentos sustentam a escrita/escritura do discurso das ruas na/pela mídia? Recortamos, para isso, dois veículos midiáticos: a revista *Veja* e a *Revista IstoÉ*, de forma a contrapormos as materialidades selecionadas que circularam na *internet*, no período das manifestações, para interpretar os lugares ocupados pelos sujeitos-autores dessas revistas e as formações ideológicas das linhas editoriais de cada uma, tendo em vista que a *Revista IstoÉ*, tem como centro a pátria brasileira, materializada pela bandeira e suas cores, que o sujeito leva na ‘cara’. Já na *Revista Veja*, o foco está nos *Black Blocs*, em que se realiza o jogo entre ‘tapado’, como o sujeito que nada vê, nada entende e ‘tapado’ como aquele que se mascara, se tapa, se esconde.

Analisamos, também, os discursos que se materializam por meio de cartazes, faixas, máscaras e pinturas, que significam os sujeitos em manifestações e protestos de rua. Nosso objetivo geral, diante do recorte temporal, dos veículos selecionados e das materialidades constitutivas do discurso na escrita/escritura da rua foi retomar a história da escrita/escritura com vistas a verificar e analisar as transformações e as repetições que estruturam/estruturaram esse discurso, na perspectiva discursiva e mapear os seus movimentos.

Os objetivos específicos foram: revisitar a história da escrita/escritura e sublinhar os processos discursivos que romperam com a repetição em torno do discurso de escrita/escritura da rua como objeto discursivo, em diferentes materialidades; teorizar em torno do discurso urbano e das distintas materialidades constitutivas da escrita/escritura das ruas; traçar o percurso sócio-histórico dos movimentos de rua com vistas a destacar as transformações e repetições constitutivas da escrita/escritura desse discurso na/pela mídia; verificar como se constituem os discursos *dos* manifestantes e *dos* veículos midiáticos *sobre* as manifestações de rua, contrapondo esse funcionamento de memória aos discursos *de*, como memória, que sustentam e ancoram o discurso *sobre*, enquanto atualidade.

No primeiro capítulo, revisitamos a história da escrita, de modo a pensarmos não somente na escrita em sua linearidade, mas na escritura que envolve os discursos *das* ruas. Com isso, buscamos as reproduções e transformações a partir de relações sociais entre os sujeitos, sinalizando para o sentido da escrita/escritura nos/de/para sujeitos e as formações ideológicas em funcionamento. O percurso histórico da escrita/escritura foi elaborado, neste estudo, a partir de Kristeva (2003), mas as materialidades analisadas mostraram a necessidade de considerar também o não-verbal, as cores, os movimentos e as memórias que significam antes “o rumor” das ruas, hoje “o ronco”, segundo alguns veículos midiáticos. Disso pode-se compreender/interpretar a língua como não transparente, precisando compreender a distância entre o rumor e o ronco.

Ainda no primeiro capítulo, analisamos como a rua funciona como objeto discursivo, possibilitando relações sociais em que os sujeitos se significam, por meio de suas escritas/escrituras e a escrita/escritura da *internet*, que funcionou na divulgação dos movimentos de rua e nos efeitos de sentidos que se constituíram por esse lugar. Além disso, priorizamos o funcionamento dos discursos midiáticos como coercivo e pretense, pois seguem uma linha editorial a que se filiam e de onde discursivizam acontecimentos e discursos efetivamente realizados.

No segundo capítulo, traçamos o percurso histórico dos principais movimentos de rua no Brasil para estabelecermos e analisarmos as relações dos movimentos anteriores com os atuais, buscando ressaltar o que permanece e o que desloca nesses discursos, de acordo com as filiações dos sujeitos em suas formações discursivas e a variação dos contextos em torno de cada manifestação ou, até mesmo, de um mesmo movimento de rua. Para tanto, nos amparamos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso e em discursos em torno dos movimentos de rua.

No terceiro capítulo, analisamos como se constituem os discursos *dos* manifestantes e *dos* veículos midiáticos *sobre* as manifestações de rua, partindo do poder de coerção desses veículos e das relações sujeitos-jornalísticos com suas formações ideológicas. Focamo-nos em textos-imagens de duas revistas *IstoÉ* e *Veja*, de modo a analisarmos o posicionamento de cada linha editorial, uma a favor e outra contrária às manifestações de rua, tratando da tensão entre o verbal (dito) e o não-verbal (não-dito, mas visto), do deslizamento de sentidos e do equívoco constitutivo da língua.

## CAPITULO I

### A HISTÓRIA DA ESCRITA/ESCRITURA E A RUA COMO OBJETO DISCURSIVO

**A escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo (GARCEZ, 2002, p.11).**

Neste primeiro capítulo, revisitamos a história da escrita/escritura para mostrar a sua constituição e a sua razão de ser a partir das relações entre sujeitos e os jogos de poder. A escritura não é e nunca foi disponibilizada a todos os sujeitos, assim como também o resultado dela: o texto, que na AD é a unidade de análise, também não alcança a todos, mas somente aqueles que têm direito a ler e a interpretar, conforme destacou Pêcheux (1997a), quando reflete acerca do arquivo e de sua leitura.

Não é por acaso e nem sem razão que a história da escrita/escritura é retomada e nosso objetivo com esse retorno, além dos demais já elencados, é mostrar as suas transformações. Vale sublinhar que a grande transformação da escrita/escritura se deu pela sua prática e pelo funcionamento nas relações de poder e na demonstração de força política para um modo de representar as relações sócio-históricas, tendo em conta, de acordo com Orlandi (2011a, p. 52), que “não há como separar Estado/sociedade/discurso”.

Essa passagem não significa, entretanto, que o poder e as relações de força deixaram de fazer parte dessa prática, mas que ela passou a representar, também, na ordem do discurso, as relações entre sujeitos, os quais são desde sempre, já políticos, sociais e históricos, porque são sempre já sujeitos, como sinaliza Pêcheux (2009). Esse é um pré-construído fundamental que constitui a escrita/escritura, especialmente, em relação à Análise de Discurso, que nasceu sob a égide do discurso político, período em que, de acordo com Malidier (2003, p. 16), ocorre “o deslizamento da política para o espetáculo. Era a grande quebra”.

Se a Análise de Discurso – teoria sempre em construção – reproduziu e transformou práticas, o que dizer da escrita/escritura que remonta a antiguidade? A passagem da letra para o digital, do verbal para o não-verbal e de outras formas de escrita/escritura é que impulsiona nossas reflexões e, por meio delas, buscamos responder à questão de pesquisa que funciona como fio que tece e destece nossas construções/desconstruções.

É assim que a rua funciona como objeto discursivo e a escrita/escritura do discurso em torno dela realiza-se por diferentes materialidades. Tomar a rua como objeto discursivo, já

constitui uma inovação/transformação/ruptura com a ordem estabelecida ao longo da história, pois esse gesto rompe com as resoluções que determinaram, inicialmente, qual era o papel da gramática (como coerção, prescrição) e da Linguística (como descrição). Essa última, apesar de descrever a língua em sociedade, centrou-se no verbal, deixando fora de seus domínios as materialidades não-verbais. Essas outras materialidades, assim como o verbal, constituem-se como discurso, segundo Pêcheux (1997b, p. 82), “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, sendo importante destacar que o A representa o locutor e B o interlocutor, do que Orlandi (2001, p. 63) redefine o discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores”.

### **1.1 A escrita/escritura: sentidos históricos e discursivos**

O pré-construído em torno da escrita/escritura a significa como um ato relacionado à individualidade, ao homem centrado, como responsável pelo dizer, constituído pela ilusão de que os sentidos estão nele e são por ele regulados<sup>2</sup>. Nessa perspectiva, a escrita/escritura não é mais uma prática relacionada ao óbvio e ao individual, que apaga as condições sócio-históricas de produção, as transformações e as repetições demandadas pelas filiações do sujeito em formações discursivas e, também dos movimentos sociais que os afetam. Apaga, também, que os sentidos dependem das práticas e não de indivíduos, pois a centralidades estando neles, a escrita/escritura passaria a ser um exercício focado nos atos cotidianos necessários à vida social e intelectual e não a sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. Se assim fosse, a escrita/escritura tornar-se-ia uma ação automática, em que o indivíduo escreve, sem demandas que justifiquem e legitimem o processo.

Interessa-nos a escritura, considerando-a no discurso, segundo Orlandi (2001, p. 14), “como um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre ‘pedaços’, ‘trajetos’, estados do processo discursivo”. Do que se pode sustentar a necessidade de pensar nas circunstâncias de enunciação, na memória discursiva, nas condições de produção de toda e qualquer escritura.

---

<sup>2</sup> A ilusão de ser a fonte do sentido constitui-se pelos esquecimentos, que Pêcheux (1997a, 2009) designa de esquecimento no. 01 e no 02, os quais tratamos nos fundamentos teóricos da Análise de Discurso em relação à escrita/escritura. Entretanto, é importante esclarecer que pelo esquecimento no. 01 o sujeito “esquece” que ele não é a fonte dos sentidos e que nos discursos retornam outros discursos e, ainda, que segundo Pêcheux (1997a, p. 178), “o esquecimento no. 01 regula, afinal de contas, a relação entre dito e não-dito no esquecimento no. 02, onde se estrutura a sequência discursiva”. Resumindo: o esquecimento no. 02 é da ordem da enunciação (linearidade) e o esquecimento no 01, é da ordem do inconsciente (os não-ditos, os pré-construídos).

Para pensar na escritura e não somente na escrita dos movimentos de rua, sinalizamos que a primeira funciona a partir de processos e, a segunda, a partir de resultados. Esse segundo funcionamento contraria os pressupostos teóricos da AD e é por essa razão que iniciamos pelos sentidos históricos dessa prática, passando por um deslocamento fundamental, segundo Orlandi (2004), do dado para o fato, que nos coloca no campo do acontecimento e do funcionamento discursivo. Entretanto, para realizar esse deslocamento e pensar a historicidade da escrita/escritura, faz-se necessário retomar o percurso histórico da escrita/escritura, com vistas a dar visibilidade à passagem da interpretação como ato individual à prática discursiva. Com o advento do materialismo histórico, a escrita/escritura torna-se uma prática que ocorre a partir de sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. Com isso, essa prática, assim como a leitura, fica em suspenso, demandando sentidos outros.

De acordo com o dicionário Houaiss (2001), escrever é narrar, descrever, contar algo por meio da escrita que, por sua vez, é a representação<sup>3</sup> da linguagem falada por meio de signos gráficos. Já, para o dicionário Aurélio, escrito por Ferreira (2014), o exercício da escrita é definido como pôr, dizer ou comunicar por escrito, encher de letras, compor, redigir, ortografar, fixar, gravar, formar letras. Esses sentidos ligam-se ao empírico e contribuem para a significação da escrita como um resultado relacionado a conteúdos que referendam pré-construídos e essa prática é da ordem do já sabido, do que todo mundo sabe.

Os dicionários funcionam como lugar de memória<sup>4</sup>, onde os sentidos ressoam e (re)significam. Pela estrutura e organização das palavras por meio de entradas, ele significa como totalidade, apagando o fato de que elas circulam por e a partir de sujeitos, e que comportam, por isso, o ideológico. Os efeitos de evidência ‘mascaram’ o próprio da língua(gem), na qual, há sempre espaços por onde os sentidos escapam e deslizam, instaurando efeitos de sentidos outros.

Analisamos no *site* da Folha *Online* (2006, p. 01), várias frases de autores que descrevem a prática da escrita/ escritura, conforme abordaremos neste estudo. Para Pablo

---

<sup>3</sup> A representação com a qual trabalhamos não faz coincidir objeto, mundo, pensamento. Trata-se de um funcionamento discursivo, desse modo, analisamos a representação como um funcionamento imaginário, nos moldes tratados por Pêcheux (1997a) e que referimos anteriormente. Nesse funcionamento, a representação tem a ver com a filiação dos sujeitos em formações discursivas que determinam, ainda de acordo com Pêcheux (2009) o que o sujeito pode/deve dizer ou o contrário.

<sup>4</sup> Segundo Venturini (2009, p. 70), o lugar de memória possui duplo papel: impede o esquecimento de antigas tradições e promove o resgate de laços de continuidade. Assegura a permanência do tempo tridimensional em que o passado assegura a interpretação do presente, tendo em vista o futuro. Logo, o lugar de memória funciona como arquivo em que registros de memórias podem ser recuperados, através da rememoração (discurso *de*) e funcionam na atualidade pela comemoração (discurso *sobre*).

Neruda, “escrever é fácil: você começa com maiúscula e termina com ponto. No meio, você coloca ideias” (FOLHA *ONLINE*, 2006, p. 01). Há, nessa afirmação, um efeito de ironia, que referenda o que dissemos em torno da escrita/escritura como pré-construído. Como afirma José Saramago "somos todos escritores. Só que uns escrevem, outros não." (FOLHA *ONLINE*, 2006, p. 01). Drummond define a escrita como “triste, impede a injunção de outros tantos verbos” (FOLHA *ONLINE*, 2006, p. 01).

Na perspectiva discursiva, a escrita/escritura depende de sujeitos, aos quais cabe escolher as palavras de acordo com os efeitos de sentidos que pretende dar ao texto e de acordo com a sua filiação. A interpelação dos sujeitos pela ideologia e o atravessamento pelo inconsciente faz com que a intenção escape e a escrita/escritura constitua-se pela opacidade e pela heterogeneidade. É preciso eleger as palavras, as quais constituem os efeitos de sentidos desejados, ressaltando que, apesar do desejo e da intenção, o inconsciente e o ideológico são relevantes, porque recobrem a constituição e a filiação do sujeito.

O sentido da escrita/escritura é, então, ideológico. Os sujeitos têm para si o que a escrita/escritura representa em suas vidas, a partir de suas posições ideológicas, conforme relata Clarice Lispector quando diz que "Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada." (FOLHA *ONLINE*, 2006, p. 01). Nessa definição, a escritora, mesmo inconscientemente, define a escrita/escritura criativa, a qual, apesar de não ter o objetivo de representar o mundo e os sujeitos, cumpre essa função, pelo que é inerente à finalidade do escrever, que demanda o ler.

Os escritores ligados à literatura evidenciam o elevado valor que a escrita/escritura representa na vida de cada sujeito, pois pode servir como uma bênção, algo sagrado, tanto para quem escreve, como para quem a recebe. A escrita/escritura, para Lispector, é sentimento, além da razão, que são imensuráveis e, através do registro, eles podem tornar-se reproduzíveis/mensuráveis. Portanto, nesse ponto de vista, a escrita/escritura torna possível o impossível.

Nessa concepção, a escrita/escritura, para alguns, é tida como um “ato de liberdade”, conforme afirma o pensador Martin Amis (FOLHA *ONLINE*, 2006, p. 01). Ela liberta os sujeitos, porque, conforme o já-dito por Lispector e Drummond, mesmo que os sentidos falhem e faltem, a escrita/escritura se constitui como um modo de nos significar e de significar o outro.

Ela é uma forma de dar sentido, de expressar e de resistir a partir de filiações em formações discursivas pelas quais ressoa a nossa filiação a outros discursos e memórias. Para

mapear os movimentos de rua e buscarmos os processos constitutivos de sua escritura, é que iniciamos pela história da escrita, deslocando-a para o funcionamento discursivo.

O desejo de comunicar constitui o indivíduo em sujeito, uma vez que está atrelado à ideologia. Esse desejo/urgência em comunicar-se originou-se pela oralidade, porém, há o pré-construído de que essa forma de comunicação é passageira, temporária e provisória, isto é, efêmera, alcançando uma parcela pequena dos sujeitos, pois não há registro dos acontecimentos. Dessa forma, as necessidades de registro dos fatos são inerentes aos indivíduos, pois eles se constituem em sujeitos pela ligação com o histórico e social, assim, conduzindo-os à escrita/escritura. Segundo, Le Goff (1990, p. 53),

[...] a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história. Mas não devemos esquecer que: 1) oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história; 2) a história que tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedades sem história. [...]

Assim, compreendemos que o acréscimo da escrita/escritura tem grande relevância para o desenvolvimento da história, mas a oralidade também é importante para a compreensão do processo histórico, pois relaciona-se com a escrita/escritura e ambas são elementos de individua(liza)ção dos sujeitos. Porém, esses imaginários em torno da importância da oralidade foram sendo criados recentemente com o advento das ciências, visto que, no passado, os povos sem escritas/escrituras eram considerados sem cultura.

A passagem da comunicação de gestos e da oralidade para a escrita/escritura foi entendida como uma revolução na comunicação humana. De acordo com o imaginário social, a fala (discurso oral) não tem duração ao longo do tempo e, caso não haja registros por meio da escrita/escritura, as informações podem ser esquecidas. Por isso, devido à história da escrita/escritura, o discurso escrito passou a ter maior credibilidade que o oral, pois ressoa como comprovação do discurso, pela permanência no tempo ou avanço de fronteiras, principalmente no mundo atual, com a evolução tecnológica.

Se a oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem, a escritura é o que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia. (DIAS, 2009, p. 16)

O pré-construído da escrita/escritura, enquanto eternização e comprovação de fatos históricos concretiza-se e tem valor segundo Diderot *apud* Queiroz (2005, p. 02), tendo em vista que:

[...] sem escrita, privilégio do homem, cada indivíduo, reduzido à sua própria experiência, seria forçado a recomençar a carreira que o seu antecessor teria percorrido, e a história dos conhecimentos do homem seria quase a da ciência da humanidade.

Dessa forma, sinaliza que, por meio da escrita/escritura, novas histórias são recriadas, baseando-nos em acontecimentos passados e, também, a relação natural do sujeito com a escrita/escritura. Assim, memória e escrita/escritura interligam-se e a valorização do texto escrito acontece, porque os sujeitos, pelas leituras, revivem acontecimentos e a vida de antepassados, ressoando, por meio deles, memórias que possibilitam a repetição e o retorno de discursos, mesmo que inconscientemente. Para a AD, esse discurso anterior significa, de acordo com Pêcheux (2009, p. 149), pelo que fala antes “em outro lugar e independentemente, isto é, sob dominação de um complexo de formações ideológicas”. É o pré-construído que fornece a cada sujeito a ‘sua’ realidade. Nesse âmbito, Courtine (1981, p. 51), afirma que:

[...] toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega [...]. Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos.

Estes efeitos de memória<sup>5</sup> dão-se por meio da formulação, isto é, no intradiscorso. Dessa forma, através da leitura de discursos escritos transformamos, repetimos e produzimos novos discursos, acrescentando nossa identidade, nossas particularidades. Mas, segundo Pêcheux (2009, p. 25), a língua serve para comunicar e, também, para não comunicar, isso porque os sentidos dão-se devido às posições ideológicas das palavras, gestos e imagens no discurso. Os discursos são retomados na formulação pela repetibilidade, a qual tem seus limites, visto que em uma determinada formação discursiva há uma matriz de sentidos que estabelece o que pode e deve ser dito, ou seja, alguns dizeres não são permitidos no interior de uma Formação Discursiva (doravante FD). (INDURSKY, 2011)

---

<sup>5</sup> Para Indursky (2003), na perspectiva discursiva, o dizer se sustenta em já ditos, na repetição, assim, os sujeitos ressignificam sentidos que já existem e não originam novos sentidos. Isso significa que os já-ditos são passíveis de reformulações, que acontecem no ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade e é entendido como efeito de memória, onde os sentidos são rememorados e comemorados no intradiscorso.



Não existe uma data que registre o momento exato do surgimento da escrita/escritura, mas a comunicação sempre existiu. Acompanhou as evoluções dos sujeitos, contribuindo em seus desenvolvimentos e, por isso, algumas divisões históricas são necessárias, tendo em vista que o acréscimo da escrita/escritura foi considerado o marco inicial do processo histórico e o fim da Pré-História.

A prática da escrita/escritura, inicialmente, era feita via desenhos. A escrita/escritura suméria é considerada a língua escrita mais antiga do mundo, cujos grifos eram feitos em formato de cunhas. Por isso, foi denominada de escrita cuneiforme e teve sua suposta origem por volta de 3.500 a. C., coincidindo com o encerramento da Pré-História. Feita por sumérios da antiga Mesopotâmia, o suporte eram tabletes de argilas que, posteriormente, eram cozidos. Tratava-se de um sistema pictográfico que se transformou em um conjunto de sinais silábicos e fonéticos, com centenas de sinais diferentes. A palavra pictograma vem do latim e significa "letra pintada". (HEITLIGLER, 2007)

Os objetos retratados representavam ideias, por exemplo, um barco com um sinal possibilitava indicar se ele estava cheio ou vazio. Os Acádios, ao conquistarem a Suméria, adaptaram o sistema para materializar a língua. Muitos textos sobrevivem até hoje pelo fato de terem sido transcritos por escribas, porém nenhum alfabeto derivou desse sistema de escrita, visto que a língua suméria é uma língua isolada, ainda segundo o mesmo autor.

O uso da escrita/escritura tinha uma aplicação mítica e religiosa e havia uma veneração aos escribas que eram considerados “os que brilhavam como o Sol”. Um texto escrito por Sardanapalo, rei da Assíria, atribui a origem da escrita/escritura ao deus Nabon e os acádios acreditavam que o ensino da escrita/escritura foi realizado por um homem-anfíbio, Oes, que escreveu um livro sobre a origem do mundo e da civilização, antes de voltar às águas. (KRISTEVA, 2003). Assim, a escrita/escritura cuneiforme marcou o processo de transição entre a oralidade e a escrita/escritura.

A escrita/escritura, a partir da cuneiforme, foi transformando-se, de acordo com cada povo que a estruturou, conforme suas necessidades e culturas. Algumas características permanecem até hoje, como o caso da escrita/escritura chinesa que é tida como imortal, pois sofreu poucas transformações até os dias atuais, sendo o mais perfeito exemplo de escrita. (MEREGE, 2009). Ela é entendida como um talismã, representa um domínio do universo pelo homem, diferente das demais, ela não possui um valor sagrado, mas é sinônimo de poder político e governamental, cuja missão é ordenar as coisas designando-as corretamente. Ainda de acordo com Kristeva (2003), é através da escrita/escritura que essa missão se concretiza.

Desde a antiguidade, a escrita/escritura já representava uma forma de poder, o que se constitui como evidência, e se sabe pela bíblia, que ela significa poder e adquire força de lei. Moisés não tinha facilidade para falar e nem o domínio da escrita/escritura, mas para que conseguisse ajudar o seu povo, teve necessidade de um poder linguístico. Para ajudar o seu servo, o Senhor intervém duas vezes (Êxodo, IV, 10). Dessa forma, observa-se que, na bíblia, a língua era tida como relação de poder, associando a posse da linguagem como posse do poder espiritual e, também, do Estado. (KRISTEVA, 2003, p. 107) Assim, Moisés, investido/tomado pela escrita/escritura assume a posição-sujeito de um líder que diz ao seu povo o que pode ou deve fazer, inscrevendo-os em formações discursivas constituídas por memórias discursivas, que territorializam o dizer.

Moisés recebe uma vara milagrosa para fazer brilhar o poder de Deus e, investido desse poder, escreve todos os mandamentos do Senhor para selar a aliança entre os Israelitas. Como tinha dificuldade para escrever, acaba funcionando como um porta-voz de Deus, sendo que fala/escreve no lugar de Deus, assumindo, conforme Pêcheux (1990), o lugar daquele que representa. Assim, as leis não são de Moisés, mas de Deus, a quem ele representa.

E o Senhor, quando acabou de falar com Moisés deu-lhe as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus (Êxodo, XXXI, 18). Eram obras de Deus, como a escrita que estava gravada naquelas tábuas era da mão de Deus, e tinha-os escrito duas vezes para marcar sua relevância e para melhor fazer sentir a necessidade de serem observados (Êxodo, XXXII, 16). (KRISTEVA, 2003, p.108)

Nessa passagem e durante o livro de Êxodo, é dada visibilidade à importância da escrita/escritura, pois, por meio dela, o sujeito exerce o domínio sob os demais sujeitos e detém o poder. Entendia-se que a função da escrita/escritura era eternizar regras, dominar uma nação. Para eles, a escrita/escritura era dom de Deus, quem a dominava havia sido interpelado pelo Espírito Santo, que interveio, retomando o discurso sobre a aura de sagrado que ronda a escrita/escritura, como já defendiam os sumérios e os egípcios. Esses funcionamentos têm a ver com a cultura e com a civilização de cada povo, que colocava todos os poderes e crenças, acreditando no seu Deus ou nos seus deuses.

No período medieval, houve muitas especulações sobre a linguagem, assim, começa a se formar uma consciência da língua como característica nacional, sendo significada como expressão de uma etnia e garantia de independência política. Dessa forma, alguns teóricos passaram a duvidar da santidade das línguas latinas, hebraicas e gregas, para reconhecerem sua própria língua. Um exemplo desse funcionamento deu-se por São Constantino, que criou

a sua língua e, por ser um homem santo, tornou-a uma língua santa, em oposição, por exemplo, à língua grega criada por pagãos. (KRISTEVA, 2003). Segundo a autora, o estudo da linguagem, nessa época, era tido como um espelho (*speculum*) em que, através do sentido, o mundo refletia-se.

A evolução da escrita/escritura significa o homem no mundo, transformando-se da antiguidade até nossos dias, relacionando-se, intrinsecamente, ao sujeito, no seu cotidiano, pois é a partir dela que a história é registrada, muitas vezes, de modo não intencional, nem racional. Essa necessidade de registrar os acontecimentos originou-se com os homens primitivos, ainda no tempo das cavernas, em que as imagens eram gravadas nas paredes. O sistema de representações das histórias foi se desenvolvendo progressivamente até chegar à escrita alfabética, usada mundialmente.

Sendo assim, o homem passou a escrever seus mais diversos feitos e seus conhecimentos. Começou a escrever enciclopédias, cuja palavra tem origem nas palavras gregas *enkyklos* (“em torno de/ circular”) e *paideia* (“educação”) e fora usada até o Renascimento como a educação que abrange todo o conhecimento, todo o ramo do saber. (CAMPELLO; CALDEIRA, 2008). Segundo o dicionário Aurélio, escrito por Ferreira (2014), enciclopédia significa: obra que trata de muitos ramos dos saberes humanos. Ela se divide em ramos gerais, que abrangem conhecimentos humanos de várias áreas e específicas, que abordam apenas uma área do conhecimento humano, tratando os temas de forma mais ampla que o dicionário.

Pelo gesto que determinou os recortes sinaliza que o desenvolvimento da escrita/escritura foi fundamental para o processo histórico da comunicação, mas priorizamos, também, o visual, como as cores, as imagens e os corpos que, também, significam e significam os sujeitos inseridos no mundo. Essas materialidades, portanto, estruturam os discursos dos sujeitos e devem ser levadas em consideração. Além, da oralidade que não deve ser excluída, pois a transmissão dos saberes por meio da escrita/escritura origina-se na língua falada.

Também, na pós-modernidade o virtual ocupa seu lugar, os saberes que antes eram organizados em livros, com o acesso às informações, passam a ser digitais, o que facilita na ascensão desses conhecimentos pelo homem e ocasiona maior acesso, atingindo um número maior de sujeitos. O avanço tecnológico contribuiu para a evolução da escrita/escritura. Os dígitos, que no início eram uma contagem numérica, passam a representar uma gama de caracteres, fazendo com que o papel deixasse de ser o único meio de anotação, passando para

a utilização de livros digitais, difundindo de forma mais complexa a escrita/escritura. (COSTA *et al*, 2013).

Uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo é, portanto, o gesto de escrever. Por essa razão, é a partir da compreensão da historicidade da escrita, ou seja, do trajeto dos sentidos que a escrita como tecnologia foi produzindo quando da utilização de diferentes ferramentas e suportes, que podemos compreender que as diferentes formas de relação social estão ligadas a uma tecnologia e que a forma do conhecimento tem a ver com essa tecnologia. (DIAS, 2009, p. 10)

Na era digital, lê-se e escreve-se rotineiramente, seja por meio de *sites* de relacionamentos, por meio de artigos, livros ou revistas digitais, através de *blogs*, *e-mails*, dentre outros. Por fim, essa era possibilita contato com diversos tipos textuais, o que resulta na descentralização da informação e, com isso, no aumento da capacidade humana de aprender.

O acesso aos diversos tipos formas e tipologias de escrita/escritura relaciona-se com o hipertexto, em que através de *links*, o leitor pode passar de um texto para outro, possibilitando várias leituras, opiniões e escritas/escrituras sobre um tema. Segundo Costa (2013), “o hipertexto apresenta-se como uma nova forma de escrita e de comunicação da sociedade”, auxiliando, ainda mais, na ampliação do acesso à escrita/escritura e ao conhecimento por parte da coletividade.

A tecnologia é, também, o lugar de produção dos discursos, conforme afirma Dias (2013, p. 56):

Não se pode negligenciar, no campo da linguagem, o sentido da tecnologia. A tecnologia, desde que o mundo é mundo produz efeitos na história, na língua, na sociedade, a saber, na relação pensamento-linguagem-mundo. O desenvolvimento tecnológico é a base da noção de sociedade (mundo), tal como a conhecemos hoje.

Para Orlandi (2012, p. 191), “a escrita é uma relação do sujeito com a história, subentendendo em sua relação com o simbólico. A inscrição do sujeito na letra é um gesto simbólico-histórico que lhe dá unidade, corpo, no corpo social”. Nessa perspectiva, analisamos que, em grau cada vez mais elevado, a escrita/escritura vem desempenhando um papel primordial na vida dos sujeitos, pois, mesmo com a modernidade, a escrita/escritura ainda é elemento de comunicação, seja virtual ou física, como o caso dos pictogramas que foram as primeiras tentativas de registros feitos pelo homem e que foram resgatados pelo

homem moderno na informática. Por meio de desenhos figurativos com ícones na barra de ferramentas, observamos que esta linguagem está presente cotidianamente na vida do homem atual. (SILVA, 2009).

Além disso, o pictograma é, também, muito utilizado como sinalização de locais públicos (trânsito, endereços, explicações, proibições), de acordo com Pimentel (2007). Por isso, até hoje a escrita/escritura não para de se transformar, principalmente devido ao avanço tecnológico. A escrita/escritura transformou-se dos papiros ao papel, do papel à criação de inúmeros livros impressos e, atualmente, com o crescimento dos leitores eletrônicos, segundo Valente (2009).

A escrita/escritura, como tantas outras invenções do gênio humano, é considerada um aprimoramento de algo inventado anteriormente e a sua invenção é um dos fatos responsáveis pelos desenvolvimentos na antiguidade. Isso significa que cada civilização colocou/expressou na sua escrita/escritura aquilo em que acreditava e dava à escrita/escritura um valor que variava de acordo com suas crenças. “Os modos de individua(liza)ção<sup>6</sup> dos sujeitos da escrita se dão de formas diferentes nas diversas conjunturas históricas” (ORLANDI, 2012, p.192).

As memórias em funcionamento que persistem e continuam a ressoar são as de que a escrita/escritura, como a linguagem, funciona pela ideologia, pela cultura de cada civilização, que determinam os processos pelos quais a língua faz sentido. De acordo com Orlandi (1994, p. 57) “a ideologia não é x, mas o mecanismo de produzir x”. A autora preocupa-se, também, em redefinir a ideologia, esclarecendo que ela não é ocultação. Para ela:

A ideologia, por sua vez, é a interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários. A ideologia, não é, pois, ocultação, mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo. [...]. Há uma contradição entre mundo e linguagem e a ideologia é o trabalho dessa contradição. (ORLANDI, 2004a, p. 31)

Desde a antiguidade, quando das primeiras iniciativas de escrita/escritura e a estima que se tinha com o seu exercício, o ser humano já era interpelado por suas ideologias, suas visões de mundo, e, a partir dessas visões, a escrita/escritura ia constituindo-se em cada sociedade. Segundo Pêcheux (2009), as ideologias constituem os indivíduos em sujeito, não havendo discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Nessa perspectiva, Orlandi (2013)

---

<sup>6</sup> A individua(liza)ção, segundo Orlandi (2011c, p. 05-06) do sujeito pelo Estado se dá, ao contrário da interpelação que é geral. A individua(liza)ção é particular de acordo com as influências das relações do Estado com a sociedade. Nesse sentido, o simbólico e o político se articulam, e os sujeitos ocuparão sua posição, a partir das relações de poder que estruturam a divisão da sociedade, estabelecendo determinados laços sociais.

reitera que não há sentido que não seja determinado ideologicamente. Assim, Pêcheux (2009, p. 146) afirma que:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe "em si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Vale destacar, então, que a formação discursiva é o lugar material da ideologia, sinalizando que essa inscrição determina o que o sujeito pode ou não dizer ou fazer a partir de uma formação ideológica. Pêcheux (2009, p. 147) define a formação discursiva como "aquilo que, numa *formação ideológica* dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]".

Dessa forma, os sujeitos e os discursos constituem-se a partir de suas posições ideológicas e sua inscrição em formações discursivas. Disso pode-se dizer, que a análise de um discurso pressupõe a relação do discurso com as posições-sujeito dos sujeitos-manifestantes, que analisaremos, ancorando-nos em *discursos* escritos *das* manifestações, isto é, discursos que circularam durante as manifestações (cartazes e faixas).

Além de revistar a história da escrita/escritura, pretendemos sublinhar os processos discursivos que romperam com a repetição em torno do discurso de escrita da rua como objeto discursivo, em diferentes materialidades. Demanda desse objetivo, destacar a AD enquanto teoria que toma a língua como base linguística e, também, os processos discursivos, definidos por Pêcheux (2009, p. 148), “como sistema de relações, de substituição, paráfrases, sinonímias, etc. que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”.

## **1.2 A escrita/escritura da rua entre a paráfrase/polissemia**

Assumimos, neste trabalho, que o discurso da escrita/escritura da rua é um mecanismo em torno da não-transparência do dizer, uma vez que a linguagem está sujeita à falha, à falta, ao equívoco, à opacidade, à incompletude e à ideologia, o que encaminha para o discurso enquanto heterogêneo, de acordo com as filiações dos sujeitos e suas formações discursivas. Em outras palavras, o sujeito possui a ilusão de ser a origem do dizer, à medida que é afetado pelos esquecimentos que Pêcheux (2009) e Orlandi (2013) destacam como

esquecimentos da ordem da enunciação, o dizer só pode ser um, e da ordem do inconsciente, os dizeres significam antes em outro lugar.

O fio condutor das análises deste estudo, no que tange ao não-verbal, é a noção de enunciado-imagem, pela qual o não-verbal significa pelo funcionamento da memória, constituindo-se como espaço interdiscursivo. Disso podemos dizer que os textos-imagens significam pelo que significa antes em outro lugar (pré-construído), pela memória, portanto, que comporta/ reproduz ideologias. Assim como as palavras, um mesmo enunciado-imagem pode significar diferentemente, pois a interpretação depende da posição-sujeito a que o sujeito é filiado/ inscrito.

Buscamos verificar, pela interpretação da formação social, a forma como esses movimentos foram discursivizados. Segundo Venturini (2009a, p.130), a imagem significa como enunciado/texto, uma vez que “incorpora elementos do pré-construído, que se produzem no exterior do discurso e organizam a repetição [...] provocando, eventualmente, apagamentos, esquecimentos e, às vezes, a denegação”. Assim, os textos-imagens (todo) e enunciados-imagem (uma parte do todo) significam pelo interdiscurso.

Priorizamos o funcionamento da língua como o lugar da falha e da falta, que encaminha para a heterogeneidade e a inscrição do sujeito em dadas formações discursivas. Dizendo de outro modo, recortamos materialidades discursivas que circularam na mídia impressa, em *sites* de revistas e pensamos no funcionamento da ideologia na língua. Levamos em conta ainda, a memória e as formações discursivas, vinculadas às condições de produções dos textos-imagens que iremos analisar e aos sujeitos divididos e constituídos pelos dois esquecimentos (designados de nº 01 e nº 02) destacados por Pêcheux (2009) e por Orlandi (2013).

Orlandi (2013) trata as ilusões decorrentes dos dois esquecimentos, conforme apontados anteriormente, não como defeitos, mas como necessárias para o funcionamento da linguagem nos sujeitos e para a produção de efeitos de sentidos. O esquecimento, para a autora, não é voluntário e as retomadas são essenciais para que os sentidos derivem, instaurando o equívoco e a falha. Conforme ela, “as palavras são sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras” (ORLANDI, 2013, p. 36), ou seja, as palavras não são indiferentes aos sentidos e existem independentemente dos sujeitos, existindo antes e funcionando fora deles.

Nas materialidades propostas, analisamos o não-dito a partir dos textos-imagens estruturados por enunciados-imagem, segundo Venturini (2009a), como espaços interdiscursivos que significam por meio de redes de memória. Trata-se do funcionamento do

interdiscurso, o qual de acordo com Orlandi (2013, p. 82), sustenta o dizer do presente, como um lugar que comporta todos os sentidos, os quais retornam a partir da filiação e inscrição dos sujeitos à FD. O que não é linearizado e que designamos de não-dito, é importante para a interpretação, pois é a partir dele que ressoa no intradiscurso, o que ficou por ser dito, mas foi esquecido ou apagado pelo funcionamento da ideologia. Trata-se, de um “efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação” (ORLANDI, 2013, p. 82).

O discurso funciona e se estrutura a partir de sujeitos e por discursos anteriores, que retornam fazendo funcionar em novas manifestações memórias de outros movimentos. Com isso, destacamos que a memória está sempre funcionando no sujeito, e, por mais que ele se imagine como sendo a origem do dizer, não há como apagar o que foi dito antes em outro tempo e lugar. Portanto, aspectos de outras manifestações são retomados e ressoam nos discursos dos manifestantes de 2013, 2014 e 2015, através da escrita/escritura, que por sua vez, também se eterniza pelas redes sociais, produzindo discursos da atualidade, pelos quais retornam memórias.

Por meio das redes sociais, os sujeitos agendam encontros para manifestarem-se e protestarem nas ruas. Marcam horários e os locais das manifestações, possibilitando a organização temporal e espacial do movimento, divulgam textos-imagens dos manifestantes com seus cartazes e faixas, ampliando o acesso às informações referentes ao movimento, possibilitando que ele alcance um número maior de sujeitos. Essa escritura ocorre, também, por meio de gestos e de imagens, constituídas por enunciados, porque enquanto espaço interdiscursivo, já significam antes, em outro lugar e, quando se inscrevem em distintas materialidades (re)significam e fazem funcionar outros domínios discursivos que analisaremos, juntamente com as escritas das ruas por meio dos recortes de textos-imagens.

Nessa perspectiva, os sentidos não são exatos, eles funcionam pela memória e pela história, a partir de interpretações por parte do sujeito-analista. Orlandi (2013b, p. 03) afirma que a AD "é uma ciência da interpretação" e este é o real com o qual o sujeito-analista trabalha. Ainda segundo a autora, "que não se demonstra. Mostra-se. Topa-se com ele: o impossível de que não seja assim".

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (ORLANDI, 1996, p.9)



A AD trabalha com as diferentes formas de linguagens, não apenas com a linguagem escrita, que analisamos como importantes, mas não a única forma de exposição de ideologias, pois, segundo Orlandi (2004), não há apenas um sistema de signos. Eles são muitos, porque há várias formas de significar e a matéria significante é plural, isto é, a relação do sujeito com os sentidos se dá em diversas formas de expressão: pintura, enunciados-imagens, música, escritura, escrita, sendo assim, analisaremos nos textos-imagens todas as formas de posicionamentos ideológicos, inclusive os silenciamentos e não-ditos.

Os silêncios também significam não-ditos e pelo que fica a dizer. Orlandi (2013, p. 82) define o silêncio como “o não-dito, mas presente”, possibilitando com que o dizer possa ser outro, ecoando no sujeito (1997, p. 162). De acordo com a mesma autora (1997, p. 70), há, de um lado, o silêncio fundador, no qual os sentidos sempre podem ser outros, sendo essa a própria condição da produção de sentido. Para ela, o silêncio não é vazio, mas indício de uma totalidade significativa, sendo o “vazio” da linguagem um horizonte e não uma falta. O silêncio fundador não é a ausência de palavras, mas relaciona-se ao que ressoa e significa, apesar da ausência. Ele é contínuo, possibilitando outros sentidos a serem ditos.

De outro lado, há o silenciamento ou a política do silêncio, que segundo a mesma autora, define-se “[...] pelo fato de ao dizermos algo, apagamos outros sentidos possíveis, mais indesejáveis, em uma situação discursiva dada”. (ORLANDI, 1997, p. 75). A política do silêncio divide-se em silêncio constitutivo e silêncio local. No primeiro funcionamento, “uma palavra apaga outras palavras” (ORLANDI, 2013, p. 83) e instaura a possibilidade de o sentido sempre poder ser outro, especialmente, quando se usa uma palavra no lugar de outra. Trata-se de um exercício parafrástico. O segundo funcionamento, o silêncio local, diz respeito à censura, em que determinadas palavras não podem/não devem ser ditas, tendo em vista a filiação do sujeito a determinadas Formações Discursivas.

O discurso, conforme afirma Orlandi (2013, p. 15), é “a palavra em movimento”, é a mediação entre o homem e a realidade, o que torna possível “tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive”. Nesse ínterim, segundo Orlandi (2013, p. 36) “o discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente, o já dito e o a se dizer”, pois, ainda segundo a autora (2013, p. 37) “nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem os discursos, já estão prontos e acabados”. Portanto, os sentidos sempre podem ser outros, dependendo da tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos.

É no jogo entre paráfrase (estabilização) e a polissemia (deslocamento) que “os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam” (ORLANDI,

2013, p. 36). Em outras palavras, o discurso caminha sempre entre o esquecimento e o novo, permitindo que os enunciados tenham seus vários sentidos e que o sujeito, a partir de suas ideologias, também signifique no discurso. Esses funcionamentos, segundo Indursky (2011), encaminham para a memória, como pré-construído (interdiscurso - complexo de formações discursivas) e como memória discursiva (sentidos autorizados pela forma-sujeito em uma dada formação discursiva), pela qual um discurso sempre tem a ver com discursos que já circularam antes, em outros lugares.

Nesse funcionamento, os discursos *das* manifestações são reconstruídos na formulação, atualizando o presente pela representação dos manifestantes, possibilitando que os discursos retornem pela repetibilidade por meio de memórias, não podendo ser considerados como originais. No entanto, de tanto se repetir e por gestos realizados por sujeitos, os sentidos se desestabilizam e rompem com a repetição, instaurando o novo, o diferente, em um efeito polissêmico.

A paráfrase, de acordo com Orlandi (2013), é a cristalização dos processos de significação e a polissemia como a criação, sendo que essa depende daquela, uma vez que os discursos já significaram antes, em outros lugares, e, o novo depende do que já foi dito antes para fazer sentido, para (re) significar. Durante as manifestações de rua, entre 2013 e 2015, a escritura dos discursos *das* ruas foi se transformando, de acordo com os posicionamentos ideológicos dos manifestantes de cada movimento. Em 2013, dentre tantas reivindicações, destacou-se o fim da tarifa de ônibus no país, conforme ressaltado nos textos-imagens a serem analisados.

As redes parafrásticas constituem-se pela repetibilidade, isto é, do mesmo, que de tanto repetir pode instaurar o novo, o diferente, partindo dos efeitos de sentidos e do deslize de sentidos dos discursos. Segundo Orlandi (2013), ao pensarmos discursivamente a linguagem é difícil estabelecer limites entre o mesmo e o diferente. Por isso, consideramos que todo o funcionamento da linguagem se dá na tensão entre os processos parafrásticos - a memória estabilizada - e os processos polissêmicos - as rupturas, os deslocamentos.

Nesse ínterim, é a partir dos pré-construídos, das memórias do saber em torno de um acontecimento, que interpretamos os dizeres linearizados e atualizados, mas vale ressaltar que o dizer da atualidade se realiza por meio de memórias, que trabalhamos, a partir de Venturini (2009a), como discurso *de*. Neste capítulo, portanto, definimos o discurso *de* e discurso *sobre*, para aliar as teorias discursivas com as análises propostas nesta investigação e, assim, partindo do nosso gesto de leitura, sinalizar para esses funcionamentos, tendo em vista que um discurso só significa e faz sentido, se significar antes, em outro lugar.

### 1.3 O discurso *de* e o discurso *sobre*: práticas discursivas de constituição das manifestações de rua

Os discursos *de* - rememoração - funcionam como suporte para instaurar e sustentar os discursos *sobre* - comemoração - pois traz para a atualidade vestígios do passado que retornam e são interpretados no presente, a partir das formações ideológicas dos sujeitos. Nessa perspectiva, o funcionamento da rememoração se dá a partir das memórias que sustentam a comemoração no eixo da formulação, amparando os dizeres. (VENTURINI, 2009a, p. 50)

Priorizamos o discurso de rememoração como pré-construído, as memórias do saber, o ‘sempre já-aí’, que ocupa o espaço do já-dito e significado antes que, pela repetição, estabiliza os sentidos e instaura o novo, por isso, institui-se por meio de processos parafrásticos, cristalizando os sentidos. Assim, os sujeitos filiam seus dizeres nas formações discursivas, a partir dos discursos *de* e essas escolhas se dão a partir dos seus desejos e as possibilidades das formações discursivas a que se inscrevem. (VENTURINI, 2009a, p. 73-74)

A memória liga-se a acontecimentos passados, porém, a rememoração, como memória que sustenta/ancora e possibilita significar esses acontecimentos dá-se a partir do presente, pois a partir do que está funcionando nesse presente que memórias retornam/ressoam. Então, o presente norteia os sentidos cristalizados que precisam ser rememorados para a instauração do novo, por meio da linearização dos dizeres, isto é, na comemoração.

Na perspectiva em que trabalhamos, rememoração e comemoração funcionam juntas no intradiscurso, pois, ao comemorar, os sujeitos revivem os acontecimentos coletivamente. Isso porque o discurso *sobre* ocorre pelas atualizações dos dizeres no eixo da formulação, a partir do discurso *de*, que funciona como memória e como discurso fundante – constitui efeito de verdade e autoridade no intradiscurso. A comemoração traz outros enunciados ao intradiscurso que atua como fundador, por isso, com a repetição é possível a instauração do novo, do diferente. Assim, o discurso *sobre* atualiza saberes, possibilitando que os discursos signifiquem diferentemente (VENTURINI, 2009a, p. 75- 79).

As noções de rememoração e comemoração não se separam, pois, a memória discursiva e a atualização do discurso constituem uma materialidade de sentido. Esta relação rememoração/comemoração funciona a partir da memória vertical, que representa o já-dito e significado antes, em outros lugares, trata-se do eixo das seleções que retornam como pré-construído no eixo da formulação e a memória horizontal, lugar de linearização do dizer, onde

ocorrem as relações dos dizeres e são atualizados como processos polissêmicos, o novo, ou como processos parafrásticos, a repetição (VENTURINI, 2009b, p. 77- 82).

Nesse âmbito, consideramos neste estudo, que a escrita/escritura das ruas e as mídias funcionam como lugar de memória, porque nelas ressoam o político e o histórico social em torno da formação social. Assim, o discurso *das* manifestações de rua possibilita que os dizeres e os saberes ressoem como repetição, por meio de memórias que retornam e são atualizadas nas formulações discursivas do presente, por meio da permanência e do deslocamento dos discursos. Portanto, os dizeres das manifestações de rua são sustentados pela historicidade e pelas memórias discursivas presentes nesses funcionamentos ressaltados como lugar de memória.

As escritas/escrituras constituem-se pelo que está no lugar de memória, pois buscam evitar o esquecimento, instaurando a ilusão de que os acontecimentos como fatos datados podem ser comprovados. No âmbito do discursivo não é isso que acontece, pois, os registros passam pela intenção e essas falham e faltam, porque a ideologia e o inconsciente funcionam desde o que é, na ordem do empírico, “registrado”, até o modo como os sujeitos leem/interpretam esse dizer, pela determinação da ideologia e seu consequente assujeitamento dos sujeitos.

Assim, rememoração e comemoração, como funcionamentos da memória na formulação de acontecimentos em discursos na escrita/escritura, são, também, ideológicas. A escritura constitui-se pelas demandas, filiações e desejos do sujeito-autor, pois os dizeres são atualizados a partir da escrita, isto é, dos registros, mas, também, sempre a partir de sujeitos e de filiações, conforme destacamos neste capítulo. Há, portanto, desde a escrita até a escritura um jogo de poder, que abordamos no início deste capítulo. Esse jogo se desenvolve pela divisão da sociedade em classes e pela luta de classes, conforme assinala Althusser (1984).

Através dos veículos midiáticos, há o registro de acontecimentos no presente e do passado, por meio do verbal, de imagens e pinturas. Esses registros, segundo Orlandi (2010b, p. 15-16), realizam-se pela memória metálica, é formal e “lineariza, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições”. De acordo com a mesma autora, essa indistinção produz o efeito de onipotência do autor, pois a infinidade de informações constitui evidências de saturação, como se as informações fossem infindas.

Nesse âmbito, a memória metálica produz-se por um construto técnico, que produz uma "variedade sem ruptura", uma soma de discursos, importando a quantidade e não a historicidade. Levamos em consideração, neste estudo, os discursos midiáticos e a leitura

deles por sujeitos e a implicatura desse posicionamento é que, apesar de evidências de saturação, mesmo a memória metálica faz funcionar o não-todo, especialmente, porque os sujeitos constroem discursos e significam esses discursos, pelas posições-sujeitos que ocupam. Essas posições decorrem, apesar de ‘parecerem’ sofrerem consequências da coerção e da pretensão de homogeneidade, escapam pelo modo de discursivizar e pelo lugar que os sujeitos ocupam.

As ruas, parte do urbano, funcionam como identificação do sujeito por meio de trocas sociais que são limitadas pela ideologia, constituindo os sujeitos e, a partir dessas trocas, eles se significam. O urbano exerce, ainda, papel de memória das relações sociais, funcionando como um arquivo a ser lido a partir das ruas, como lugar em que este arquivo se constitui e funciona. Essas memórias retornam além das relações sociais, como espaço em que movimentos anteriores aconteceram, e, por isso, a escolha dos locais onde ocorrerão as manifestações não são aleatórias, pois os sujeitos baseiam-se nos espaços já ocupados antes para manifestarem-se. A seguir, abordaremos a rua e o urbano como espaço de relações sociais e constituição dos sujeitos.

#### **1.4 A rua como materialidade discursiva: recortando práticas**

Para a AD, segundo Orlandi (2013, p.15), o homem tem a capacidade de significar e significar-se, sendo a linguagem, logo, o discurso, a mediação entre ele e a realidade natural e social, possibilitando a permanência e a continuidade ou o deslocamento e a transformação dele e da realidade em que vive. Portanto, a existência humana se dá através do discurso, que tem sempre uma materialidade composta pela memória e história que, por meio do interdiscurso, atualizam-se no dizer do presente, no intradiscurso.

O sujeito identifica-se com determinadas formações discursivas de onde produz seus discursos e essa identificação se dá por meio de interações sociais e pelas filiações identitárias em que se inscrevem nas formações sociais. O indivíduo, portanto, constitui-se em sujeito devido a suas práticas sociais e discursivas que são interpeladas pela ideologia, pela história e pelo inconsciente.

É através das cidades que as práticas sociais ocorrem, pois a cidade é um espaço de múltiplos discursos e posições discursivas, que funciona como uma rede de interdiscurso constituída por memórias discursivas e formações discursivas distintas que dão subjetividade ao sujeito. A cidade funciona, portanto, como um espaço de memória, como uma espécie de

arquivo que carrega consigo memórias a partir de sujeitos que a habitam e que são significados como corpo das cidades, tornando-se um só corpo pelas relações sócio-históricas.

Assim como no campo da linguagem, as relações sociais são limitadas pela ideologia, que para Orlandi (1994, p. 56), não “é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’”, ou seja, a ideologia é um efeito sobre as condições de produção. Assim, conforme definido por Maluf-Souza (2005, p. 01) "a cidade é consequência das discursivizações em torno dela, ela é espaço interpelado e funciona, então, como efeito e como materialização das interpelações que constituem a memória discursiva de se dizê-la".

De acordo com Venturini (2009a, p. 137), a cidade deixou de ser vista como apenas um elemento de delimitação espacial e, a partir do século XIX, passou a ser considerada como memória. Dessa memória, emergem as tensões urbanas, fazendo com que a cidade seja também um documento que pode ser definido na ordem do discurso, pelo que vem da ciência do urbano, constituindo-se, então, como grande texto a ser lido, decifrado. Por isso, as cidades significam-se pelo discurso e pela ligação com os sujeitos que a habitam.

Nesse âmbito, focamos na rua, neste estudo, pois a compreendemos como parte da cidade. Conforme definido por Teixeira (2014, p. 27), a rua é "um elemento de organização das cidades e das suas relações sociais". Pelo funcionamento do imaginário, tudo pode acontecer na rua porque nela/por ela ressoam sentidos de liberdade. No entanto, trata-se de uma ilusão de liberdade, uma vez que a rua possui suas próprias regras de funcionamento na construção de identificações, filiações. Ao manifestarem-se, determinados espaços das cidades são escolhidos para que o movimento ocorra, e não há como esses sujeitos estarem em todos, mas apenas nos/pelos quais retornam memórias que significam na atualidade, pela memória. Os manifestantes que mantinham contato através das redes sociais, escolhem as ruas nas quais podem ter maior visibilidade pela sociedade, pelo governo e pela mídia.

O avanço tecnológico, contribui para mudanças no espaço urbano, uma vez que, atualmente, torna-se possível desenvolver "n" atividades através de aparelhos eletrônicos, sobretudo, com a utilização da *internet* móvel, e com isso a sociedade se (re)significa, sendo denominada como "sociedade em rede". De acordo com Dias (2011), o "e-", que representa o eletrônico, contribui para a evolução das cidades, repercutindo na vida dos sujeitos, nas relações sociais, na rua e também no espaço da nossa casa.

Nesse âmbito, a mobilidade é também (re)significada, uma vez que os sujeitos circulam no espaço urbano e, também, no espaço digital. As práticas sociais passaram a ser realizadas de diferentes formas devido ao desenvolvimento das tecnologias da informação. Assim, sociedade e informação têm se organizado e a mobilidade constitui o sujeito e suas

relações sociais, políticas e ideológicas, sendo importante para que o sujeito crie um lugar no mundo. Portanto, ela é inerente ao homem. (BARROS; MASSMANN, 2013).

Analisamos, por isso, que a mobilidade urbana e o avanço tecnológico caminham juntos, e, por conta disso, o sujeito, inserido no espaço em rede e no espaço urbano, constitui-se nessa tensão do urbano e do digital, possibilitando apontamentos, de acordo com Barros; Massmann (2013) de um possível “Homo Connectus” que pratica relações sócio-tecnológicas que sustentam as relações sociais atuais. A mobilidade através dos meios tecnológicos é constante e, atualmente, os movimentos dos sujeitos se dão de forma física (pelo urbano) e digital, concomitantemente, possibilitando que os sujeitos e as cidades estejam sempre em movimentação e propensos às mudanças.

De acordo com Dias (2011, p. 14), o e-urbano é "a forma material da cidade contemporânea", e possibilita-nos, juntamente com a forma material da palavra, entendermos os processos de produção de sentido e de vida, por meio das relações sociais estabelecidas no espaço urbano e no espaço eletrônico. Estas relações são significadas por cada um destes espaços. Ainda, segundo a autora (p. 23), a discursividade do eletrônico está

[...] no processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, no modo como estamos nela, como significamos os espaços e somos por eles significados, no modo como somos individuados pelo Estado na forma do discurso da tecnologia e no modo como nessa discursividade a informação como excesso, saturação do sentido, não dá margem para a interpretação. O sujeito, contudo, no movimento de compreensão da subjetividade pode deslocar o sentido, resistir.

Por isso, a tecnologia e o urbano tornaram-se indissociáveis, pois é através das ruas e dos veículos digitais que os sujeitos estabelecem e sustentam suas práticas sociais. Essas práticas são efetivadas nas manifestações que abordamos neste estudo, pois os sujeitos estabelecem relações por meio de *sites* de relacionamentos e efetivam essas relações quando vão às ruas protestar. Trata-se, portanto, da constante movimentação dos sujeitos, exemplificada por Barros e Massmann (2013), que utilizam a metáfora do trem escrita por Lemos, em que o sujeito movimentava-se física e digitalmente quando, dentro de um trem, a 200km/ hora, acessava informações em seu *site* de relacionamento.

Porém, ao irem às ruas, os sujeitos que se organizavam por meio de veículos digitais, deixam de ser virtuais, isto é, o discurso se organiza na *internet*, mas se materializa nas ruas. A rua é o espaço de legitimação dos discursos e dos sujeitos, a partir dos vínculos sociais. Conforme afirma Nunes (2013, p. 81) "os sujeitos virtuais imaginados em suas casas tornam-

se "reais" e têm na cidade, nas ruas, o lugar de realização dos vínculos sociais". O que ressoa nas expressões muito presentes nas manifestações de 2013 e 2015, como, "vem para rua", "saimos do facebook", "a rua é nossa". Para Winchuar (2014, p. 114) a rua é "mais do que parte do espaço urbano, ela estrutura-o por meio de práticas sociais e discursivas, pelas quais os sujeitos se constituem e constituem o urbano".

Nesse âmbito, as redes sociais tornaram-se, além de um local de desabafo, principalmente, o meio onde os sujeitos expõem suas vidas, por meio de fotos dos acontecimentos, que, na maioria das vezes, causa o efeito de sentido de que a vida é perfeita, sem dificuldades, todos são felizes o tempo inteiro. Dessa forma, observamos que, ao saírem da *internet* e irem para às ruas, os sujeitos expressam, por meio das escritas/escrituras de rua, outro lado da vida, o lado das dificuldades, ressoando que a vida não é tão perfeita quanto a expressada pelas redes sociais e que é através das ruas que o lado real da vida é discursivizado.

Nesse viés, as redes sociais e os veículos digitais são fundamentais para a exposição e visibilidade de opiniões dos manifestantes, são importantes para a organização dos eventos, porém é na/ pela escrita/escritura da rua que os discursos materializam-se e que os sujeitos são "ouvidos". O movimento coletivo torna-se individual, ao analisarmos os discursos de cartazes e faixas dos manifestantes, pois os sujeitos não são isentos à ideologia (NUNES, 2013). Assim, a rua, por meio de suas regras de funcionamento, possibilita a coletividade e a individua(liza)ção dos sujeitos, assim como a linguagem, pois segundo Orlandi (2004b, p. 62) o espaço é "material simbólico com uma quantidade de sujeitos vivendo dentro. Na divergência do comum".

A rua passou a ser pensada em muitos trabalhos ancorados na Análise do Discurso de vertente francesa. Cabe-nos ressaltar como esses trabalhos se deram, de modo a explicitarmos como os discursos são passíveis de diferentes sentidos, devido aos recortes e gestos de leitura, partindo dos diversos posicionamentos dos sujeitos analistas. Segundo, Orlandi (2013b, p.01), "a interpretação possibilita múltiplas análises de um mesmo material", fazendo o conhecimento se movimentar. Na construção do dispositivo analítico, a questão estabelecida pelo pesquisador, sua maneira de considerar o *corpus* (objeto de análise) pode trazer contribuições diferentes para o conhecimento do objeto simbólico e o processo de significação desse objeto. Dessa forma, "a interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão".

Para Teixeira (2014), a rua (espaço público) foi pensada em relação à casa (espaço privado); por meio de análises da obra Lucíola, constatou-se que a rua é inferiorizada em



relação à casa, tendo em vista que os sujeitos que estão nas ruas são excluídos. No decorrer da obra, os espaços vão sendo significados pela forma como o sujeito-autor coloca os personagens em cena, e a rua e a casa significam diferentemente para sujeitos-masculinos e sujeitos-femininos, devido às posições que ocupam nas formações sociais.

Winchuar (2014) analisou a divisão material do espaço urbano da colônia suábio-germânica de Entre Rios. As análises deram-se a partir do mapa da região, considerado pelo autor, materialização da ideologia, devido à disposição dos enunciados, legendas, linhas e espaço em branco. Foram analisadas placas com nomes das ruas que são compostas pela língua portuguesa e pelo alemão, encaminhando para o saudosismo em relação à pátria deixada para trás e a gratidão à pátria em que habitam, o que permite a legitimação de um espaço bipolar, devido a dupla filiação dos sujeitos a costumes e culturas de diferentes povos.

Goulart (2015), em seu estudo, analisou os discursos que nortearam as manifestações de rua de 2013, ressaltando o papel das redes sociais, trazendo como interdiscurso movimentações da Grécia em 2011 e da Turquia em 2013, partindo dos enunciados "não é só por vinte centavos" e "o gigante acordou". O autor constatou que as redes sociais auxiliaram para que os discursos das ruas fossem analisados sob diferentes condições sociais. E a mídia jornalística possibilita que os fatos sejam evidenciados com pontos de vistas contrários aos presentes nas páginas das redes sociais, através das posições-sujeitos dos sujeitos-autores.

O que priorizamos, com o recorte das práticas de análise do urbano apontadas acima, é verificar as possibilidades de análise em torno de um mesmo objeto simbólico e suas significações. Nesse âmbito, esclarecemos que o trabalho realizado neste estudo em torno da escrita/ escritura da rua diverge-se dos apresentados, anteriormente, devido ao nosso gesto de leitura e aos recortes estabelecidos para a realização das análises. Assim como o gesto de interpretação realizado pode possibilitar novas análises, uma vez que cada sujeito-analista ocupa uma posição-sujeito e é assujeitado pela ideologia, de acordo com as formações discursivas em que se inscrevem, pois, segundo Orlandi (1994, p. 56), diante de qualquer objeto simbólico "x", somos instados a interpretar o que "x" quer dizer.

Nossas interpretações neste estudo serão realizadas a partir de textos-imagens veiculados na *internet* e de recortes ressaltados pelos veículos midiáticos de acordo com as linhas editoriais a que se filiam. Dessa forma, priorizamos o funcionamento dos discursos midiáticos como coercivo e pretense, apesar dos sujeitos serem acometidos pela ilusão de que a língua é homogênea, clara, concisa e objetiva e que, em especial, a mídia retrata apenas a "realidade" sem assujeitamentos.

### 1.5 Mídia: interpretação e coerção

O sujeito do dizer, no texto jornalístico/midiático, teria, tendo em vista o suporte e a sua posição na formação social, por objetivo “passar apenas a mensagem” necessária para o entendimento do discurso, com objetividade e clareza, sem expor sua opinião. Essa prática sinalizaria para a inexistência de subjetividade e, portanto, para um sujeito responsável pelo que é dito. A comunicação jornalística/midiática, de acordo com Lage (1999, p.39), é:

[...] por definição referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. *Isto impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa*. As exceções são poucas: reportagens-testemunho, algumas crônicas textos intimistas para grupos restritos.

Isso significa que, na perspectiva do discurso jornalístico/midiático, há a exigência do uso da terceira pessoa que instaura a impessoalidade, apagando o sujeito do dizer e encaminhando para efeitos de homogeneidade no que tange à língua, a qual se pautaria na clareza e na objetividade, especialmente, no texto *online*, em que os sujeitos procuram informações rápidas, conforme explicado por *The Online Journalist apud Ward* (2006, p. 115):

Todas as reportagens devem ser escritas de forma clara e acessível - nós escrevemos para um público generalizado e globalizado. Não devemos assumir muito conhecimento. A importância da reportagem - por que devemos nos importar - precisa ser hasteada o quanto antes, assim como, o impacto sobre pessoas comuns. Diga isso a todo momento!

A referência ao discurso imparcial e à clareza da língua encaminha para um discurso sem sujeito, no qual não haveria interpelação ideológica. Esse é, contudo, um pressuposto questionado pela AD, de orientação francesa, na qual o sujeito é uma categoria sempre presente. Segundo Pêcheux (2009), as ideologias constituem os indivíduos em sujeito, não havendo discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Também, Orlandi (2003) reitera que não há sentido que não seja determinado ideologicamente.

Destacamos, a partir desses dois autores, que o sujeito se constitui pela ilusão adâmica de ser a fonte do sentido e de que a linguagem é homogênea, isso porque é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, enquanto autor. Há, também, além daquele que escreve um leitor, que nessa perspectiva é também sujeito, portanto, assujeitado ideologicamente e afetado pelo inconsciente. Nesse funcionamento, conforme afirma Orlandi

(2003, p. 48), "[...] nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem num processo em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente".

Isso significa dizer que as palavras não têm sentidos "próprios", mas adquirem sentido no funcionamento do discurso, ou seja, de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos que as empregam (formação ideológica) e as relações que essas palavras mantêm com outras palavras dentro de uma determinada formação discursiva.

A mídia, nessa perspectiva, não é isenta de ideologia e os discursos que se linearizam, no intradiscorso, estão em consonância com a linha editorial de cada revista. Isso sinaliza que os sujeitos assujeitados ideologicamente, isto é, são acometidos pela ilusão adâmica de que são a origem do dizer e que escolhem conscientemente as palavras para atingir os "efeitos desejados". Mas, para a AD, não são só as palavras que significam, mas também, os silêncios, o que ficou por ser dito, as imagens, as cores selecionadas pelo sujeito-autor para discursivizar e o funcionamento da memória em torno dos acontecimentos, que neste trabalho lineariza-se em torno da pátria.

Respeitar a palavra é muito importante no texto da televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função (Rede Globo de Televisão, 1984, p. 11, *apud* REZENDE, 2000, p.44).

Orlandi (2012) recupera as reflexões de Jean Davallon para mostrar que a imagem e a memória possuem relação intrínseca, que a imagem é compreendidaa como materialidade discursiva que significa e faz circular a memória do dizer. Os textos-imagens que analisaremos neste estudo, divulgados pela mídia, tornam visíveis os posicionamentos das linhas editoriais de cada revista analisada, *Veja* e *IstoÉ* e para analisá-los, é preciso recuperar as memórias do dizer/ ver de outros discursos e de outros movimentos de rua.

Muitos sujeitos constituem-se pelo pré-construído em torno do discurso jornalístico/mídia de apenas relatarem os fatos reais, e, por isso, muitos acreditam fielmente nos discursos divulgados pelos veículos midiáticos, mas os sujeitos-leitores escolhem, mesmo que, inconscientemente, qual veículo midiático deve tomar como verdadeiro e essa escolha se dá a partir de seus posicionamentos e suas filiações. Durante as manifestações, os sujeitos-manifestantes se posicionaram contra a linha editorial da revista *Veja*, uma vez que ela, a partir das imagens divulgadas, posicionou-se contra as manifestações de rua de 2013.

### Texto-imagem 01: Manifestantes contra a mídia



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

No texto-imagem 01, o posicionamento dos sujeitos-manifestantes de 2013 contrários às informações divulgadas pela revista *Veja* e favoráveis aos discursos que circularam pela revista *IstoÉ*, quando empunham cartazes com os dizeres “Não Veja”, em que a escrita/escritura da palavra “veja” imita as letras s da revista *Veja*, ressoando ordem para que a determinada revista “se cale” e ao mesmo tempo ressoando ordem para que a população não leia os discursos divulgados pela revista *Veja*.

No mesmo texto-imagem, um manifestante segura um cartaz com a frase “Veja, IstoÉ o Brasil”, instaurando o efeito de sentido de que os manifestantes queriam “ser vistos” para mostrar que as manifestações são características do povo brasileiro. Utilizando-se do jogo entre as palavras *Veja* e *IstoÉ*, que denominam as linhas editoriais que estamos analisando neste estudo. Há, também, o efeito de sentido de que a revista *IstoÉ* “pertence” ao Brasil e se intitula como brasileira a partir do momento que se posiciona a favor das manifestações e, por isso, o manifestante chama atenção da revista *Veja* a qual ressoa, pelo texto-imagem, como não patriota.

Essas análises se concretizam com o cartaz ordenando “Cala a boca Reinaldo Azevedo”, jornalista da revista *Veja* e, portanto, assujeitado pela linha editorial da revista a que se filia. Assim, compreendemos que, ao contrário do pré-construído em torno dos discursos jornalísticos/midiáticos, os sujeitos posicionam-se em seus discursos, pela interpelação ideológica, e, por isso, estes discursos são pretensos e coercivos.

Após sublinharmos o funcionamento dos discursos midiáticos, o posicionamento do sujeito-autor e do sujeito-manifestante, cabe-nos teorizar em torno do discurso urbano e das diferentes materialidades da escrita/escritura da rua.

## CAPITULO II

### HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS DE RUA

**O político, para quem trabalha com a linguagem, está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora ‘pareçam’ os mesmos. Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam essas divisões. (ORLANDI, 2010a, p.12)**

Neste segundo capítulo, revisitamos a história das principais manifestações de rua, bem como das manifestações de 2013 a 2015 no Brasil, a fim de retratarmos a permanência e os deslocamentos dos sentidos, por meio do imaginário social em torno das mobilizações sociais. Orlandi (1994, p. 57) afirma, citando Sercovich (1977), que não há uma relação direta entre linguagem e mundo, mas uma ilusão referencial por conta do imaginário, uma forma de remissão direta à realidade, por isso o efeito de evidência. Por outro lado, ao se transformar signo em imagem, isto é, ao tirar a história, há uma perda do seu significado, um apagamento que produz a ilusão de que ela é transparente. É a relação com a história que mostra a eficácia do imaginário social, capaz de determinar transformações.

Analizamos, ainda, que as posições-sujeitos, bem como as interpelações ideológicas por meio das filiações dos sujeitos em formações discursivas, significam nos discursos das manifestações de rua e, por isso, podem causar o deslocamento de sentidos em uma mesma manifestação ou de um mesmo discurso em manifestações diferentes, uma vez que a AD, conforme alude Orlandi (2013, p. 16) trabalha com "a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto membros de uma determinada forma de sociedade".

#### **2.1 Contexto sócio-histórico dos movimentos de rua de 2013 a 2015**

Uma das manifestações de rua, que propomos analisar, nesta investigação, iniciou dia 20 de junho de 2013, quando mais de 1,25 milhão de pessoas, conforme informações do jornal online G1- Brasil, reuniram-se em mais de 100 (cem) cidades brasileiras para manifestarem-se contrariamente às medidas do governo. O movimento foi denominado *Jornada de Junho* e o estopim para sua eclosão foi o aumento da tarifa do transporte coletivo. Porém, os protestos se deram em razão de vários outros motivos, como contra a PEC 37, a

cura gay, o ato médico e os demasiados gastos com as obras para a Copa do Mundo que estava próxima de ocorrer no Brasil.

Os motivos para as reivindicações eram muitos e, por isso, para alguns veículos midiáticos, o movimento era visto pela imprensa como protesto sem pauta, como algazarra e não como manifestação consciente e necessária para o país. Por outro lado, outros veículos midiáticos defendiam o movimento que, por ter se iniciado principalmente em função do aumento da tarifa do transporte coletivo, ficou conhecido como Movimento do Passe Livre, visando à aprovação da tarifa zero.

Orlandi (2013, p. 30) afirma que as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação e que também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer as condições de produção é fundamental”. Nessa perspectiva, compreendemos que o contexto imediato foi o aumento da tarifa do transporte coletivo e os gastos com o evento mundial de futebol. De forma mais ampla, a história de outras manifestações e, até mesmo, fatos que aconteceram no país anteriormente e que não levaram a manifestações no passado, passaram a ser importantes para que o movimento de 2013 acontecesse. Trata-se de um efeito de memória.

A organização do movimento foi feita basicamente por meio de redes de relacionamentos, que se destacam na atualidade mundial, como uma característica da juventude. Por isso, o movimento ficou conhecido como sendo liderado por jovens, o que nos permite estabelecer relações com outros movimentos no Brasil e no mundo, que tinham como protagonistas a juventude, como, por exemplo, os movimentos estudantis e o movimento dos "caras pintadas". Trata-se, portanto, de um efeito do interdiscurso sobre as formulações e atualizações dos dizeres no presente. Para Orlandi (1998, p. 09), o interdiscurso pode ser definido como:

[...] o já-dito que sustenta a possibilidade mesma de dizer: conjunto do dizível que torna possível o dizer e que reside no fato de que algo fala antes, em algum outro lugar. Toda vez que falamos, para que nossas palavras tenham sentido, é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos. Assim, ao falarmos nos filiamos a redes de sentido. Não aprendemos como fazê-lo. Isto fica por conta da ideologia e do inconsciente. E o fazemos em um gesto de interpretação na relação da língua com a história.

A *internet* possibilitou maior abrangência em relação às manifestações, por isso, foram mais de 100 (cem) cidades onde a manifestação ocorreu, possibilitando maior abrangência do

movimento. Por conta disso, muitos julgavam que o movimento não sairia da *internet*, pois esta tem se tornado um vício na sociedade atual. Apesar das transformações ocorridas na sociedade e na facilidade de circulação de discursos pelas redes sociais, as manifestações de 2013, assim como as de 2014 e 2015, provaram que as ruas ainda continuam sendo o lugar de movimentos sociais, como nas manifestações ocorridas em outros tempos.

Estas manifestações continuaram no Brasil em 2014, ainda como reivindicações contra os gastos com a Copa do Mundo, levando-se em consideração que a realização do evento esportivo se deu no período de 12 de junho a 13 de julho de 2014. E em 2014 já se iniciavam movimentos que divergiam dos movimentos de 2013 e ficaram mais definidos em 2015, apesar de continuarem manifestando-se contra a corrupção e o governo. Dessa vez, o evento mundial do futebol saiu de cena, o movimento deixou de ser reconhecido como MPL (Movimento do Passe Livre), porque passou a reivindicar o *impeachment* da presidente do país e a intervenção militar, após descoberta de escândalos na Petrobrás, ficando conhecido como “panelaço”, liderado por “coxinhas”<sup>7</sup>.

Nesse âmbito, o cenário das manifestações ocorridas entre os anos de 2013 e 2015 no Brasil foi se modificando. Trata-se de um efeito polissêmico, em que pela repetição há a possibilidade do diferente. Alguns traços, no entanto, continuaram ressoando como característicos das manifestações de rua pelo efeito parafrástico. Trata-se, portanto, da tensão entre o mesmo e o diferente nas manifestações de rua, que analisaremos nesta pesquisa. Segundo Orlandi (2013), a paráfrase relaciona-se com a memória do dizer, em que as diferentes formulações do mesmo dizer são produzidas e a polissemia é o deslocamento, a ruptura, o jogo com o equívoco.

O discurso das ruas permaneceu com algumas características peculiares, como forma de expressão de suas reivindicações, as faixas, cartazes, os gestos foram o modo de escrita/escritura dos discursos das ruas de 2013 a 2015. Os sujeitos expressavam-se, também, por meio de caras pintadas com as cores da bandeira do Brasil, com máscaras, sendo chamados de *Black Blocs* e conhecidos pela violência, que são pré-construídos em torno das manifestações de ruas, pois segundo Orlandi (2013, p. 32) “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas, elas significam pela história e pela língua”. Os discursos da escrita/escritura das ruas permitem-nos estabelecer relação com uma filiação de

---

<sup>7</sup> O termo “coxinha” começou a ser utilizado na atualidade como semelhante ao termo “mauricinho” utilizado em outros períodos no Brasil. Trata-se de um termo pejorativo que corresponde a caracterização de burguês, isto é, pessoa com elevado poder aquisitivo. Além disso, no imaginário social, um “coxinha” é um sujeito que se preocupa com sua aparência física e, portanto, sempre está arrumado.

dizeres e à memória discursiva, pois, ainda segundo a autora, o sujeito não é a origem do dizer, os discursos já significavam antes em outros lugares.

Nas manifestações de rua, de acordo com os recortes temporais realizados, a escrita/escritura exerce função fundamental, pois significa os acontecimentos e os sentidos que os sujeitos constituem do movimento, como sujeitos-autores. Isso permite que os manifestantes demonstrem suas indignações e exteriorizem seus gritos e, também, ideologias por meio de cartazes e faixas com frases de efeito. Além disso, as significações dos movimentos anteriores auxiliaram na análise dos movimentos de 2013 a 2015. Os relatos da forma como as outras manifestações brasileiras do Brasil e do Mundo ocorreram, os motivos pelos quais os manifestantes foram às ruas para protestar, o contexto em que a população se encontrava, fazem ressoar nas manifestações acontecimentos e discursos que significaram antes em outros lugares. Esses movimentos anteriores ressoam/retornam como discursos que sustentam a atualidade.

Para que possamos destacar as diferenças e as repetições dos movimentos de rua representados na/pela mídia é necessário, primeiramente, traçar o percurso sócio-histórico das principais manifestações populares acontecidas no Brasil, como uma forma de rememoração dos discursos desses movimentos. A partir deles, buscamos dar visibilidade aos efeitos parafrásticos e polissêmicos dos discursos dos movimentos de rua ocorridos em 2013, 2014 e 2015.

## **2.2 Percurso sócio-histórico dos principais movimentos populares no Brasil: permanência e deslocamento de sentidos**

Para sintetizar os movimentos populares no Brasil, recortamos o texto-imagem que circulou pela revista *IstoÉ* em 2013, que traz um aparato dos principais movimentos de rua do Brasil, tendo como título: manifestações que abalaram o Brasil, de modo que possamos rememorar os movimentos populares da história do nosso país e analisar os efeitos parafrásticos e polissêmicos, as repetições e os deslocamentos das manifestações mais recentes, entre 2013 e 2015, abordadas em nosso estudo.

No texto-imagem 02, analisamos as manifestações que abalaram o Brasil, destacando o que se repete e rompe com a repetição, tendo em vista tudo que os discursos significam em sua relação com um ‘antes’, nunca isento da ideologia.



## Texto-imagem 02: Manifestações que abalaram o Brasil

**Manifestações que abalaram o Brasil**  
Os principais movimentos populares da história recente do País

 <p>1953</p>	 <p>1964</p>	 <p>1978</p>
<p><b>PASSEATA DOS 300 MIL</b> Em março, cerca de 300 mil trabalhadores entraram em greve em vários setores industriais da capital paulista. O protesto ganhou as ruas com a bandeira do reajuste do salário mínimo. O movimento, chamado de "Panela Vazia", deu certo: o aumento salarial chegou a 32%.</p>	<p><b>A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE</b> A "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" foi uma resposta da elite à "ameaça comunista". Mais de um milhão de pessoas foram às ruas de São Paulo, lideradas por representantes da Igreja e por políticos conservadores.</p>	<p><b>AS GREVES NO ABC</b> Os metalúrgicos abalaram a ditadura. Os militares ainda ocupavam o Palácio do Planalto quando milhares de metalúrgicos saíram às ruas do ABC paulista para lutar por melhores salários. Sob a liderança do futuro presidente Lula, o movimento influenciou na abertura democrática.</p>
 <p>1983</p>	 <p>1992</p>	 <p>2013</p>
<p><b>DIRETAS JÁ</b> Milhares de manifestantes defenderam a eleição direta para presidente, num dos maiores movimentos populares da história do Brasil. Mesmo sob enorme pressão, os deputados federais não se sensibilizaram e derrotaram a emenda "Dante de Oliveira", que propunha eleições diretas.</p>	<p><b>CARAS PINTADAS</b> Em 1992, multidões de jovens varreram o País vestidos de preto e com os rostos pintados. Eles protestaram contra o governo do presidente Fernando Collor, mergulhado em várias denúncias de corrupção. As manifestações só terminaram com o impeachment do presidente.</p>	<p><b>AS JORNADAS DE JUNHO</b> Na metade de 2013, uma onda de manifestações incendiou o Brasil. O pretexto era o fim dos aumentos nas tarifas do transporte coletivo, mas os protestos avançaram para o combate à corrupção. Inflamadas pelas redes sociais, milhares de pessoas aderiram às manifestações.</p>

Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

O primeiro movimento que o texto-imagem rememora é a passeata dos 300 mil, realizada em 1953, na cidade de São Paulo, que durou cerca de um mês e abriu portas para o sindicalismo. O movimento começou no setor industrial têxtil e se alastrou pelos demais setores industriais, como metalúrgicos, marceneiros e gráficos, mobilizando um enorme número de trabalhadores. O motivo do movimento foi a falta de aumento do salário mínimo e o alto custo de vida e, por isso, ficou conhecido como "Panela Vazia", pois entendia-se que, com o baixo salário, os manifestantes não podiam comprar alimentos suficientes para seu sustento, mas ressaltamos que não teve, nesse momento, manifestações "batendo painelas", por isso não é caracterizado como "panelaço".

A partir desse movimento, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) passou a ser conhecido. Além disso, foram dadas condições para a origem de entidades sindicais, como a Comissão Intersindical e o Pacto de Unidade Intersindical que atuavam à margem da estrutura sindical corporativa, tendo, portanto, um desdobramento mais político que financeiro, transformando o sindicalismo brasileiro, além da concessão do aumento salarial de 32%.

Nesse âmbito, é possível estabelecer uma relação do movimento com a manifestação de 2015, que, por um lado, destacou-se pelas reivindicações contra o governo comunista e, por outro lado, os manifestantes protestavam favoráveis ao governo, houve uma divisão no país nesse período. Os manifestantes contrários ao governo rememoraram o "Movimento do Panelaço". A origem do termo "panelaço" deu-se no Chile em 1971, durante a ditadura militar, mas logo se espalhou pela Europa. Contudo, o panelaço mais marcante da história aconteceu na Argentina, em 1996, e teve grande impacto nacional, tanto que passou a ser

repetido em outras mobilizações no país contra o governo, em 2001, 2002, 2008 e 2012. No Brasil, o primeiro panelaço ocorreu em 1983 com o movimento "Diretas Já", sobre o qual explanaremos posteriormente (JORNAL DA CULTURA, 2015).

Na passeata de 300 mil, a expressão "Panelas Vazias" faz oposição ao panelaço de 2015, uma vez que os manifestantes ficaram conhecidos como "panelas cheias", por se tratar de um movimento defendido pelos adeptos do governo, liderado por pessoas de boas condições financeiras, conforme o texto-imagem que segue.

### Texto-imagem 03: Contra o Panelaço



*Fonte: google.com.br/imagens*

Os manifestantes de 2015, que organizaram o panelaço, foram designados de "coxinhas", pois se entendia que o movimento era comandado por pessoas de classe social elevada e, que, tendo em vista a posição financeira, não havia motivos para estarem insatisfeitos com o governo. Nesse sentido, a expressão "panelaço de quem tem panela cheia é palhaçada", causa efeito de ironia com relação aos manifestantes do "panelaço" de 2015, uma vez que, de acordo com o imaginário coletivo, esses manifestantes inscrevem-se em formações discursivas divergentes daqueles que foram denominados de "panelas vazias", em 1953.

Trata-se, portanto, de posições-sujeitos diferentes que ressoam em discursos com efeitos polissêmicos, uma vez que há um deslocamento com relação ao sentidos em torno da palavra "panela" adotada pelas manifestações analisadas, pois apesar de os "panelaços" ocorrem contra as medidas adotadas pelo governo, inicialmente eram realizados por sujeitos que não tinham condições financeiras para "encher as panelas" e, por estarem vazias, eles as batiam, diferente do efeito de sentido de "panelaço" adotado em 2015, que ressoa pessoas

que se posicionavam com condições financeiras melhores daqueles de 1953, no Brasil, e de 1971, no Chile.

Em 1983, no Brasil, deu-se a primeira forma de manifestar "batendo painelas" com o movimento "Diretas Já", um movimento que se deu em defesa das eleições diretas no Brasil, pois com o Golpe Militar, a ditadura privou os cidadãos do direito ao voto para escolha do representante executivo do país. Várias manifestações ocorreram a favor do PEC (Projeto de Emenda Constitucional) elaborado por Dante de Oliveira, a fim de extinguir o Colégio Eleitoral e restabelecer as eleições diretas no país. Nessas manifestações representantes de vários partidos, dentre eles, do PT, foram favoráveis ao PEC, por meio de acordos com o governo.

No dia da votação pela aprovação da emenda, na Câmara dos deputados, em 1984, artistas e intelectuais organizaram "buzinaços" e "panelaços" durante a sessão e multidões lotaram o Congresso. Assim, observamos que em 2015, o efeito de sentido do "panelaço" brasileiro permaneceu igual ao de 1984, como forma de chamar atenção da população contra medidas do governo. Por outro lado, representantes do governo comunista protestavam por meio do panelaço em 1984, assim como em 1953, e, em 2015, o protesto se deu contrário ao partido que estava no poder.

Porém, durante o mesmo movimento de 2015, outros manifestantes se vestiam com a cor do governo comunista, posicionando-se contrários ao "panelaço" que estava se realizando, no Brasil, denominando-o como "palhaçada". Com isso, instaura o efeito de sentido de um movimento cômico, digno de risadas, de brincadeira, que não pode ser levado a sério, uma vez que é injusto, por se tratar de manifestantes que possuem "panelas cheias", isto é, que não têm motivos para bater painelas.

Outra característica forte da atualidade é que, nas manifestações de 2015, era possível o protesto por meio de "panelaço" via *internet*, partindo de uma página criada pela revista *Veja*, com o título: "manifeste sua indignação: é preciso amassar a caçarola, panelaço *online*". Nessa página, os manifestantes podiam clicar em um *link* e batucar à vontade, efeitos da modernização, mas, apesar dessa facilidade de protesto, as ruas ainda continuaram sendo o principal espaço de discursivização dos movimentos, seja através do "panelaço", seja por meio de gritos, caras pintadas, faixas e agressões.

Observamos, assim, a importância das ruas como objeto simbólico a partir de onde os discursos dos sujeitos se materializam, e em que os sujeitos se significam e significam o urbano e como espaço em que os sujeitos se identificam, seja pela ilusão de liberdade, pelas memórias em torno de outras manifestações, pelo desejo de visibilidade ou pela ilusão de

pertencimento. É nas ruas onde ocorrem as trocas sociais e discursivas e em que sujeitos e discursos se legitimam. Apesar de os sujeitos se mobilizarem através dos veículos digitais, no momento em que “saem da *internet*” para manifestarem-se, há o efeito de sentido de que as redes sociais são insuficientes para a materialização dos discursos das manifestações.

Em 1964, houve uma série de mobilizações, denominadas "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" em que se protestava contra a "ameaça comunista" do presidente João Goulart, que pretendia implantar reformas de base, por meio da reestruturação de setores econômicos e sociais. Os pensamentos de esquerda fizeram com que pessoas conservadoras como o clero e militares se unissem para viabilizar o Golpe Militar de 1964. As marchas aconteceram em várias cidades do Brasil, mobilizando cerca de um milhão de pessoas. Algumas frases dos cartazes da mobilização ficaram famosas, como por exemplo, "Vermelho bom, só batom", "Verde, amarelo, sem foice e sem martelo", que ressoam a cor e os símbolos do governo comunista.

Além disso, os manifestantes, empunhando imagens de pássaros, gritavam/ordenavam, a instauração da 'liberdade' no país que, de acordo com os discursos dos cartazes, só seria possível com o fim do comunismo e o início de um novo governo baseado no cristianismo, conforme o texto-imagem abaixo.

#### Texto-imagem 04: “Marcha da Família com Deus pela liberdade”.



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Diante desse cenário, em março de 2014, houve a repetição da "Marcha da Família com Deus" no Brasil, mobilizando cerca de 700 pessoas que fizeram uma caminhada em São Paulo, saindo da Praça da República até a praça da Sé. O principal motivo da manifestação, em 1964, foi a reivindicação pelo fim do governo comunista no Brasil e, com isso, a

intervenção militar, que era expressa por meio de cartazes com discursos: "FFAA [Forças Armadas] já" e "comunismo é morte". Além disso, os manifestantes gritavam "Verde, amarelo, sem foice e sem martelo". Nesse sentido, a repetibilidade se fez presente durante todo o movimento de 2014 e os motivos que levaram às manifestações e os discursos dos manifestantes são reproduzidos, apesar de se tratar de cenários diferentes de uma manifestação para outra.

#### Texto-imagem 05: Marcha da Família em 2014



*Fonte: google.com.br/imagens*

O enunciado 'sem foice e nem martelo' é destacado com as cores do governo comunista, portanto, além da representação do símbolo comunista, os manifestantes trazem as cores do governo, causando efeito de sentido de não haver possíveis enganos quanto ao discurso anticomunista. Orlandi (1998) alude que a AD considera a relação contraditória entre paráfrase e polissemia como eixo que estrutura o funcionamento da linguagem. Trata-se da relação entre a produtividade e a criatividade na linguagem, pois não há um sem o outro. Há sempre um retorno no mesmo espaço dizível (paráfrase), apesar dos diferentes lugares ocupados pelos sujeitos e das condições de produção do discurso e há, também, os deslizamentos dos sentidos (polissemia).

O sujeito, conforme defendido pela AD, não é a origem do dizer, mas tem a ilusão de que seu discurso é originário nele e que a língua é homogênea, porém as palavras já significaram antes, em outros lugares. Trata-se, portanto do assujeitamento ideológico do sujeito e do atravessamento do inconsciente. É a partir do interdiscurso e da memória discursiva, que os discursos adquirem sentidos, pois sempre tem a ver com discursos que já

circularam antes em outros lugares. Dessa forma, os discursos *das* manifestações de 1964, os quais Venturini (2009a) define como rememoração, memória do saber, são reatualizados nas formulações, como discurso *sobre*, que atualiza o presente, isto é, são linearizados nos discursos *das* manifestações de 2014.

No ano de 1968, houve uma passeata denominada "passeata dos cem mil" contra a ditadura militar, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Organizada pelo movimento estudantil, a marcha iniciou com cerca de 50 mil pessoas e, no seu decorrer, o número dobrou. Os manifestantes empunhavam uma enorme faixa com a expressão de ordem "Abaixo a ditadura. O povo no poder". Não houve conflitos com a polícia e o encerramento da marcha deu-se em frente à Assembleia Legislativa.

#### **Texto-imagem 06: Jovens de 1968 e 2013**



*Fonte: google.com.br/imagens*

Nessa perspectiva, o texto-imagem 06 rememora a marcha de 1968, que ocorreu no Brasil e no mundo, liderada, também, por jovens, que protestaram contra o governo ditatorial, pela educação e democracia. Foi o ano ápice das manifestações de rua. Assim, os discursos se atualizam no presente, uma vez que o movimento de 2013 foi basicamente comandado por jovens brasileiros que lutavam por ideias e solicitavam mudanças do governo atual, na educação, na saúde e nos direitos. As manifestações de 1968 e a de 2013 entram em relação parafrástica com a palavra "jovens" da faixa, ressoando os movimentos liderados pela juventude, conhecido como movimento estudantil. Porém, em 2013, há algumas particularidades dos jovens que destoam dos jovens de 68, como, por exemplo, o avanço tecnológico.

### Textos-imagens 07: Modernização dos jovens 2013<sup>8</sup>



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Mentos é a marca de uma bala muito famosa na sociedade atual e, sobretudo, entre os jovens. Muito já se ouviu falar que misturando coca-cola, marca famosa de refrigerante, com a referida bala e agitando a mistura, é possível causar uma pequena “explosão”. Esse efeito efervescente é denominado popularmente como reação de “Mentos-Diet Coke”. De acordo com Rezende (2008, p. 01),

[...] o fenômeno é devido à presença da goma arábica presente na bala Mentos. Este surfactante, presente na camada externa da bala, diminui a tensão superficial do meio acarretando a liberação rápida do CO<sub>2</sub> da garrafa. A saída rápida de gás resulta num jorro forte e contínuo.

Pelas determinações em relação à designação "geração coca-cola", discursos de outros domínios a atravessam, como exemplo, a canção de Renato Russo, escrita em 1984, denominada Geração coca-cola, período de globalização do Brasil. Trata-se, portanto, de uma crítica sobre a adoção da cultura americana no nosso país, quando as marcas e o consumismo passam a tomar conta da sociedade.

Apesar do longo tempo de criação da música, ela ainda faz sentido nos dias atuais e os jovens intitulam-se como “geração coca-cola”. Partindo da memória discursiva em torno dos efeitos da mistura “Mentos-Diet Coke”, o cartaz relaciona-se com os manifestantes de 2013 que agitaram as ruas com seus protestos, o que torna possível analisar que a reação da

<sup>8</sup> Ressaltamos que a organização dos textos-imagens se deu a partir dos enunciados-imagens abordados, isto é, procuramos agrupar os textos-imagens que tratavam de assuntos semelhantes.

população é, naquele momento, “efervescente”, assim como quando se mistura mentos e coca-cola.

Na última materialidade, também relacionada com a sociedade atual, o adolescente carrega o cartaz que diz: “saímos do *facebook*”. O *facebook* é, atualmente, um dos maiores *sites* de relacionamentos do mundo e atinge em maior grau os jovens, porém todas as faixas etárias têm se tornado reféns dessa rede social. Sendo assim, no início das manifestações, algumas pessoas diziam que o movimento não vingaria, pois os adeptos à rede social, não iriam deixá-la para irem às ruas manifestar, apenas iriam fazer suas reivindicações via *internet*. Porém, o número de manifestantes nas ruas, sobretudo de jovens, impressionou os que não acreditavam no movimento, sinalizando para a possibilidade de a população deixar as redes sociais em prol do Brasil, aludindo que os usuários não são tão reféns dessas redes, como muitos julgavam, e, portanto, não são alienados.

É importante ressaltar que as redes sociais foram muito significativas para a efetivação da manifestação, uma vez que a partir deles, pessoas de vários lugares do país conseguiram se organizar, marcando horários, especificando locais e temas que seriam abordados durante o movimento.

Os deslizos, os efeitos de sentidos e jogos de palavras a que nos referimos em nossas análises, referem, segundo Orlandi (2013), às redes parafrásticas em que algumas palavras não foram ditas no enunciado, tendo em vista as condições de produção do discurso. No entanto, significam pela memória e pela história, em torno das manifestações de rua e, a partir disto, produziram o novo, pelo processo polissêmico.

Os anos 70 marcaram a alta do sindicalismo, pois operários lutavam pelos seus direitos, dando início ao movimento grevista no país. Durante todo o movimento, ondas de greves foram desencadeando-se no país, sob protestos dos trabalhadores por aumento salarial e melhorias de vida. Esse foi o período de evidência também do ex-presidente do país, Luís Inácio Lula da Silva, que na época, destacava-se como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

De acordo com as nossas análises, essa onda de mobilizações grevistas foi importante para o país, a partir desse período e a greve tornou-se uma forma dos trabalhadores exporem suas indignações com o governo. Em 2015, também houve uma série de greves no Brasil e destacamos a greve dos professores, dos caminhoneiros, dos bancários, entre tantas outras, que impactaram o país como um todo, sobretudo na economia.

Um movimento muito significativo para as manifestações de 2013 foi o Movimento dos "Caras pintadas", que, em 1992, ficou conhecido como um movimento da juventude que



se vestia de preto e com a bandeira brasileira pintada no rosto e no corpo, para protestar contra medidas do governo. Em 2013, as reivindicações eram pelo fim das tarifas bancárias, porém as "caras pintadas" foram muito presente, pedindo o *impeachment* do presidente Collor. Os jovens vestiam-se com as cores da bandeira brasileira, pintavam seus rostos, significando um imaginário nacional, causando efeito de sentido de patriotas, daqueles que amam o país e, por isso, pintam-se com as cores dele.

### Textos-imagens 08: Os "caras pintadas" de 1992



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Além disso, é possível fazer relação desse movimento com as manifestações de 2014 e 2015 em que o grito de ordem dos manifestantes era o "Impeachment Já" dos governantes que presidiam o país em cada momento histórico. Observamos que esse grito de ordem se repete, tanto nos cartazes de 2014 e 2015, quanto nos cartazes de 1992, quando o discurso era basicamente um, ressoando comando/ decreto por parte dos protestantes.

Por outro lado, nas manifestações de 2013, em oposição aos "caras pintadas", houve a presença dos sujeitos denominados pela mídia de "caras tapadas", causando efeito de sentido daqueles que se escondem, nada veem e que, também, não se deixam ver, ressoando movimentos anteriores, como o surgimento dos *Black Bloc*, dos anos 80, na Alemanha, um estilo de manifestação que passou a fazer parte de movimentos ao redor do mundo. Esses manifestantes infiltravam-se nas manifestações, com rostos mascarados e roupas escuras, destruindo instituições públicas, entrando em confronto com a polícia, como forma de protesto contra o capitalismo e a globalização.

### Textos-imagens 09: Os *Black Blocs*



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Além da utilização de máscaras, que ressoa como 'uma forma de se esconder/ não se deixar identificar' e ao mesmo tempo 'uma forma de causar espanto', os manifestantes do *Black Bloc* utilizam-se de máscaras, instaurando também o efeito de sentido de proteção, causando oposição à forma de protesto deles, sendo ao mesmo tempo aqueles que 'causam medo' e 'sentem medo' e, por isso, se escondem e se protegem, assim como o enunciado-imagem da polícia que, utiliza-se de capacetes e de coletes à prova de bala.

Esses manifestantes discursivizam, em seus cartazes, o símbolo do Anarquismo, representado pela letra 'A', cercada por um círculo, que representa ordem e juntos significam "Anarquia é ordem", ressoando que se pretende estabelecer ordem no país. Mas, essa ordem destoa da forma de manifestação desse movimento, uma vez que há a utilização da agressão para estabelecer a ordem, tendo em vista que o pré-construído em torno da palavra "ordem" significa harmonia, paz e acordo.

Esses estilos de manifestar-se ocorrem a partir das filiações dos sujeitos às formações discursivas em que discursivizam, de acordo com Orlandi (1998, p. 10) "a interpretação, propõe que se considere o sentido como "relação a", compreendendo que a língua se inscreve na história para significar: quando se fala, mobiliza-se, pois, um saber que, no entanto, não se aprende, que vem por filiação e que nos dá a impressão de ter sempre estado "lá".

Com as análises, pré-construídos ressoam em torno de temas, funcionando na linearização dos discursos que repetem e deslocam os sentidos pelo contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos, ressoando memórias discursivas em torno de manifestações anteriores no Brasil e no mundo. Trata-se do efeito do interdiscurso, discurso *de*, no intradiscurso, discurso *sobre*.

Dessa forma, a fim de respondermos o quarto objetivo específico desta investigação, qual seja, verificar como se constituem os discursos *dos* manifestantes e *dos* veículos midiáticos *sobre* as manifestações de rua, contrapondo esse funcionamento de memória aos discursos *de*, que sustentam e ancoram o discurso *sobre*, enquanto atualidade, recortamos textos-imagens que circularam na *internet* e que foram capas das revistas *IstoÉ* e *Veja*, no período das manifestações de 2013 a 2015. Fazemos isso para analisarmos os funcionamentos do discurso *de* e do discurso *sobre*, bem como a importância da escrita/escritura desses movimentos, dos percursos-históricos das manifestações anteriores e os posicionamentos ideológicos dos sujeitos.

## CAPITULO III

### OS DISCURSOS *DOS* MANIFESTANTES E *DOS* VEÍCULOS MIDIÁTICOS *SOBRE* AS MANIFESTAÇÕES DE RUA DE 2013 A 2015

**Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade. Ilusão de que o sentido nasce ali não tem história. Esse é o silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível. (ORLANDI, 2013, p. 71-72)**

Conforme já abordamos, os textos-imagens (todo) significam pela noção do enunciado-imagem (parte), isto é, são considerados pela perspectiva teórica, a partir da qual realizamos nosso gesto analítico, como discursos não-verbais que significam como espaço discursivo, pois funcionam pela memória que comporta/ reproduz ideologias. Assim, neste capítulo, recortamos textos-imagens que circularam na *internet* e na mídia e destacamos os discursos *dos* manifestantes, durante suas reivindicações e os discursos *dos* veículos midiáticos *sobre* estes manifestantes. Dessa forma, por meio da rememoração (memória) e da comemoração (discurso da atualidade) podemos estabelecer relações entre a memória que sustenta e ancora os discursos do presente, constituindo efeitos parafrásticos e polissêmicos, isto é, o mesmo e o diferente.

Em nosso gesto analítico, priorizamos o funcionamento do campo da linguagem, das imagens, das cores, dos corpos e das expressões dos sujeitos-manifestantes retratados nos textos-imagens ora como patriotas, ora como "tapado", que nada vê, nada entende e se esconde, ressaltando a tensão entre o verbal e o não-verbal, do deslizamento de sentido e do equívoco presente na língua e na imagem, que são opacas, sujeitas a falha e a falta. Desse modo, iniciamos nossas análises a partir dos discursos *dos* manifestantes de rua lugar em que estabelecem relações sociais e, a partir dessas relações, significam e ressoam em seus discursos a vontade de visibilidade para que suas reivindicações sejam atendidas.

#### **3.1 Análise dos discursos *das* manifestações de rua**

Para analisarmos os discursos *dos* manifestantes, recortamos materialidades que circularam na *internet* entre as manifestações de 2013 e 2015, partindo das condições de

produção dos discursos e dos posicionamentos dos sujeitos, a fim de analisarmos como esses discursos foram constituídos.

### Textos-imagens 10: aumento da tarifa de ônibus



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Iniciamos a nossa análise com o acontecimento que impulsionou os sujeitos-brasileiros, que já estavam indignados com diversos acontecimentos no país, a começar o movimento, que foi o aumento da passagem do transporte urbano. As palavras de ordem das manifestações foram: “não é só por vinte centavos”, uma vez que o aumento na tarifa do transporte urbano não foi o único motivo pelo qual os manifestantes foram às ruas para protestar. O que se pode dizer em relação às jornadas de junho ou, como diz Nunes (2014), às marchas urbanas, é que elas se realizaram ‘não só’ em torno de 20 centavos. Havia diversos outros motivos que originaram vários e outros discursos durante as manifestações. As condições de produção dos discursos formulados antes e as reivindicações que se repetem na atualidade não são as mesmas, mas a busca pela melhoria na saúde e na educação, a erradicação da pobreza, o fim da corrupção e da opressão militar já circularam antes e continuam a produzir efeitos de sentidos.

No texto-imagem primeiro, há um jogo de palavras entre centavos (aumento no transporte) e bilhões referindo-se à desigualdade social no Brasil, um fato pelo qual os brasileiros também protestavam. Esse jogo permanece na segunda materialidade em que o manifestante destaca os gastos em bilhões com a Copa do Mundo, as Olimpíadas e a corrupção no país, comparando com o salário mínimo dos brasileiros que utilizam o

transporte público urbano para se locomover nas grandes cidades em que houve o aumento: São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Ao final do segundo texto-imagem, o sujeito-manifestante faz uma indagação: "E você ainda acha que é por 20 centavos?". A indagação é destacada no texto, dando visibilidade para os valores elevados dos gastos citados anteriormente, retomando esses valores, pelos quais ressoa a ironia, uma vez que algumas linhas editoriais da imprensa destacaram o movimento como sendo sem pauta e, apenas, a favor da isenção da cobrança de passagem do transporte público.

Desse modo, neste texto-imagem, o manifestante destaca que o início do movimento, desencadeou-se por vários motivos e, não apenas pelo aumento das passagens. Segundo ele, esses motivos iam muito além dos vinte centavos a mais na passagem. Relacionam-se a bilhões que também "saem do bolso dos brasileiros", sublinhando, ainda, que os vinte centavos não são valores elevados comparados aos gastos do governo, mas fazem diferença, também, na vida do sujeito-cidadão, retomando o enunciado "não é só por vinte centavos". Trata-se, portanto, do jogo das palavras que evidenciam a língua como heterogênea e sujeita à falha, à falta e ao equívoco.

É importante ressaltarmos, ainda, que em ambas as materialidades, os sujeitos que empunham os cartazes utilizam-se de máscaras, ressoando proteção e, também, o desejo de esconder-se/não se mostrar, constituindo o anonimato. Por isso, por mais que os sujeitos sejam considerados de "caras limpas", eles não se posicionam completamente despidos de proteções, assim, escondem-se.

### **Texto-imagem 11: por uma vida sem catracas**



*Fonte: google.com.br/imagens*

A respeito do aumento da tarifa o que os manifestantes brasileiros solicitavam era: “se a rua era de todos, o transporte também deveria ser”, isto é, eles pediam o fim da cobrança de tarifas para a utilização do transporte que deveria ser um “direito” dos cidadãos brasileiros. As catracas dos ônibus tem a função de barrar os passageiros para que eles efetuem o pagamento. Assim, só passa pela catraca quem pagar a passagem, portanto, a análise se concretiza com a expressão “sem catracas”, sinalizando para a liberdade, para o direito de ir e vir sem cobranças.

Além disso, analisamos que, do mesmo modo como as catracas travam as passagens de muitos cidadãos brasileiros no transporte, existem outras formas de "catracas" que barram os brasileiros na sociedade e que, para serem "liberadas", precisam se adequar ao sistema. Como, por exemplo, o pagamento de impostos que é algo muito criticado pelo sujeito-cidadão. Também, observamos o desejo de liberdade dos manifestantes, podendo relacionar as "catracas" com as barreiras estabelecidas pelo policiamento durante as manifestações, assim como os diversos tipos de agressões para impedir que eles tivessem acesso às autoridades.

Podemos estabelecer, ainda, a relação das "catracas" como barreiras com a mídia, que, em alguns momentos, não dá visibilidade aos sujeitos-manifestantes de acordo com seus posicionamentos, chegando ao ponto de distorcer, em alguns casos, a ideologia que o manifestante, por meio de seus discursos, procurava transmitir durante as manifestações. O que vai de encontro ao papel da mídia que, na teoria do discurso jornalístico, não deve posicionar-se no discurso, mas sim ater-se em, apenas, transmitir as informações necessárias e reais. Contudo, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Os sujeitos discursivizam os movimentos a partir de seus posicionamentos estabelecidos pelas formações ideológicas e pelas formações discursivas, lugar material da ideologia que determinam o que pode e deve ser dito.

A utilização da cor preta na faixa é também significativa, como no texto-imagem 12, sendo a cor mais escura de todo o espectro de cores, sinaliza para a falta de luz, que ressoa tristeza e luto e, ao mesmo tempo, o escuro instaura mistério e medo. Levando em consideração o contexto sócio-histórico das manifestações, analisamos que a utilização da cor preta, nas faixas, instaura o efeito de sentido de luto e tristeza do brasileiro em relação aos acontecimentos no país e, também, medo do futuro e das agressões a que os manifestantes estavam sujeitos.

## Textos-imagens 12: aumento da tarifa de ônibus e SUS



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

A análise anterior torna-se possível quando analisamos a expressão “passe livre, já” ressoando em forma de palavra de ordem por parte dos manifestantes a terem uma vida “sem catracas”. Por último, uma possível médica solicitando: “enfia os 0,20 centavos no SUS”, ou seja, os manifestantes até topariam efetuar o pagamento da tarifa se ela fosse revertida para a saúde no Brasil. Dois domínios acabam funcionando juntos, pelo que Pêcheux denomina de discurso transverso. Na materialidade em análise, o foco é a reivindicação, a resistência.

O domínio em que ele inscreve é o das lutas sociais, mas irrompe o discurso *sobre* a saúde e outros discursos populares. Esses discursos significam pela memória, pela palavra ‘enfia’ que sinaliza para ‘envia/ aplica’ e pelo atravessamento dos discursos populares, pelo qual ‘enfia’ funciona como uma espécie de expressão de baixo calão.

Memórias sobre o sistema de saúde pública ecoam pela veiculação da sigla do Sistema Único de Saúde (SUS) e pelo enunciado-imagem de uma possível médica ou enfermeira. O enunciado-imagem significa como espaço interdiscursivo a partir da vestimenta da mulher e as máscaras, luvas e estetoscópio, instrumento utilizado pelos profissionais da área da saúde para ampliar sons corporais e, com isso, auxiliar no diagnóstico do estado de saúde dos pacientes. É sabido que no Brasil, a área da saúde ainda é muito precária, portanto, os manifestantes ordenavam, em seus discursos, para que o aumento da tarifa do transporte fosse revertido em melhorias no SUS, sistema de saúde gratuito para a população brasileira.

O efeito de indignação que se constitui por meio dessa materialidade, ocorre devido aos gastos excessivos com o evento esportivo que aconteceria no Brasil, por exigências da Federação Internacional do Futebol (FIFA), que coordena o evento no mundo e exigiu que os estádios, rodoviárias e aeroportos seguissem um padrão, denominado: Padrão FIFA.



### Textos-imagens 13: Padrão Fifa



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Tendo em vista as exigências em torno do Padrão FIFA, os manifestantes passaram a solicitar que os serviços públicos, como por exemplo, os hospitais, seguissem as mesmas especificidades da Copa do Mundo. Além disso, ecoava em alguns discursos que os jogadores precisavam apenas de estádio para que o evento se concretizasse, por isso, era necessário o investimento, não havia motivos para investir em outros locais, como em hospitais. Dessa forma, começaram a circular discursos como: “quando seu filho ficar doente, leve-o ao estádio”, ressoando que os estádios tinham mais suportes que os próprios hospitais.

Além disso, devido a descobertas de propinas na FIFA, o enunciado "padrão FIFA" passou a ter uma alteração de sentido, pelo efeito polissêmico, pois passou a ser usada como uma forma de ironia, relacionada à falta de ética dos responsáveis pelo evento. A polissemia é um recurso da língua que rompe com o mesmo, trazendo o novo, o diferente, partindo das condições de produção do discurso e das filiações desses discursos e dos sujeitos. Nesse âmbito, afirmamos, a partir de Pêcheux, que o sentido das palavras, gestos, expressões, sempre podem ser outros.

A análise dos textos-imagens permite dizer que o primeiro, provavelmente, originou-se de uma manifestação de rua, anterior à Copa do Mundo, pela forma como as pessoas estão vestidas, pelo local, que, possivelmente, seja a rua, pelo aglomerado de gente e pelas expressões dos sujeitos como de quem faz parte de um protesto.

Em contrapartida, no segundo texto-imagem, observamos que a sua origem se deu em um possível jogo da seleção brasileira durante o evento futebolístico. Isso porque os sujeitos vestem-se com as cores da bandeira do Brasil que são também as cores da camisa da seleção brasileira. Alguns sujeitos estão sentados como se estivessem no estádio de futebol, por isso,

comprovamos que os lugares, isto é, o urbano significa e neles os sujeitos se significam. Além da expressão dos sujeitos como se estivessem em uma festa e queriam "ser vistos" com os cartazes.

Analisamos, portanto, que por mais que os manifestantes continuassem com suas reivindicações durante os jogos da Copa do Mundo, eles cederam ao evento, uma vez que as manifestações se originaram como protesto nas ruas com os gastos demasiados do governo com a Copa, conforme estamos analisando neste estudo, os sujeitos participaram dos eventos e, por isso, instaura-se o efeito de sentido de que a paixão brasileira pelo futebol "fala mais alto" que as reivindicações por melhorias no país.

#### Textos-imagens 14: Investimentos na Copa do Mundo



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

O efeito de ironia ressoa no enunciado: “me chama de copa e investe em mim. Ass. Saúde e educação”, sinalizando que só haveria investimentos na saúde e na educação se a exigência fosse a favor da Copa do Mundo, o que se concretiza com a análise anterior.

No cartaz posterior, com a expressão: “quantas escolas cabem no Mané Garrincha?”, ressalta-se que o estádio, assim denominado, era tão grande em termos de extensão que caberiam várias escolas dentro dele. Ocorre o deslocamento de sentido do verbo “caber” que, além de significar conter, nessa expressão em específico, ressoa que as escolas são inferiores ao estádio em termos de aparência, riqueza, capital e investimento. Isso acontece por meio de deslizamentos de domínios, de modo que discursos se atravessam, instaurando o diferente.

No outro cartaz há um jogo de palavras com a música “A Casa”, de Vinícius de Moraes, em que a palavra casa é substituída por país, no caso o Brasil, e as características ressaltadas na música referentes à casa são trocadas pela palavra "escolas", que se

caracterizam como o suporte/pilar do país. Assim como a casa possui seus pilares/ suportes físicos e os familiares são tidos como base/ suporte psicológicos aos sujeitos, portanto, é o espaço privado que em cada sujeito se significa pelas relações familiares que variam entre sujeitos, sexos, idade, entre outras.

A manifestante ressalta, ainda, que, no Brasil, o investimento estava sendo apenas nos estádios e há, como já mencionado anteriormente, uma crítica aos gastos com as obras da Copa. Além disso, ecoa o efeito de coerção, sinalizando que não se pode protestar no Brasil, pois a “PM sentava a mão”. Esse efeito de sentido sinaliza para a intervenção da Polícia Militar durante o movimento, que se concretiza nas análises posteriores, e, também, nas máscaras usadas pelos manifestantes, instaurando o efeito de sentido de proteção/ esconder-se/ fragilidade. Esses efeitos de sentido são possíveis pelas relações entre o verbal (dito) e o não-verbal (não-dito, mas que significa) por meio das imagens, dos corpos, das cores e das expressões.

### Textos-imagens 15: Críticas ao governo



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Nesses cartazes, analisamos que, conforme afirmamos anteriormente, o motivo para a duração do movimento não foi apenas os R\$ 0,20 (vinte centavos) do aumento da tarifa do transporte, mas vários outros motivos que, segundo o primeiro texto-imagem: “nem cabe em um cartaz”. Observamos, portanto, que há muita indignação por parte dos manifestantes brasileiros que viam, naquele momento, muitos erros do governo e que, por não estarem protestando por um único motivo, não havia como determinar todos eles em um único cartaz, já que essa foi a forma mais fácil que os protestantes encontraram para serem “ouvidos”. Há,

também, a presença de jogo de palavras com relação ao hino nacional brasileiro em que a palavra “amada” foi substituída pela palavra “roubada”, significando que entre todas as nações, a brasileira era a mais roubada, ressoando a indignação por parte dos protestantes em relação à corrupção.

Além disso, como destaque da palavra “roubada” há o funcionamento da cor vermelha que ressoa o partido político que estava no poder no governo brasileiro e contra quem os manifestantes protestavam. Cabe ressaltar, também, que as máscaras usadas pelos *Anonymous* foram constantes durante as manifestações de rua de 2013, segundo eles mesmos, uma idéia que nasceu em 2004, com a linguagem de mimética e muitas sátiras cujo objetivo é a busca de mudanças e renovações, a verdadeira liberdade de expressão, em que a justiça seja respeitada. (ANONYMOUS, 2013)

A máscara, conforme informação do site: <https://neuronionerd.wordpress.com>, tem origem no romance “V for Vedita”, de Allan Moore, em 1888, no Reino Unido, que se passa num futuro utópico de 1997, em que um país com tendência totalitária chega ao poder e instaura a censura. Assim, surge um homem vestido de preto e mascarado que lembra Guy *Fawkes*, soldado inglês católico da Inglaterra que era contra a repressão do rei protestante e, por isso, pretendia assassiná-lo com uma explosão no Parlamento, já que era especialista em explosivos. Dessa forma, o homem do romance inicia ações anarquistas, a fim de desestabilizar o governo.

Mesmo que o imaginário sobre *Fawkes* ressoe com algo negativo na Inglaterra, Moore não hesitou em colocá-la em seu romance, pois segundo informações do mesmo, a figura representa a luta do povo contra o totalitarismo e a opressão do governo. Os participantes dos movimentos atuais acreditam que a máscara pode preservar o anonimato evitando perseguições contra os manifestantes, pois há um efeito de mistério e, com isso, conseguem agir com mais eficiência. Porém, apesar de irônicos, misteriosos e com ideais, os *Anonymous* são intitulados por algumas pessoas como anarquistas, assim como na ficção.

No terceiro texto-imagem, ressaltando a revolta com o governo, a manifestante utiliza-se da expressão “vândalo é o governo”, que retoma o fato de os manifestantes serem chamados de “vândalos” por estarem protestando e, com isso, a PM interveio nas manifestações. O termo “vândalo” ressoa, nesse contexto, como “destruidor”, dessa forma, retomando a segunda materialidade e sinalizando que o governo seja vândalo, pois, “rouba/destrói” a pátria.

### Textos-imagens 16: "Cura Gay"



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

O projeto apelidado como “cura gay” foi elaborado pela bancada, basicamente, evangélica, da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Nele defendia a ideia de que a homossexualidade é uma doença que poderia ser tratada. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) elaborou uma resolução proibindo os profissionais da área de aderirem ao projeto através de supostos tratamentos para curar a homossexualidade. Porém, o Presidente da Comissão de Direitos Humanos, aprovou uma proposta que suspendia a resolução do CFP. Nesse contexto, as manifestações de 2013 já se iniciavam no Brasil e o assunto da suposta “cura gay” também virou pauta para os protestantes, conforme segue.

Manifestantes que colocavam em circulação discursos irônicos sobre a proposta da Comissão dos Direitos Humanos, de forma que pudessem conscientizar o plenário sobre a inexistência de uma cura para a homossexualidade, uma vez que ela não é vista como uma doença, mas como uma opção sexual.

A medicina e a psicanálise, durante muito tempo, consideraram a homossexualidade como doença, tanto que era tratada por “homossexualismo” em que o sufixo “ismo” conferia a ideia de doença, sendo, dessa forma, tratado como tal. Em 1975, foi inserido na Classificação Internacional das Doenças – CID, como sendo um transtorno sexual. Em 1985, a Organização Mundial de Saúde – OMS - publicou Circular, informando que o “homossexualismo” deixava de ser uma doença, passando a ser considerado um desajustamento comportamental. Mas foi em 1995, que o “homossexualismo” deixou de ser considerado um distúrbio psicossocial e conseqüentemente deixou de constar no CID, sendo substituído o sufixo “ismo” pelo sufixo “dade”, que passou a significar “modo de ser” (MOREIRA FILHO; MADRID, 2009 p. 03).

Dessa forma, considerar a homossexualidade como uma doença, seria retroceder no tempo, uma vez que a partir do avanço científico, compreendeu-se que a escolha da orientação sexual está longe de ser um distúrbio comportamental. Assim, os manifestantes expuseram suas ideologias contra o projeto da suposta “cura gay” por meio de cartazes. A ironia faz-se presente na primeira materialidade em que o manifestante considera que, assim como, quando se tem uma doença é permitido faltar ao trabalho, ao “sentir-se” gay isso também deveria ser permitido. O jogo de sentidos acontece com a frase “estou gay”, como se a homossexualidade fosse um estado momentâneo, como é o caso de algumas doenças.

Na segunda materialidade, há o posicionamento do sujeito que ocupa o lugar de Psicóloga e que, assim como o Conselho Federal de Psicologia, entende que não pode existir uma cura para a “homossexualidade”, uma vez que não a consideram como doença, e defende que a determinação do modo de ser ou da orientação sexual do sujeito ocorre por meio do amor. Esse funcionamento instaura efeitos de que os sujeitos se relacionam com sujeitos do mesmo sexo por uma questão de sentimentos e não por uma questão de saúde, por “estar doente”. Nesse sentido, há uma identificação com o Conselho Federal de Psicologia e os dizeres que irrompem neles, ressoam, ainda, que psicólogos curem “doenças” que não são do corpo, como o amor.

### **Textos-imagens 17: "Cura Gay", Fome e Racismo**



*Fonte: google.com.br/imagens*

Nesses textos-imagens, ainda a respeito da “cura gay”, o sujeito-autor do primeiro cartaz é negro, representando também o preconceito que ainda existe em nossa formação social e que está impregnado em nossa sociedade, do mesmo modo como acontece com a orientação sexual. Dessa forma, o sujeito inscreve seus dizeres na FD daqueles que são contra

qualquer tipo de intolerância, particularmente, as que dizem respeito à orientação sexual e à raça.

No campo da linguagem, a intolerância racial se concretiza quando o sujeito-autor expressa “depois da cura gay, só falta o alvejante para negros”, sinalizando que “se a homossexualidade é uma doença, a raça também pode ser considerada tal qual e para curá-la será necessário alvejá-la”. Pelo gesto analítico que realizamos em torno desse discurso, podemos afirmar que “o preconceito é uma doença” porque afeta negativamente a formação social, abrindo feridas entre os sujeitos, diferenciando-os, como se não fossem todos humanos.

Outro acontecimento que encaminha para esse mesmo efeito, conforme podemos observar no segundo cartaz, é o de uma moradora de rua, com aparência de sofrimento, que ecoa no campo da linguagem por meio do enunciado “queremos cura para a fome”. Esse dizer permite afirmar que a fome é tida como uma “doença” na formação social, pois, através dela, muitas mazelas, na epistemologia da palavra, podem ser causadas e até mesmo a morte, além de “doenças sociais” como desigualdades sociais, violência, roubos, tráfico, dentre outras. Dessa forma, é a fome, conforme analisado no texto-imagem, que merece atenção, cura e extinção.

Os efeitos de sentido, assim como suas significações, variam de sujeito para sujeito, de acordo com as suas experiências, ao longo do tempo, e também de suas ideologias. Essas intensidades podem variar, até mesmo, no próprio sujeito, uma vez que se inscreve em diversas condições de produção. O registro de fatos ocorridos é essencial para que eles se tornem histórias e memórias para as gerações futuras. Dessa forma, a escrita/escritura tem se tornado cada vez mais indispensável para os sujeitos, como uma maneira de lembrar e comemorar suas histórias, além de ser uma forma de expressão de seus pensamentos, de modo que, a partir de cada filiação ideológica do sujeito, os discursos são produzidos e (re)significados.

Essas reivindicações seguiram em 2014, período ainda anterior à Copa do Mundo, porém em 2015, a linguagem dos manifestantes diverge de 2013 e 2014, uma vez que em 2015 eles não protestam mais contra o aumento da tarifa e vestem-se com camisas da seleção brasileira, sinalizando apoio ao futebol, ao contrário de 2013, e vão às ruas em busca do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

### Texto-imagem 18: *Impeachment*



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Os manifestantes do ano de 2015 encontram-se em condições de produção diferentes dos manifestantes de 2013 e 2014, visto que eles já não são mais contrários ao evento mundial de futebol, uma vez que eles se vestem com camisetas da seleção brasileira. Além disso, eles foram às ruas para reivindicar o *impeachment* da atual presidente do Brasil. Não há pedidos de mudanças, essa manifestação ressoa como se o povo brasileiro tivesse atingido o seu limite e o estopim ocorre com a expressão “ass: povo brasileiro”, causando o efeito de sentido de que “o próximo capítulo” das manifestações iniciadas no ano de 2013 é o radicalismo, por meio do *impeachment* da presidente, como forma de resolução de todos os “problemas” do país.

Nesse âmbito, rememora-se os "anos rebeldes" no texto-imagem analisado, quando manifestantes foram às ruas, em 1992, mobilizados pelas denúncias de corrupção do então presidente, Fernando Collor, em busca do *impeachment*. Portanto, a expressão "próximo capítulo", sinaliza, também, para a continuação do movimento conhecido como "Os caras pintadas" de 1992.

Retomando o colorido do movimento dos anos rebeldes, os manifestantes não pintavam o rosto inteiro, como ocorre em 2013. Seus rostos eram pintados com duas "faixas" de cada lado, uma amarela e outra verde, como no texto-imagem 18 em que a letra 'L' do nome da presidente Dilma retoma a expressão do movimento de 92. Ressaltamos que, apesar da forma de pintura entre 1992 e 2013 serem diferentes, os movimentos rememoram e comemoram os anos rebeldes, as cores do país estampadas no rosto e no corpo dos



manifestantes significam e sinalizam para a identificação, para a filiação a um país e a tudo que o constitui.

Trata-se, portanto, de um efeito polissêmico dos discursos dessas manifestações. Apesar desses movimentos serem bastante recentes e de pautarem o protesto nas melhorias para o país e para os sujeitos que vivem e lutam por ele, divergem em alguns aspectos, sobretudo, nos motivos das reivindicações. Porém, a paráfrase se faz presente no patriotismo de ambos os movimentos, retratado nas cores da bandeira pintadas nos rostos ou no corpo. Além disso, pela expressão “anos rebeldes” ressoam as manifestações iniciadas em 2013 e seguidas em 2014. Retornam, assim, discursos que sinalizam que os últimos três anos no país foram de protestos, um dando continuidade ao outro, mas cada um com as suas especificidades.

Outra mudança no discurso e na reação dos manifestantes de 2015 comparados com os de 2013 é a relação com o militarismo. Nas manifestações ocorridas em 2013, os protestos se deram também contra a polícia, que utilizava a força e a violência para afastar os manifestantes, já nas manifestações que aconteceram em 2015, o protesto foi favorável à intervenção militar.

O texto-imagem nº18 retoma, também, a minissérie produzida pela Rede Globo de televisão, inspirada no livro "1968: O ano que não terminou", de autoria de Zuenir Ventura, que retratou o momento bastante conturbado vivido no Brasil e no mundo nos anos 1960, período de censura e militarismo, que abordaremos adiante na análise dos textos-imagens nº 19. De fato, a minissérie, lançada em 1992, abordou a trajetória de um grupo de colegas no Brasil, no período que vai de 1964, o ano em que se instalou no país o regime militar, até o ano de 1985.

Ao mostrar, durante a minissérie, a trajetória de jovens que lutavam contra a ditadura no país, analisamos que a mídia, juntamente com o momento vivenciado em 1992, influenciou para o início dos movimentos dos "caras pintadas". O que ressoa no campo da linguagem em que "Anos rebeldes. Próximo Capítulo", sinaliza, também, para a forma como as minisséries são apresentadas pela televisão, fragmentada em capítulos que retomam o capítulo anterior para significar.

Diante disso, analisamos que os movimentos no Brasil e no mundo, constituem-se em formas de capítulos, isto é, ressoam acontecimentos passados, parafraseando-os, por meio da repetição, e instaurando o novo, a partir das condições de produção do presente.

### Textos-imagens 19: contra a repressão



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

Durante o movimento, que se caracterizava como pacífico, houve recriminações, pois se acreditava que a manifestação era composta por vândalos, o que ressoa para baderna, agressão, destruição, ataque, brigas, entre outras. Então, na primeira materialidade, há o efeito de sentido de ironia, porque o homem, que ocupa o lugar de pai, segurando um bebê no colo e um cartaz: “olha a minha cara de vândala” como se a criança estivesse se expressando por meio do cartaz, representando que durante o movimento não houve agressões por parte dos manifestantes, uma vez que os pais levavam seus filhos para partilhar desse momento histórico do país.

No segundo texto-imagem, há o enunciado-imagem de um manifestante, com o rosto coberto, sinalizando que ele estava se protegendo dos gases de efeito moral que a Polícia Militar soltava contra os sujeitos. Ele estava com os braços erguidos de frente para os policiais, ressoando garra e, ao mesmo tempo, súplica que se solidifica no campo da linguagem com o enunciado: “não atire, ouça”.

No terceiro texto-imagem, a manifestante segura um cartaz em que expressa o desejo de ser ouvida, de poder falar/manifestar/cobrar seus direitos. A expressão “afasta de mim esse cale-se” ressoa a canção “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil: “Cálice” que tem como refrão: “Pai, afasta de mim esse cálice” e foi escrita em 1964, época da ditadura militar, portanto, da censura, mas só pode ser gravada em 1978. Com ela, os autores ressaltavam sua indignação com as desigualdades sociais e injustiças presentes no Brasil, naquela época. A música era, portanto, um protesto expresso por meio de metáforas, denunciando as torturas e repressões do governo militar e que ecoava a bíblia e as angústias e sofrimentos de Jesus na cruz. (AMARAL; SOUSA, 2012)

No contexto atual, as formações ideológicas modificaram-se e, por causa disso, os manifestantes têm como direito o poder de solicitar mudanças sem mascarar suas intenções, uma vez que vivemos em um país democrático. Assim, pode-se mobilizar a palavra “calar” sem receio. O contrário da música em que a palavra foi substituída por cálice para remeter-se a Jesus e ao ritual de sua morte e sacrifício, mais precisamente o momento da missa em que o vinho se transforma em sangue e o pão em carne. Sabemos que esse direito é ilusório, uma vez que, conforme os textos-imagens e os enunciados-imagem que os estruturam, há a presença de máscaras, sinalizando a certa proteção/segurança e, ao mesmo tempo, medo por parte dos manifestantes.

Há, portanto, uma liberdade imaginária, uma vez que a polícia militar que deveria representar/defender/obedecer ao governo, o poder maior, por meio de gases de efeito e bombas, tentava e, por muitas vezes, conseguia calar os manifestantes e amenizar o movimento. Desse modo, aliando textos-imagem e linguagem, alude-se que os manifestantes faziam certa súplica à PM solicitando: “não me agridam”, “não me façam calar”, “permitam que eu me expresse, pois é um “direito” da população”.

### Textos-imagens 20: A garra dos manifestantes



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

No primeiro enunciado-imagem, do texto-imagem 20, há a representação da juventude atual, com a presença de frase comum aos jovens brasileiros que foi adaptada ao momento do movimento. A palavra “recalque”, muito utilizada atualmente pelos jovens, repercute repulsão, recusa, repressão que se materializa com a palavra ditadura. A democracia é, de certo ponto, limitada e a ditadura está mascarada e significa-se por meio das atitudes da PM.

Mas os jovens argumentam que a ditadura “bate na minha geração e volta”, significando que a juventude brasileira não permitiria que a ditadura mascarada, ressaltada com a cor do partido que encontrava-se no poder, vermelho, vencesse o movimento e que, portanto, a repulsa e a repressão do governo ao povo eram a mesma do povo ao governo, principalmente, dos jovens, uma vez que o discurso se materializa por um jovem empunhando o cartaz que diz "bate na minha geração", instaurando o efeito de sentido de que o movimento foi comandado pela juventude.

A repulsa solidificando-se com a faixa: “Brasil, verás que um filho teu não foge à luta”, ressoa o hino nacional e o imaginário coletivo do povo brasileiro como persistente, repercutindo a expressão "eu sou brasileiro e não desisto nunca", que, por sua vez, ficou reconhecida durante o governo do PT, instaurando o efeito de sentido de reversão em que a expressão que era lema do governo, passa a ser utilizada contra ele. Esses efeitos de sentidos solidificam-se na garra dos manifestantes que mesmo com a “repressão” continuavam na luta pelos seus ideais.

#### **Texto-imagem 21: intervenção militar e ditadura**



*Fonte: google.com.br/imagens*

Em 2015, o radicalismo, como já analisado, anteriormente, tornou-se muito evidente e os discursos dos cartazes tinham um funcionamento de ordem/ imposição, causando o efeito de sentido de que os manifestantes não conseguiam imaginar outra maneira de melhorar as condições do país, senão pelo retrocesso de um direito já adquirido pela população, também por meio de manifestações. Ressoa, por meio das imagens, que, em 2013, a polícia posicionava-se contra as manifestações e em 2015, esse posicionamento é outro, pelo fato de os manifestantes defenderem a intervenção militar.

O enunciado que instaura um efeito de fechamento na materialidade em análise é: "Eu exijo ordem e progresso", em que retorna o discurso presente na bandeira brasileira, pela qual retorna o discurso de Auguste Comte: "O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim", lema do positivismo que possuía ideologias republicanas no período de transição do regime monarquista para o republicano, no Brasil.

Sabemos que a instauração do regime republicano se deu com o auxílio do militarismo em 1889. Porém em 1964, com o golpe militar, o Brasil deixou de ser um país republicano e tornou-se um país governado pelo militarismo, que limitava o direito de expressão da sociedade. Somente em 1985, com a eleição de Tancredo Neves, o Brasil voltou a ser um país republicano, instaurando a Nova República.

As solicitações de ordem e progresso dos manifestantes em 2015 vão contra o regime republicano, motivo pelo qual o lema se originou no Brasil. Por isso, ressoam memórias, segundo as quais para esses manifestantes, a implantação da ordem e do progresso, no país, só seria possível com o retrocesso dos direitos. A volta do governo militar, de acordo com os manifestantes, é importante e aceita, uma que vez que, segundo esta análise, o regime republicano não cumpre com as ideologias que o originaram.

Além disso, os deslizes e variações dos discursos dos manifestantes fazem-se presentes entre os mesmos, ao passo que protestavam favorável à intervenção militar no país e, ao mesmo tempo, empunhavam cartazes com o seguinte discurso:

### Texto-imagem 22: Contra o comunismo



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

A palavra “ditadura” já possui um significado no imaginário social, devido aos fatos ocorridos no país quando viveu o momento da ditadura militar, em que a censura e as agressões aos manifestantes contrários ao governo eram características daquele regime, ou

seja, não havia liberdade de expressão nesse período. Quando lemos, no cartaz, não à ditadura, no nosso imaginário ressoa o regime militar do passado, porém, há um deslize de sentido, uma vez que os manifestantes de 2015 protestavam contra a ditadura e ao mesmo tempo defendiam a intervenção militar no país como forma de melhorias.

Outro deslizamento de sentido ocorre pela relação de ditadura com o comunismo. Segundo a história do país, a doutrina desse movimento político é a igualdade social, defendida por Karl Marx, como a própria origem da palavra no latim significa “comum”. Essa ideologia ressoa diferentemente à doutrina estabelecida pela ditadura militar, porém, no discurso do texto-imagem analisado, o comunismo é visto como algo ruim para a população, assim como a ditadura foi vista no passado. Esse sentido é instaurado com a representação do nome do país em cor vermelha, significando sangue derramado, como no período ditatorial.

Dessa forma, observamos que a língua está propensa à falha e a falta, assim como à ambiguidade e ao deslize de sentidos, isto devido às condições de produção do discurso, aos sujeitos interpelados ideologicamente e às posições que eles ocupam na sua formação social, de onde discursivizam e (se) significam. Assim, observamos que as contradições, nos discursos das manifestações analisadas até o momento, não dependem somente do contexto-histórico e ideológico de um período para outro, como destacamos anteriormente, mas variam dentro do mesmo movimento, como o caso da divisão do Brasil em 2015, em manifestantes que protestam e são favoráveis ao governo e, por isso, contra aqueles que pediam o *impeachment* da atual presidente do país e, também, contra a intervenção militar, conforme segue.

### Texto-imagem 23: Favorável ao comunismo



Fonte: [google.com.br/imagens](http://google.com.br/imagens)

O movimento de 2015, retratado no texto-imagem 23, foi favorável ao governo e, basicamente, comandado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), organização socialista cuja ideologia é defender os trabalhadores, por meio de busca pela igualdade social no país. Essa organização sindical classifica-se como de esquerda e, por isso, defende o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que tem como atual representante a presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Nesse âmbito, a organização sindical, manifestou-se contrária às reivindicações dos manifestantes de 2015.

No texto-imagem nº 23 que dá visibilidade e mostra que os sujeitos militantes são responsáveis pela organização e pelo governo do PT, o vermelho, faz-se presente em toda manifestação. É mobilizado, sobretudo, para destacar palavras nos cartazes e faixas empunhados pelos manifestantes. As palavras e expressões "democracia, luta, vencer, urna, governar, projeto popular" fazem relação com o nome da presidente Dilma, causando efeito de sentido de que o seu governo é democrático e a favor da luta das classes sociais, logo, como a presidente se elegeu de forma democrática, deveria continuar governando.

Evidencia-se a oposição aos manifestantes que ordenavam o *impeachment* da presidente e a intervenção militar. Assim, há também uma oposição às manifestações de 2013, contrárias ao descaso do governo com a população. Nos movimentos da CUT, instaura-se o desejo de seguir adiante com o governo, de progredir, continuar como está, partindo da expressão "avante, Dilma". Porém, o efeito parafrástico se faz presente, uma vez que é pela repetição que se instaura o novo e esse efeito fica notório com a expressão "não ao golpe", (re)significando o Golpe Militar de 1964, deflagrado contra o governo de João Goulart.

Assim, não podemos questionar o fato da linguagem ser constitutiva do sujeito e o seu funcionamento ocorrer em contextos sócio-históricos marcados, dos quais resultam determinados efeitos de sentidos e não outros. No que tange ao funcionamento da língua, em textos midiáticos, vale destacar que o sujeito "pensa" o dizer como sendo sempre um e isso instaura o equívoco, a falta e a falha, gerando a contradição. Tudo ocorre porque há uma pluralidade de filiações em relação ao sujeito, sinalizando que não é possível ter o domínio total do que é dito.

Segundo Orlandi (2013, p. 36), a paráfrase é a "matriz do sentido", tendo em vista que o sentido depende da repetição para (re)significar e a polissemia é a "simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico". Esses processos jogam com o equívoco, já que o discurso se faz no jogo constante entre o mesmo e o diferente e, por isso, o sentido sempre pode ser outro, pode deslizar e ser dividido. Trata-se da relação entre político e linguístico, simbólico e ideológico, pois é na "língua que a ideologia se materializa".

Assim, uma vez analisados os discursos *dos* manifestantes de 2013 a 2015, em seguida, analisaremos os discursos *sobre* os manifestantes veiculados pela mídia, de modo que possamos responder ao objetivo específico que deu origem ao capítulo III deste estudo.

### 3.2 Análise dos discursos *sobre* as manifestações de rua retratadas pela mídia

Para analisarmos os discursos *sobre* as manifestações de rua recortamos sete materialidades que foram divulgadas pelos veículos midiáticos, de modo a verificar os posicionamentos dos sujeitos-jornalistas e das linhas editoriais das revistas perante as manifestações, ressaltando que a língua(gem) e os sujeitos não são isentos à ideologia.

Iniciamos nossas análises dos discursos *sobre* as manifestações, com um texto-imagem divulgado pela revista *Veja*, próximo ao início das manifestações de 2013, instaurando efeito de sentido de posicionamento contrário às manifestações, que seguem em todas as análises dessa linha editorial. Intercalamos, com isso, textos-imagens divulgados pela revista *IstoÉ*, tendo em vista que, em nossas análises, ressoa o posicionamento favorável às manifestações dos sujeitos-autores e de suas filiações à essa linha editorial.

#### Texto-imagem 24: O bando de caras tapadas



Fonte: Revista *Veja*



Essa edição da *Revista Veja* foi lançada em agosto de 2013, aproximadamente dois meses após o início das manifestações e mostra outros lugares ocupados pelos manifestantes que não o de sujeito pacífico. Na materialidade em tela, temos um efeito de sentido diferente do que a *Revista IstoÉ* de dezembro de 2013 trouxe para as bancas, um efeito polissêmico. Em primeira instância, analisamos que os manifestantes não estão vestidos com a bandeira do Brasil, que prescreve o efeito de patriotismo, mas se vestem de vermelho, o que remete ao pré-construído dos “sangues vertidos” das lutas históricas e, ao mesmo tempo, de desafio/luta que se justifica pela mão erguida da manifestante, ressoando o efeito de imposição/intimação.

Além disso, a integrante do movimento utiliza uma máscara pendurada no pescoço para se proteger dos gases de pimenta que a Polícia Militar utilizava para amenizar a movimentação. Há, portanto, um duplo efeito de sentido no texto-imagem, uma vez que, ao mesmo tempo, há a luta e imposição dos manifestantes e há, também, a presença da proteção/do medo ressoando na utilização das máscaras.

No campo da linguagem, há um jogo de palavras com o que, até então, era conhecido pela sociedade; os “caras tapadas” dão lugar aos “caras pintadas”, produzindo duplo efeito de sentido “o sujeito que nada vê, nada entende”, é ‘tapado’ ou aquele que se mascara, se tapa, se esconde, o que sinaliza para o medo, para a proteção, ressoando na análise posterior do texto-imagem 25, distinguindo das características ressaltadas pela *Revista IstoÉ*: corajosos, sem medo. Trata-se da tensão entre o verbal (dito) e o não-verbal (não-dito, mas visto).

Além disso, a expressão “caras tapadas” justamente com o enunciado-imagem da revista *Veja*, ressoa efeito de baderna/ bagunça/ agressão, que se solidifica com a palavra “bando” e que no discurso poderia ser trocado pela palavra “grupo”, mas não têm a mesma carga semântica e não causaria o efeito defendido pelo sujeito-locutor, uma vez que a palavra “bando” traz em si um sentido pejorativo, sinalizando para algazarra e bagunça, o que se concretiza com o enunciado “saem nas ruas para quebrar tudo”.

Esses efeitos de sentido são possíveis devido ao funcionamento da memória discursiva sobre a designação com a qual esses manifestantes foram denominados. O movimento dos *Black Bloc* teve origem na Alemanha, nos anos 80, quando, para enfrentar as ações dos policiais, os manifestantes contrários ao movimento nuclear da época, usavam máscaras e roupas escuras, marchando sempre em blocos. (REVISTA VEJA, 2013). Desde então, esse modo de manifestação passou a fazer parte de diversos movimentos ao redor do mundo: Estados Unidos, Canadá, Itália, Egito e Brasil.

Sendo contra o governo, os *Black bloc* são contra o capitalismo e a globalização, por isso, seus alvos são os símbolos de poder como bancos e sedes de instituições públicas (DCM,

2013). De acordo com o DCM, 2013, os manifestantes do *Black Bloc* não agredem pessoas, por isso, não se consideram violentos, mas destroem objetos e essa prática os leva a confrontos com a Polícia, ressoando como vândalos.

Durante as manifestações de 2013, o grupo infiltrou-se em vários movimentos, sempre vestindo cores escuras e capuzes cobrindo o rosto e, normalmente, a violência se instaurava. Dessa forma, contrariamente à capa da *Revista IstoÉ*, que analisaremos a seguir, a *Revista Veja* traz outra visão da manifestação no Brasil, voltada para o lado da violência.

Nessa perspectiva, observa-se que a compreensão e análise dos textos-imagens foram possíveis devido ao interdiscurso e pré-construídos em torno do tema “manifestação” ao longo da história do Brasil e do mundo, pelos quais os dizeres já significaram antes em outros lugares. Conforme afirma Orlandi (2013, p. 32) “[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”.

Assim, continuaremos nossas investigações, analisando, conforme o texto-imagem 25, o posicionamento da linha editorial da revista *IstoÉ*, que em suas primeiras divulgações *sobre* os discursos *dos* manifestantes de rua de 2013, retrata o enunciado-imagem do manifestante com a "cara pintada" com as cores da bandeira do Brasil.

### Texto-imagem 25: O manifestante



Fonte: Revista IstoÉ

Essa edição da revista foi lançada em 04 de dezembro de 2013 e tinha por objetivo ressaltar os nomes que tiveram destaque no ano de 2013 no Brasil, numa espécie de retrospectiva.

Na materialidade, em tela, pelos enunciados e pelas palavras que a estruturam ressoam pré-construídos em torno de temas das manifestações. Na atualização do discurso, o sentido constituído pelo contexto sócio-histórico do acontecimento faz com que ressoem memórias em torno das manifestações no Brasil. Faz parte do texto-imagem, enunciados-imagem em torno de sujeitos que se destacaram, no Brasil, em 2013.

O enunciado-imagem que se estrutura pela representação da presidente Dilma Rousseff, do, até então, senador Aécio Neves e do governador Eduardo Campos, representam, na materialidade do discurso e, naquele momento, a política brasileira. Isso porque esses sujeitos eram os prováveis candidatos à Presidência da República, apontando para o efeito de democracia, que o povo brasileiro estava experimentando durante o movimento, regido por desejos de mudanças e pela luta em diversas frentes, sem distinção entre classes, raças, sexos e idades.

O enunciado-imagem que segue, retrata o ator e humorista Fábio Porchat, destaque na comédia em 2013, que ocupa várias posições-sujeito na televisão, no cinema e também na *internet*, ou seja, ele teria sido um dos grandes nomes do ano. Logo em seguida, o enunciado-imagem do técnico da seleção brasileira da época, Luiz Felipe Scolari, no ano pré-Copa do Mundo sinaliza que a realização da Copa no Brasil se constituiu como um dos motivos pelos quais a população foi às ruas reivindicar medidas contra os gastos excessivos com as obras para a concretização do evento esportivo mundial. Na sequência, ressalta-se o enunciado-imagem do ator global Mateus Solano, que fez sucesso em 2013, ao atuar como vilão na novela *Amor à vida*, da Rede Globo de televisão, o que lhe deu reconhecimento como um dos melhores de sua geração, segundo informações da *Revista IstoÉ*, na edição analisada nesse estudo.

Esses enunciados-imagem junto aos demais enunciados-imagem da materialidade em tela, completam/ formam o rosto da manifestante pintada com as cores da bandeira brasileira, ressoando a memória discursiva de que, no momento do movimento, os brasileiros estavam juntos, completando-se, buscando ao mesmo tempo um ideal comum para população. Além disso, no ano de 2013, assim como os personagens midiáticos, políticos e esportistas, os cidadãos comuns foram protagonistas, os grandes nomes do ano, já que fizeram sua própria história e a história do país.

A expressão do rosto da manifestante no enunciado-imagem acima sinaliza/aponta a “garra” do povo durante o movimento, uma vez que se apresenta como quem está gritando para que fossem ouvidos os pedidos dos cidadãos brasileiros, o que se ressalta no campo da linguagem “fez sua voz ser ouvida”. Observamos, ainda, que pintar o rosto, e não outras partes do corpo, sinaliza, também, para esconder-se, uma vez que, mesmo vistos como aqueles que se expõem, através das pinturas, os sujeitos não mostram suas fisionomias como realmente são.

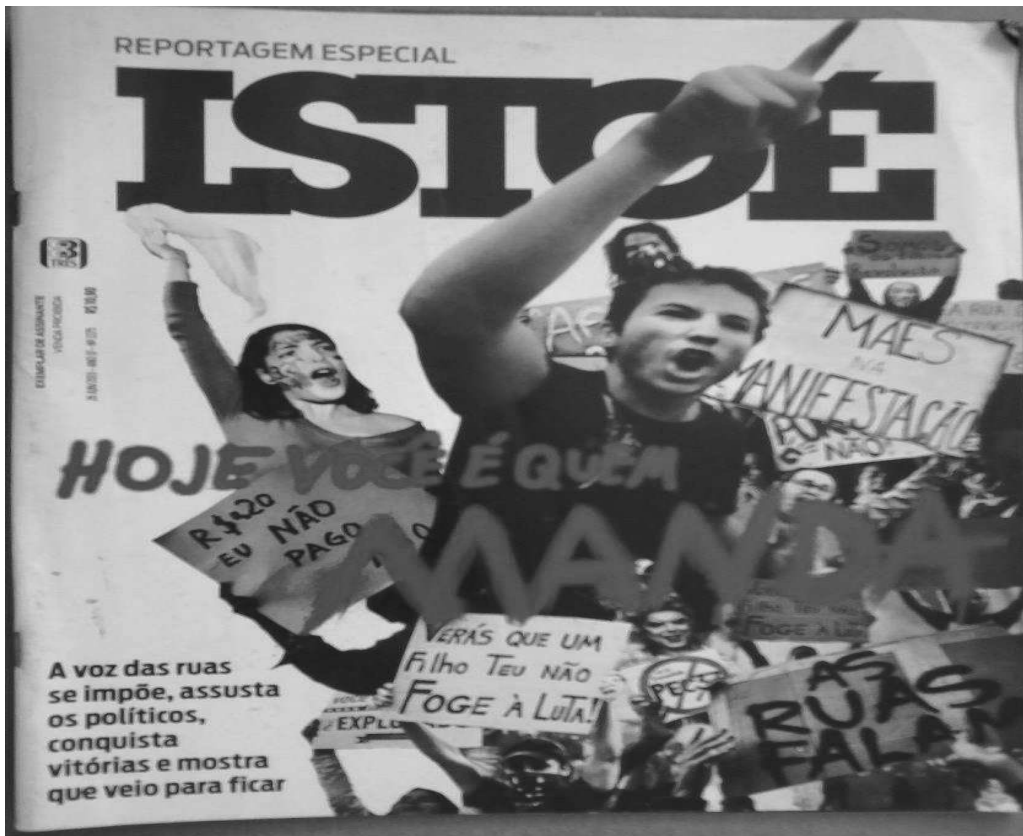
O rosto pintado, além de ressoar o patriotismo, retoma a figura dos “caras pintadas” que fizeram sua história na década de 90, durante a manifestação estudantil contra o governo de Fernando Collor de Mello. É importante ressaltar que cada novo movimento traz consigo o interdiscurso dos movimentos anteriores no Brasil e no mundo, pois características de outros movimentos estão sempre sendo rememoradas (discurso *de*) e comemoradas (discurso *sobre*) nas manifestações. Sendo assim, o movimento de 1990 surgiu a partir de memórias dos movimentos de 1960 e as recentes manifestações rememoram esses dois movimentos que foram basicamente formados por estudantes que saíram às ruas para reivindicar melhorias sociais.

No campo da linguagem, o trabalho do sujeito que assume a responsabilidade pelo que é dito, destaca palavras que caracterizam o movimento. A expressão “sem máscaras” instaura efeitos de sentido junto a outras expressões, tais como, “sem medo”, “sem se esconder”, “sem disfarce”, “mostrando quem realmente é”. Trata-se de um exercício parafrástico, em que determinadas palavras não foram ditas no enunciado devido às condições de produção do discurso, mas significam por meio de pré-construídos em torno das manifestações, ou seja, os sentidos comportam sempre outros sentidos.

Outro deslize em torno de efeitos de sentido é provável e possível pela palavra “pacífica”, que caracteriza o movimento como “em paz”, “sem violência” e, apesar do sujeito-locutor simular objetividade e isenção, assume a posição-sujeito de quem é favorável ao movimento. É sabido que durante a manifestação houve vários conflitos pelos denominados *Black Bloc*.

Por último, a expressão “novo momento do Brasil” sinaliza para o início da análise dessa materialidade em que, nessa edição, os manifestantes foram comparados às celebridades e aos políticos que durante o ano de 2013 foram protagonistas de suas próprias histórias, da história da televisão brasileira e da nação brasileira.

### Texto-imagem 26: Hoje você é quem manda



Fonte: Revista IstoÉ

O enunciado em destaque, nessa materialidade, faz relação com a música "Apesar de você" de Chico Buarque, 1971, escrita no período da repressão militar e cultural do país, no qual não era possível expressar opiniões. Assim, os autores mobilizavam recursos de linguagem para que, por meio de metáforas, pudessem dizer sem dizer, produzindo sentidos estabelecidos pela posição-sujeito e condições de produção do discurso. A canção tem como primeira estrofe:

"Hoje você é quem manda  
 Falou, tá falado  
 Não tem discussão  
 A minha gente hoje anda  
 Falando de lado  
 E olhando pro chão, viu (...)"

A música refere-se à opressão, período em que o povo era submisso à polícia e deveria cumprir suas ordens "falou tá falado, não tem discussão". No período da intervenção militar, não havia debate com o governo, diferente do que é proposto pela democracia. Por isso, segundo a canção, as pessoas andavam "falando de lado e olhando pro chão" ressoa o medo

por parte da população pela polícia. Assim, para chamar atenção da população sobre o momento que estavam vivenciando e driblar a censura, o sujeito-autor segue com os versos,

"Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia  
Eu pergunto a você  
Onde vai se esconder  
Da enorme euforia  
Como vai proibir  
Quando o galo insistir  
Em cantar  
Água nova brotando  
E a gente se amando  
Sem parar

Quando chegar o momento  
Esse meu sofrimento  
Vou cobrar com juro, juro  
Todo esse amor reprimido  
Esse grito contido  
Este samba no escuro"

O sujeito-autor coloca-se, portanto, na posição-sujeito de quem também sofre com a opressão e retoma o título da canção: "apesar de você" que nos remete à própria repressão "amanhã há de ser outro dia", por meio das redes de memória, sinaliza que houve opressão e, com ela, os sujeitos foram impedidos de expor suas opiniões e que ainda havia esperança de que no futuro essa realidade seria mudada.

E, então, o sujeito-autor indaga os responsáveis pela, até então, política no país sobre como eles iriam se comportar se a população resolvesse reagir e se posicionar contrária ao governo. A palavra "euforia" traz consigo, partindo da memória discursiva, um estado de júbilo e ao mesmo tempo de reivindicação, ocasionada pelas manifestações de rua.

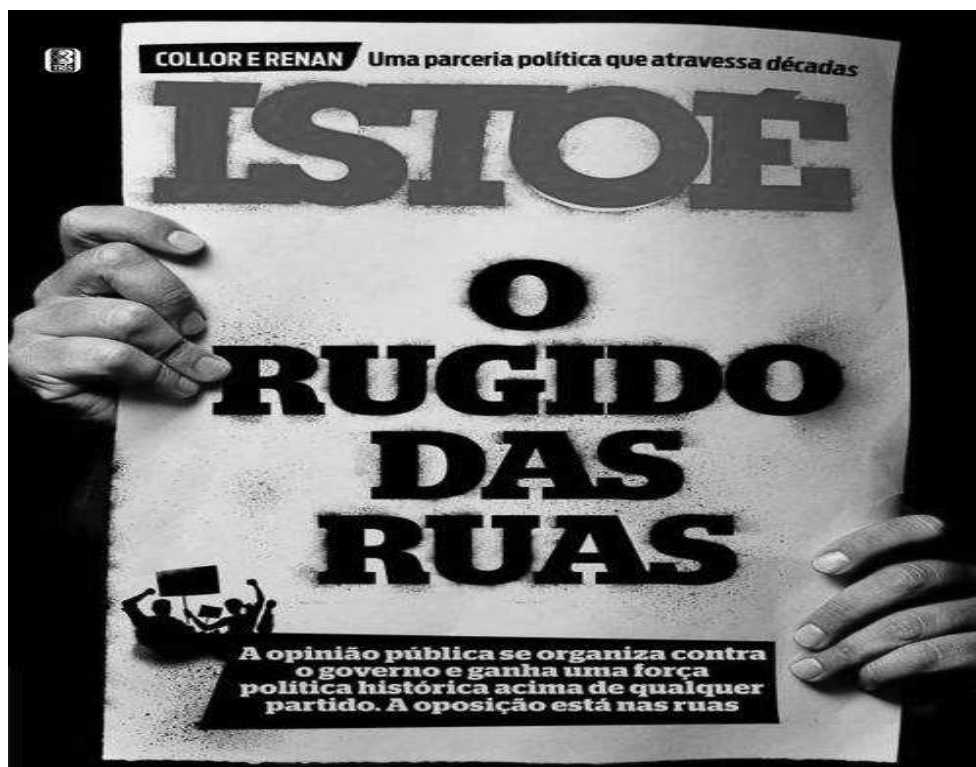
Este efeito de sentido se dá com a expressão "vou cobrar com juro, juro, todo esse amor reprimido, esse grito contido, este samba no escuro". Remetendo-nos ao pré-construído de que o sujeito-autor garantia que as vozes dos cidadãos seriam ouvidas e seus direitos seriam exigidos baseados em todo o período em que a censura os impossibilitou de expor suas opiniões.

Partindo do interdiscurso acerca da história da canção e da coragem da sociedade que foi às ruas se manifestar e conseguiu estabelecer a democracia no país, as manifestações de 2013 são uma continuidade das reivindicações de movimentos anteriores, porém com cenários e realidades diferentes.

Há, portanto, um efeito polissêmico entre a canção e o texto-imagem analisado, partindo da expressão "Hoje você é quem manda" que faz referência à canção abordada, o sujeito que está no poder não é mais relacionado à opressão, mas passam a ser os manifestantes que foram às ruas. Essa análise torna-se possível com os enunciados-imagens abordados pelos manifestantes através de cartazes, presentes no texto-imagem 26, além disso os braços erguidos e bocas abertas ressoam imposição em forma de gritos e protestos. Essa imposição ressoa com a frase "a voz da rua se impõe, assusta os políticos, conquista vitórias e mostra que veio para ficar". Nessa perspectiva, podemos fazer relação com o grito de euforia almejado na canção de Chico Buarque, grito esse que ganha força na rua, isto é, ressaltado com o cartaz "as ruas falam".

Apesar de, atualmente, haver uma grande expansão das redes sociais via *internet* e, através delas muitos manifestantes expõem suas opiniões e ideias, ainda, no século XXI, é por meio das ruas que as "vozes" são noticiadas, isto é, os movimentos são retratados pela mídia. Dessa forma, os manifestantes são ouvidos, seguindo a posição-sujeito de quem relata os acontecimentos e de acordo com a posição-sujeito leitor. Assim, por meio do discurso midiático, os movimentos tornam-se história e memória, partindo de memórias discursivas anteriores. Essa afirmação se concretiza no discurso do texto-imagem a seguir.

### Texto-imagem 27: O rugido das ruas



Fonte: Revista IstoÉ

A palavra “rugido” traz consigo o pré-construído de som profundo, efetuado pelos mamíferos com a boca totalmente aberta, ressoando fúria, proteção, demarcação de território e também uma forma de comunicação desses animais.

Normalmente, o rugido é retratado na mídia com enunciados-imagens de leões que, no imaginário coletivo, são considerados reis da selva, devido a sua pose que ressalta imposição, além de possuir juba e um olhar fixo que intimida suas presas. Outra característica marcante dos leões é, de fato, o rugido forte, que possibilita ser denominado como rei, como aquele que manda.

Dessa forma, levando-se em consideração o pré-construído e o imaginário social em torno da palavra “rugido” e as características dos leões, o texto-imagem em tela, com vistas a instituir essa qualidade de superioridade aos manifestantes, os quais, por meio de seus gritos, gestos e escritas, expuseram suas opiniões nas ruas das cidades brasileiras para que fossem atendidos.

Ao utilizar a palavra "rugido" e não a palavra "ronco", por exemplo, o sujeito-autor posiciona-se favorável ao movimento, uma vez que, apesar da palavra "ronco" também ressoar um ruído grave, esse ruído só é possível quando há um sujeito dormindo, isto é, um sujeito que nada vê, ao contrário do rugido, o qual é propagado quando o sujeito se encontra acordado e atento para o que está acontecendo ao seu redor.

O enunciado-imagem de duas mãos segurando um cartaz, tendo em vista o contexto histórico, ressoa um manifestante que expõe seus discursos por meio das suas escritas/escrituras que são, para o sujeito-autor, a principal forma de "rugido" estabelecida pelos manifestantes, assim como os gritos e os gestos, observados no enunciado-imagem de vários manifestantes segurando seus cartazes e com os braços erguidos e mãos fechadas que ressoam imposição, por isso, são como os leões, aqueles que "mandam".

Essas escritas/escrituras, segundo o sujeito-autor, "ganham uma força política histórica acima de qualquer partido", o que nos possibilita estabelecer que os movimentos de rua são mais fortes, superiores, aos partidos políticos que coordenam e administram Brasil, e essa força se materializa nas ruas, por meio dos discursos *de* rua. No final do seu discurso, o sujeito-autor posiciona-se contra o governo atual, ao dizer que "a oposição está na rua", ressoando, desse modo, a posição-sujeito da linha editorial a que se filia, possibilitando afirmar que os sujeitos são assujeitados ideologicamente e discursivizam a partir de suas posições-sujeito.



### Texto-imagem 28: A revolta dos jovens



Fonte: Revista *Veja*

Seguindo às posições-sujeito ocupadas e a ideologia defendida pela revista *Veja*, compreendemos pelo texto-imagem em tela, o efeito de redes parafrásticas de oposição aos movimentos de rua. Esses efeitos se constituem pelas edições lançadas pela revista sobre os movimentos de rua de 2013.

O efeito de sentido dessa materialidade ressoa, em uma primeira análise, no jogo com a palavra “revolta”, seguido do enunciado-imagem de destruição da cidade ilustrada com incêndio na cidade e “pichação” de estabelecimentos, instituindo a relação dos manifestantes com os *Black Blocs*, que aos olhos da imprensa, eram os vândalos e destruidores no movimento. Trata-se, portanto, de redes de memórias que atualizam e (re)significam os dizeres do presente.

Considerando o campo da linguagem, observamos que a revista posiciona-se contrária ao governo, uma vez que faz uma crítica ao aumento do preço da passagem do transporte

urbano e, ainda, à corrupção, que são os motivos pelos quais a população se uniu para se manifestar. Entretanto, apesar desse posicionamento, há, também, um posicionamento, por parte da revista *Veja*, contrário aos movimentos de rua do ano de 2013, que ressoa com a palavra "criminalidade". Existe um deslizamento de sentido, uma vez que o enunciado inicia fazendo críticas ao governo, mas é concluído com críticas aos manifestantes: a vez da criminalidade, ressaltada no campo do não-dito, mas que se faz presente por meio de enunciados-imagem.

O jogo de sentido permanece entre as palavras pichadas, entre aspas "contra" e "aumento", instaurando duplo efeitos de sentidos, uma vez que os manifestantes protestavam contra o aumento de passagens e de corrupção no Brasil e, a revista traz a indagação sobre a transgressão, colocando em dúvida a efetividade do movimento, uma vez que os manifestantes se posicionaram contra os abusos do governo, mas destruíram patrimônios públicos.

Além disso, é possível compreender que as transgressões ocorrem pelo fato de ser um movimento caracterizado como organizado pelos jovens, inicialmente conhecido como Movimento do Passe Livre, uma vez que o sujeito-autor utiliza a expressão "a revolta dos jovens", ecoando como despreparados, imaturos, inconsequentes e que usam a criminalidade para expor suas ideias.

Há, também, a presença de um jogo de sentido com a palavra "corrupção" que ressoa como obtenção de vantagem por meio de ações consideradas ilegais, sendo, portanto, o motivo de manifestação contra o governo, considerando que esse obteve vantagem sobre os direitos dos brasileiros. No entanto, ao depredarem os órgãos públicos, no texto-imagem 28, os manifestantes igualam-se ao governo e são, também, considerados corruptos, uma vez que, para serem ouvidos, usam de meios ilegais, como a criminalidade e a violência.

Desse modo, podemos afirmar que existe uma inversão de papel entre o governo e a sociedade ou, ainda, ambos se colocam na mesma posição, ressoando que, independentemente, dos sujeitos, sempre existe a tomada de vantagens a partir de ações ilegítimas.

Continuando com o posicionamento ideológico da revista *Veja*, analisamos, a seguir, outra materialidade relacionada às manifestações de rua que aconteceram no ano de 2013 no Brasil.

**Texto-imagem 29: Os sete dias que mudaram o Brasil**



*Fonte: Revista Veja*

A materialidade em tela corrobora as análises já efetuadas anteriormente, ao pensarmos a mídia enquanto prática discursiva, possibilitando-nos fazer relações com a linguagem (escrita/escritura, imagem, gestos) e redes de memória. Nessa materialidade, há relação com os "caras pintadas", já abordados, neste estudo, uma vez que a manifestante veste-se com a bandeira do Brasil, ressaltando o patriotismo estabelecido pelos adeptos dos "caras pintadas".

Por outro lado, há um deslize de sentido, uma vez que o amor à pátria é colocado em dúvida ao ressaltar-se o enunciado-imagem de destruição do patrimônio, por meio de incêndio à frente da manifestante vestida com a bandeira do Brasil. Essa análise concretiza-se no efeito polissêmico estabelecido pelo verbo "mudaram", na expressão "os sete dias que mudaram o Brasil", que ressoa as mudanças causadas no país durante as manifestações de rua de 2013.

Nessa perspectiva, desencadeia-se o jogo de sentido em que, de acordo com as redes de memória estabelecidas com as manifestações anteriores, as mudanças deveriam ser positivas. Porém, nos discursos da revista *Veja*, ressoa que as mudanças são negativas, uma vez que são ressaltadas/ significadas a partir dos danos/destruição ocasionados pelos manifestantes nos patrimônios públicos, como significado com o incêndio no texto-imagem

29. Assim, é possível estabelecer relações interdiscursivas com os *Black Blocs*, tendo em vista que eles são abordados nas reportagens da mesma revista como sujeitos que destroem o patrimônio público e utilizam a violência para expor suas ideias em torno de um acontecimento.

Além disso, ressoa no texto-imagem 29, a passagem bíblica, Gênesis 1:1, em que Deus criou o céu e a terra, a luz e a treva, os mares e a terra, o dia e a noite, os animais e as árvores, e descansou no sétimo dia, após criar toda sua obra e abençoá-la. Foram sete dias, de acordo com a passagem bíblica, que mudaram o mundo, assim, no texto-imagem 29, ressoa a comparação dos manifestantes com o criador, por isso, poderosos, que assim como Ele, em sete dias tiveram a capacidade de mudar o Brasil.

Mas, ao analisarmos o enunciado-imagem do incêndio dos locais públicos, instaura-se a oposição dos manifestantes com o criador, sendo ele o que criou, com amor, e aqueles os que destruíram, arruinaram o país, por meio de depredação de espaços públicos. Trata-se, portanto, dos efeitos de sentidos dos discursos que não são transparentes, o que encaminha para a língua(gem) enquanto heterogênea, sujeita à falha, à falta, à opacidade e ao equívoco.

### Texto-imagem 30: A volta da repressão



Fonte: Revista IstoÉ

Na materialidade anterior, o sujeito-autor da capa da revista posiciona-se com espanto sobre as agressões, destacadas no enunciado-imagem da polícia com os manifestantes. O sentimento de indignação é ressaltado com a expressão "nada justifica", seguida de "a volta da repressão".

O texto-imagem traz consigo as redes de memória em torno da época da repressão política e militar vivenciada pelos manifestantes em meados dos anos 70. Sabe-se que o Brasil tornou-se um país democrático, cuja característica é o igualitarismo e, por conta disto, a liberdade de expressão é permitida. Porém, esses sentidos fogem à realidade do texto-imagem analisado. A repressão é instaurada como recurso violento por parte da polícia contra manifestantes e ressoa do campo da linguagem tanto pela escrita/escritura, quanto pelos enunciados-imagens.

É possível analisar o enunciado-imagem do policial agredindo os manifestantes que se encontravam em um bar da Avenida Paulista, com a expressão de alegria/ contentamento e, ao mesmo tempo, ódio em realizar essa ação. Os parceiros dele encontram-se parados, repercutindo a admiração ao sujeito-policial, diante do que ele realiza. Ao fundo tem-se o enunciado-imagem de um sujeito com as mãos no rosto, ressoando a expressão de espanto, susto e medo diante do ocorrido. A respeito dos manifestantes, observa-se o sujeito caído com os braços erguidos como quem tentava segurar a manifestante que estava sendo agredida, pelas costas, (re)significando a fragilidade e vulnerabilidade dos manifestantes diante da polícia caracterizada como covarde e despreparada.

Esses efeitos de sentido são ressaltados pelo enunciado-imagem em que há a agressão física dos manifestantes com cassetetes. Constituem-se evidências de que eles estão impossibilitados de se defenderem, tendo em vista que um encontrava-se de costas para os policiais e outro já estava caído, e pela diferença de proteção por meio de armamento e objetos utilizados pela polícia em relação aos manifestantes.

Além dos enunciados-imagem, as características relacionadas à polícia são ressaltadas no campo da linguagem, com a expressão "são respondidos à bala por uma polícia despreparada". Podemos compreender que a atribuição da polícia e o seu despreparo deve-se aos efeitos de sentido de democracia, uma vez que a polícia deveria trabalhar em prol da sociedade, para o bem social, ficar ao lado da população e não contra ela. Esse imaginário distoa do texto-imagem analisado. Há, portanto, um efeito polissêmico.

Além disso, no texto-imagem 30, o policial é negro e bate em uma manifestante branca, rememorando os acontecimentos passados na época da escravidão em que os negros eram agredidos pelos brancos. Há, assim, uma inversão dos lugares desses sujeitos na

sociedade atual, o que para a AD trata-se do acontecimento, pois rompe com a rede parafrástica que sustenta a repetição em torno da memória da escravidão no Brasil.

Compreendemos, portanto, nas análises realizadas, por meio do nosso gesto de leitura, que os sujeitos são marcados em seus discursos pelas posições ideológicas a que se filiam e, portanto, conforme os pressupostos da AD, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Assim, os sujeitos-manifestantes, apesar de protestarem em prol da coletividade, expõem, em seus discursos, seus posicionamentos ideológicos. Através da rua, eles são ao mesmo tempo coletivos e individuais.

Além disso, os sujeitos-autores dos textos-imagens das revistas são, também, individuais e a linearidade ocorre em consonância com a linha editorial a que se filiam, mas expõem, também, em seus discursos, sua individualidade, marcada pela escolha, consciente ou não, dos enunciados-imagem, das cores, do verbal e dos não-ditos, mas presentes, em seus discursos, encaminhando para o discurso subjetivo, ao contrário da ilusão a que os sujeitos são acometidos quanto à objetividade dos discursos científicos e jornalísticos, sinalizando para sujeitos e para a filiação ideológica deles.

## EFEITOS DE FECHAMENTO

Não pretendemos, com este trabalho, esgotar as possibilidades outras de interpretações do tema proposto, tendo em vista a incompletude do textual. Trata-se de efeitos de sentidos e a possibilidade de que eles sempre podem ser outros, conforme Pêcheux (2006, p. 53):

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar a interpretação.

Este estudo possibilitou aliar teoria e prática, além de estudos relacionados à língua(gem), à escrita/escritura, à urbanidade e à mídia, trabalhando nos entremeios das disciplinas, conforme a proposta do mestrado e da teoria, pois a AD trabalha com a língua relacionada com sua exterioridade, articulando conhecimentos de outras disciplinas, com o homem falando e levando em conta a produção de sentidos como parte da vida dos sujeitos (ORLANDI, 2013).

Para efeito de fechamento, cabe-nos refletir sobre o desenvolvimento e os resultados deste estudo. O que nos moveu para esta investigação foram as transformações da escrita/escritura, a passagem do oral para a escrita/escritura, que coloca o que antes era da ordem da escuta, para a ordem do olhar, ressoando na comprovação e permanência do discurso no tempo que, por meio da evolução tecnológica, ultrapassa fronteiras.

Analisamos que com as transformações da escrita/escritura, os sujeitos também se transformam a partir de suas relações sociais, por isso elegemos a rua como espaço do político em que essas relações ocorrem, pois segundo Pêcheux (2009), não é o homem que produz o conhecimento, mas os homens em sociedade e na história. Para que pudéssemos analisar as materialidades em tela, foi preciso compreender o urbano, bem como a rua como parte do urbano, como objeto simbólico em que os sujeitos significam-se e que são significadas neles.

Além disso, analisamos o posicionamento dos sujeitos dos veículos midiáticos destacando que o sujeito é acometido pela ilusão de que a linguagem é homogênea, devido ao assujeitamento ideológico e o atravessamento do inconsciente dos sujeitos. Portanto, nessa perspectiva, a mídia segue uma linha editorial e, por isso, os sujeitos, mesmo

inconscientemente, escolhem as palavras para produzir os efeitos desejados. Esses efeitos são ressoados, também, pelas imagens, pelas cores e pelos não-ditos, mas presentes.

Para a análise dos discursos dos manifestantes de rua de 2013 a 2015, foi necessário traçar o percurso histórico dos principais movimentos de rua, de modo que fosse possível analisar o funcionamento de memória (discurso *de*) que sustenta a atualidade (discurso *sobre*). Assim, focamo-nos em textos-imagens dos discursos *dos* manifestantes e *dos* discursos dos veículos midiáticos *sobre* os manifestantes para que pudéssemos aliar o aparato teórico à prática, por meio de análises.

O sujeito, para Análise de Discurso, ocupa um lugar social de onde produz seu discurso, ou seja, as palavras significam pela história e pela língua. Nos discursos em análise, o sujeito ocupa o lugar social de cidadão brasileiro e, desse lugar, enuncia, interpelado em sujeito pela ideologia que se materializa em seus discursos. Por isso, mesmo inconscientemente, todos se posicionam sobre o tema abordado, inclusive os jornalistas, que em tese, deveriam ser imparciais.

As análises das materialidades propostas, a partir dos fundamentos teóricos defendidos pela Análise de Discurso, de vertente francesa, em torno do sujeito, das formações discursivas, da ideologia e das memórias, encaminham para a compreensão da língua em sua heterogeneidade e para a reiteração do assujeitamento do sujeito, enquanto formador e receptor do discurso. Esses efeitos ocorrem pelos não-ditos, que ressoam pelos enunciados-imagem, enquanto espaços interdiscursivos.

Nas materialidades (cartazes) analisadas, observamos que, inicialmente, os manifestantes, em 2013, reivindicavam uma série de mudanças e, por isso, deixavam as redes sociais para irem às ruas, o que permaneceu em 2014. Já, em 2015, houve apenas dois protestos, que pediam o *impeachment* da presidente Dilma e a intervenção militar, ressoando saturação dos manifestantes em relação às reivindicações de 2013 e 2014, e, ao mesmo tempo, causando efeito parafrástico, uma vez que em 2013 e 2014, a população se posicionava contra a polícia.

Além disso, os manifestantes de 2015 se renderam ao futebol brasileiro, uma vez que, para representar as cores do país, vestiam-se com camisas da seleção brasileira, causando um efeito polissêmico em relação aos movimentos de 2013 e 2014, tendo em vista que o estopim das manifestações nesses dois anos deu-se por conta dos demasiados gastos com a Copa do Mundo e o descaso com os direitos da população brasileira.

Os sujeitos-autores das materialidades (capas) em tela posicionam-se de formas diferentes em relação às manifestações de rua, de acordo com a linha editorial de cada revista,



sinalizando para a filiação ideológica e para a formação discursiva em que se inscrevem. O sujeito-autor da Revista *IstoÉ*, apresenta-se como favorável às manifestações, uma vez que trata o movimento como legítimo, ao utilizar da palavra “pacífico” e escolheu retratar essa característica que, inicialmente, era lema da manifestação, mesmo após a onda de revolta e agressões no decorrer do movimento. Além de mostrar os sujeitos-manifestantes sendo oprimidos pela polícia, ressoando a repressão pelo governo, quando, na verdade, deveria trabalhar em função do bem-estar da população.

Já o sujeito-autor da *Revista Veja* expressa seu posicionamento contrário ao movimento, pois retratou os manifestantes como “bando” e “que sai às ruas para quebrartudo”, preferindo não se ater ao movimento como calmo, mas sim como vandalismo e, também, como alguém que não entende nada e se esconde, exemplificado com o enunciado-imagem dos *Black Bloc*.

Dessa forma, percebe-se que os sentidos dependem do contexto sócio-histórico, das condições de produção e de circulação do discurso e que os sujeitos têm a ilusão de serem objetivos, a origem do dizer, mas a isenção é apenas uma ilusão, já que se posicionam, em seus discursos, a partir dos quais as suas filiações ideológicas podem ser interpretadas, pois os discursos, para significarem, dependem das redes de memórias que atualizam os dizeres do presente. O intradiscurso a partir do interdiscurso.

Nesse sentido, a rememoração e a comemoração caminham juntas, uma vez que o discurso *de* sustenta o discurso *sobre*, pois, discursos que funcionaram no passado são atualizados e interpretados no eixo da formulação, isso devido às formações ideológicas dos sujeitos. Por isso, consideramos a rememoração como a memória do saber, visto que, por meio da repetição, o já-dito se cristaliza e instaura o novo. Assim, é partir da rememoração que os registros podem ser recuperados e atualizados pela comemoração.

Além disso, os sentidos das palavras funcionam no discurso e resultam das posições dos sujeitos em uma determinada formação ideologia. Por isso, esse gesto interpretativo sinaliza para as inscrições dos sujeitos em formações discursivas e para o assujeitamento e atravessamento da ideologia. Nesse sentido, o sujeito-autor, interpelado por essa posição, assume a responsabilidade pelo dizer e o sujeito-leitor, por seu lado, lê as materialidades a partir da ideologia que o constitui e não pela posição assumida pelos veículos em que essas materialidades circulam. É assim que a intenção falha e os sentidos podem sempre ser outros, como diz Orlandi (2003).

Esses efeitos de sentidos que ressoam pelas palavras ocorrem pelo que é silenciado, apagado pela sobreposição de uma palavra por outra, ou pela censura, em que o silêncio se faz

preciso e depende da formação ideológica em que o sujeito se filia para enunciar. Esse silenciamento foi analisado, neste trabalho, por meio dos enunciados “sem máscaras”, “pacífica”, “o bando de caras tapadas” e dos textos-imagens a que os enunciados se relacionam, os quais se sustentam pelas redes de memórias que instauram/constituem efeitos de sentidos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto Antônio Penedo do; SOUSA, Nalva Lopes de. **Afasta de mim esse cálice! Chico Buarque e a censura no Brasil pós 1964**. Minas Gerais: Revista Vozes dos Vales da UFVJM, 2012. Disponível em: < <http://site.ufvjm.edu.br>> Acessado em: 10/jun/2015

ANONYMOUS BRASIL. **Sobre anonymous: quem somos**, 2013. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com>> Acessado em: 10/jun/2015

BARBAS, Cristina. **O intertexto bíblico na obra A LESTE DO ÉDEN**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, 2011. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br>> Acessado em: 30/mar/ 2015

BARROS, Renata C. B. de; MASSMANN, Débora. Mobilidade e acessibilidade no espaço e-urbano. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A Origem do Alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009. Disponível em: < <http://dalete.com.br/>> Acessado em: 30/mar/2015

CAMPELLO, Berdadete; CALDEIRA, Paulo da terra. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA, Rosimeri Claudiano da; SILVA, Renato da; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo**, 2013. Disponível em: < [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)> Acessado em: 27/mar/2015

COURTINE, Jean-jacques. **Analyse Du discours politique**. Languages, 1981.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, Cristiane. **A escrita como tecnologia da linguagem**. Santa Maria: Coleção Hiper S@beres, 2009. Disponível em: <[www.ufsm.br/hipersaberes](http://www.ufsm.br/hipersaberes)> Acessado em: 19/nov/2015  
\_\_\_\_\_. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital** [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

\_\_\_\_\_. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FOLHA ONLINE. **Máximas sobre o ato de escrever**. 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha>>. Acessado em: 27/mar/2015  
 G1 Brasil, jornal online. **Atos são maior mobilização sem líder da história brasileira, dizem analistas**, 2013. Disponível em:< <http://g1.globo.com/brasil> > Acessado em 22/dez/2014.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOOGLE, Imagens. **Cartazes sobre as manifestações de 2013**. Disponível em: <<http://google.com.br/imagens>> Acessado em 22/dez/2014.

GOULART, Magnus Eduardo. **Análise da discursivização das manifestações populares ocorridas no Brasil em 2013 e sua repercussão no ambiente digital**. Curitiba/ PR: Universidade Federal do Paraná, 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

HEITLIGLER, Paulo. **A escrita cuneiforme**. 2007. Disponível em: <<http://tipografos.net>> Acessado em: 22/mar/2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURSKI, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, Freda; MITIMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristine Leandro. **Memória e história na/da análise de discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Lula lá: estrutura e acontecimento**. Organon. v.17, n. 35. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2003.

JORNAL DA CULTURA. **Panelaço que marcaram a história da política pelo mundo**. Redação TV Cultura, 2015. Disponível em: <<http://cmais.com.br>>. Acessado em: 20/set/2015

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 2003.

LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael. **Introdução à história da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 2. ed. Sao Paulo: Atica, 1986.

LE GOOF, Jacques [Tradução Bernardo Leitão et al.]. **História e memória**. Campinas, SP. Editora: UNICAMP, 1990, Coleção Repertórios.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Orlandi. Campinas/SP: Pontes, Editores, 2003.

MALUF-SOUZA, Olimpia. **Cidade, discurso e ideologia**. II Seminário em Análise do Discurso O Campo da AD no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. UFRGS, 2005.

MEREGE, Ana Lúcia. **A história da escrita: uma introdução**. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 2009. Disponível em: <<http://objdigital.bn.br>>. Acessado em: 22/04/2015.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos; MADRID, Daniela Martins. **Conceituando a homossexualidade**. Intertemas, 2009. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista>>. Acessado em 13/06/2015.

NEURÔNIO, Nerd. **A origem e a história por trás da máscara do Anonymous**, 2012. Disponível em: <<https://neuronionerd.wordpress.com>>. Acessado em: 15/06/2015

NUNES, José Horta. Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Brasília: Em aberto, 1994. Disponível em: <[www.emaberto.inep.gov.br](http://www.emaberto.inep.gov.br)>. Acessado em 05/08/2015

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: nos movimentos do sentido**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. Rua: Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6ª. Ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004b.

\_\_\_\_\_. Violência e processos de individuação dos sujeitos na contemporaneidade. In: SANGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**, 2008, p. 117-130.

\_\_\_\_\_. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In: ORLANDI, Eni. **Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso**. Campinas/SP: Editora RG, 2010a, p. 11-42.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. In: DIAS, Cristiane (Org.). **E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital**. Labeurb, Campinas, 2010b. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acesso em: 18/out/2015

\_\_\_\_\_. Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação. In: Zandwais, Ana; ROMÃO, Lucília Souza (Orgs.) **Leituras do político**. Porto Alegre/RS: Editora da URS, 2011a, p. 53-64.

\_\_\_\_\_. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/história e indivíduo/sociedade. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange;

FERREIRA, Maria Cristina (orgs). **Memória e história na/da Análise de Discurso**. Campinas/SP. Mercado das Letras, 2011b, p. 37-64.

\_\_\_\_\_. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.). **E-urbano**: sentidos do espaço urbano/digital. Labeurb, Campinas, 2011c. Disponível em: < <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acesso em: 20/out/2015

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2ªed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013. 5. Ed.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013b. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acessado em: 15/09/2015

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. IN: ORLANDI, Eni (et al). Trad. Bethânia Mariani [et al]. 2ª. Ed. **Gestos de leitura**: Da história no Discurso. Campinas/SP. Editora da UNICAMP, 1997a.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso. In GADET, F. e HAK, T. (org) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução às obras de Michel Pêcheux. Campinas: Ed da Unicamp, 1997b.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 2009.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Lilian; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br> > Acessado em: 30/04/ 2015

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **A Crítica textual e a recuperação da história**, 2005. Disponível em: < <http://www.uefs.br> > Acessado em: 28/04/2015.

QUEIROZ, Andréia Cristina de Barros. **A Universidade no Brasil e as suas memórias**: um estudo sobre a preservação de seu acervo. Recife, 2010. Disponível em: <<http://www.encontro2010.historiaoral.org.br>> Acessado em: 10/09/2015

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REVISTA ISTOÉ. **O manifestante**. Editora Três, 2013. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/capa> Acessado em: 02/dez/2014

REVISTA VEJA. **O bando de caras tapadas**. Editora Abril, 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br> Acessado em: 02/dez/2014

REZENDE, Cláudia Maria de. **Desvendando o mistério da mistura “explosiva” da Coca-Cola diet e da bala Mentos**, 2008. Disponível em: < <http://www.uff.br> > Acessado em: 16/06/2015.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Hélder Sousa. **Influências e contribuições dos escritos de a Gramática de Port-Royal na Análise de Discurso Pecheutiana**. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br> > Acessado em 27/04/2015.

SCHERER, Amanda. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: ORLANDI, Eni. In: SANGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**, 2008, p.131-142.

SILVA, Lucília Lopes. **A importância da palavra escrita na evolução do homem**, 2009. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br>> Acessado em 28/04/2015.

SOUSA, Rogério. **Os hieróglifos: a escrita da vida**. Universidade do Porto CITCEM, 2012. Disponível em:< <http://ler.letras.up.pt>> Acessado em: 22/04/ 2015.

STELLA, Jorge Bertolasso. **A gramática Pânini**. Curitiba: Revista Letras, 1960. Disponível em:< [www.ser.ufpr.br](http://www.ser.ufpr.br) > Acessado em: 25/04/ 2015.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. **A constituição da cena urbana em Luciola: as oposições e as contradições entre o privado e o público**. Guarapuava/ PR: UNICENTRO, 2014.116 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2014.

VALENTE, Luciano. **Uma reeleitura de letras e memória: uma breve história da escrita**. *ComCiência* [online]. 2009. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br> > Acessado em: 30/04/2015

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Rememoração/Comemoração no discurso urbano**. RUA[online]. 2009b. Disponível em: < <http://www.labeurb.unicamp.br> > Acessado em: 10/09/2015

\_\_\_\_\_. Mídia, ruído e silêncio tumular na constituição contraditória da memória em curso/discurso. In: TASSO, Ismara; SILVA, Érica. **Língua(gens) em discurso: a formação dos objetos**. Campinas/SP: Pontes editores, 2014, p. 119-136.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2006. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 2009.

WINCHUAR, Márcio José de Lima. **O funcionamento da rua na divisão material do espaço urbano**. Guarapuava/ PR: UNICENTRO, 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2014.